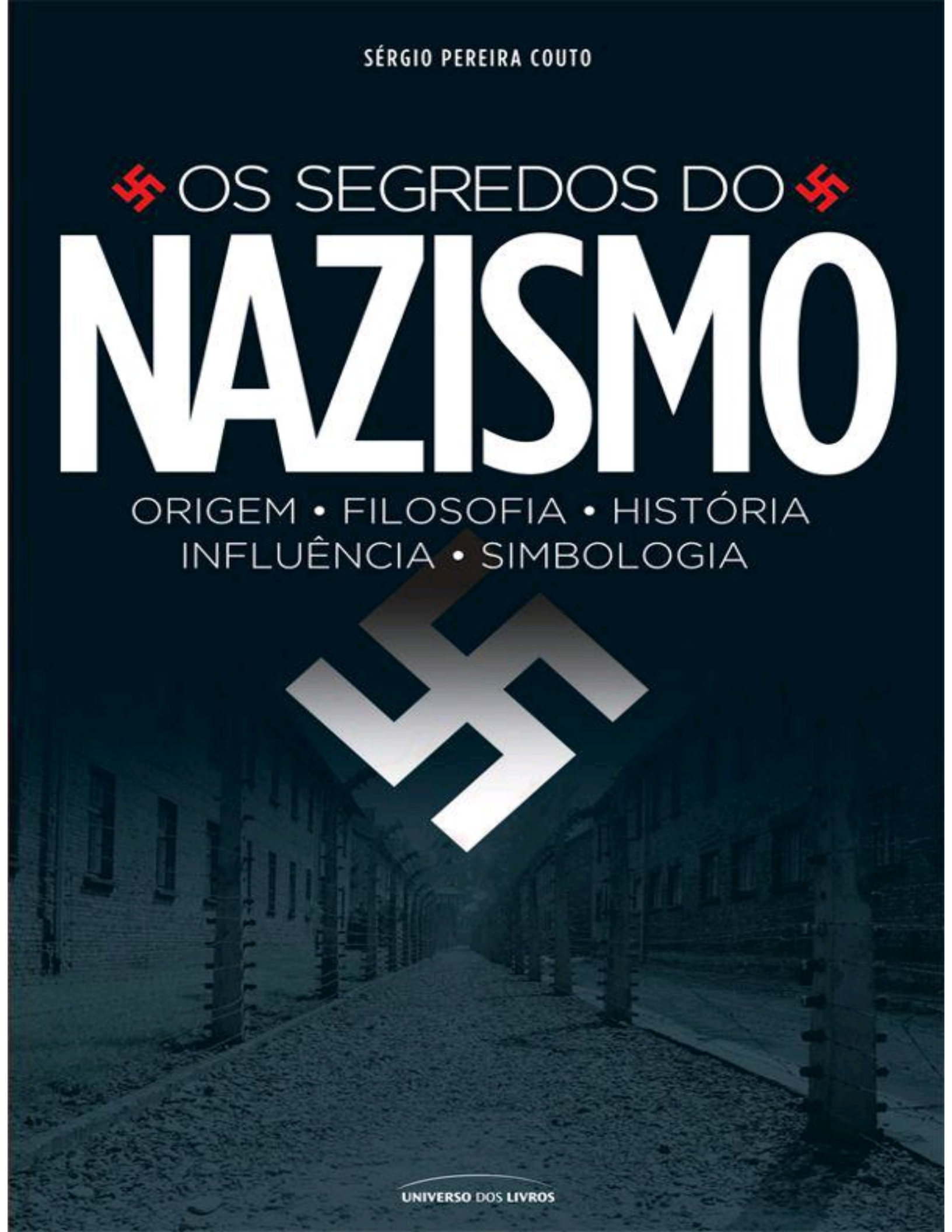
SÉRGIO PEREIRA COUTO

OS SEGREDOS DO NAZISMO

ORIGEM • FILOSOFIA • HISTÓRIA
INFLUÊNCIA • SIMBOLOGIA



UNIVERSO DOS LIVROS

SÉRGIO PEREIRA COUTO

OS SEGREDOS DO NAZISMO

UNIVERSO DOS LIVROS

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua Tito, 1.609
CEP 05051-001 • São Paulo/SP
Telefone: (11) 3648-9090 • Fax: (11) 3648-9083
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Conselho Administrativo: Alessandro Gerardi, Alessio Fon Melozo, Luis Afonso G. Neira, Luis Matos e William Nakamura.

© 2008 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor Editorial
Luis Matos

Coordenação Editorial
Renata Miyagusku

Assistência Editorial
Carolina Evangelista

Preparação dos Originais
Fernanda Batista dos Santos

Revisão
Mona Calil Cury

Projeto Gráfico
Fabiana Pedrozo

Diagramação
Stephanie Lin
Fabiana Pedrozo

Capa
Sergio Bergocce

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

C871s Couto, Sérgio Pereira.

Segredos do Nazismo / Sérgio Pereira Couto. – São Paulo: Universo dos Livros, 2008.
128 p.

ISBN 978-85-99187-73-9

1. Nazismo. I. Título.

CDD 320.533

CAPÍTULO 1
INTRODUÇÃO

O quanto realmente sabemos sobre as forças que tornaram o nazismo esse fenômeno popular que dominou a Alemanha e levou o país a uma Segunda Guerra Mundial? À parte todo o horror que o conflito desencadeou, muito do qual veio das idéias distorcidas que dominaram as mentes dos integrantes do partido de Hitler, é necessário procurar causas mais profundas.

As crenças que geraram muitos dos mitos nazistas surgiram de lendas que rodaram entre os alemães como se fossem verdades incontestáveis. Por exemplo, alguém hoje saberia explicar a idéia da raça ariana e de sua tão citada pureza?

Para quem não sabe, a idéia que gerou o racismo hitleriano veio de textos antigos do hinduísmo (religião predominante da Índia), do zoroastrismo (religião de Zoroastro ou Zaratustra, que já foi a religião predominante do atual Irã), dos livros sagrados do zoroastrismo conhecidos como *Gathas* e do *Rigveda* (um livro religioso antigo da Índia que é uma coleção de hinos védicos em sânscrito dedicados a entidades conhecidas como "Rigvédicas").

Esse é o segredo do pensamento nazista: a distorção de idéias místicas e esotéricas retiradas de fontes antigas. Por isso é necessário conhecer essas influências e analisar o que gerou o distorcido regime nazista. A história tende a se repetir, e evitar a ascensão de outros regimes como o da Alemanha dos anos 1940 é extremamente necessário, ainda mais no mundo moderno.

E não é preciso ser um neonazista ou participante de algum outro movimento para entender. Por exemplo, diz-se que Adolf Hitler tirava muito de seu pensamento de pureza do povo cátaro. Isso mesmo, enquanto há pessoas que lembram desses hereges como mártires da perseguição católica, os nazistas os usavam como modelos a serem seguidos para se obter a pureza da raça.

Ao longo deste trabalho analisaremos essas influências de maneira histórica e imparcial sob o ponto de vista político. O leitor deve ter em mente que se trata apenas de um estudo sobre o assunto e não uma tentativa de exaltar qualquer idéia desta natureza. Como teremos oportunidade de observar, as fontes esotéricas e mitos inspiradores eram tão estranhos que é de se espantar que os nazistas, que se orgulhavam de serem superiores até em sua inteligência, tenham levado essas história a sério.

Outro aviso importante a ser dado: esqueça as bobagens de Hollywood registradas em filmes como Indiana Jones ou Hellboy. Os conceitos realmente existiram e são levados em consideração por certas correntes esotéricas até hoje. Como veremos neste trabalho, são bem diferentes do que é mostrado na telona dos cinemas, mas, com certeza, possuem força para influenciar a crença das pessoas até os dias de hoje.

Assim, vamos começar nosso estudo com a dissertação de um tema que é objeto de pesquisas em vários sistemas de busca de Internet como o Sapo ou o Google. O chamado Misticismo Nazista é uma subcorrente do nazismo de natureza quase religiosa. Neste estranho movimento (cuja existência é coloca em dúvida por alguns pesquisadores, que o consideram apenas uma lenda dos dias modernos) podemos observar uma mistura da ideologia nazista com as já citadas fontes de ocultismo, esoterismo, parapsicologia e criptohistória (ou revisionismo histórico, uma tendência a manipular de maneira ilegal fatos históricos para propósitos políticos).

O Misticismo Nazista lida principalmente com os destaques religiosos dados para a figura de Hitler e a suposta missão do nazismo. Muitos dos oficiais de alto escalão, ligados diretamente a Hitler, foram apontados como envolvidos com assuntos esotéricos, entre eles nomes como Richard Walther Darré, Rudolf Hess, Heinrich Himmler e Alfred Rosenberg.

O problema, ao se levantar este assunto, é que muitos fatos estão ligados puramente ao campo da especulação. Há pouca comprovação histórica e muitas versões "populares" que mostram contos de natureza fantástica, como o da suposta presença nazista no Tibete (do qual falaremos mais à frente neste livro). Justamente por isso as tentativas de obter uma definição maior sobre uma filosofia nazista mística são amplamente rejeitadas por historiadores e adeptos de movimentos místicos alemães.

DADOS BÁSICOS

O movimento *völkisch* (ou seja, popular) que resultou no Esoterismo Nazista tem suas raízes em idéias místicas supostamente projetadas por Hitler em pessoa e alguns dos oficiais mais ligados a ele. Porém, seriam estas idéias realmente um produto do pensamento nazista? Por ter sido uma época envolta em muito segredo militar, nada mais é 100% garantido, mas as histórias que resultaram fascinam as pessoas até hoje.

Na verdade há certas correntes filosóficas modernas que afirmam estudar o resultado direto desse pensamento, entre elas a que verifica o chamado Esoterismo Hitleriano, que estuda as mitologias pré-cristãs que foram adotadas pelo nazismo e a incorporação de Hitler nessas lendas. Falaremos mais sobre elas nos próximos capítulos.

Há também a Tempelhofgesellschaft, ou Sociedade do Templo, que recebe esse nome porque cada adepto é considerado um templo (no sentido mais ligado ao Templo de Salomão, de Jerusalém) onde o espírito de Deus reside. Essa sociedade foi originalmente fundada em Viena, na Áustria, no começo da década de 1990 por dois estudiosos do gnosticismo, Norbert Jurgen-Ratthofer e Ralft Ettl. Entre suas crenças vemos alguns elementos do catarismo: para eles, que ensinavam uma forma de gnosticismo chamada Marcionismo (uma seita religiosa que foi fundada em 144 d.C., em Roma, por Marcião de Sinope, um religioso cristão, e denunciada como herética). Para eles, o maligno criador deste mundo, o Demiurgo, era Jeová, o Deus dos judeus. Distribuíam panfletos onde afirmavam que a raça ariana vinha originalmente do continente perdido da Atlântida. Por sua vez, os atlantes teriam vindo de uma estrela, a de Aldebaran, o que era de acordo com crenças divulgadas por antigos manuscritos encontrados na Suméria (o atual Iraque). A lenda ia mais longe e afirmava que os arianos de Aldebaran obtinham seus poderes da energia Vril do Sol Negro (esses conceitos serão explicados em outros capítulos). Assim, como os arianos são de origem extraterrestre, teriam a "missão divina" de dominar todas as outras raças.

Além dessas correntes ainda é possível identificar organizações como a Artgemeinschaft, de fundamentos neopagãos, fundada em 1951, e a Armanen-Orden, de Adolf Schleipfer, instituída em 1976. Ambas ajudaram de maneira significativa a entender melhor o misticismo germânico pós-Segunda Guerra, embora não sejam consideradas em si formas de Esoterismo Nazista.

A RAÇA ARIANA

Mas, afinal, o que pode ser considerado como "raça ariana"? O conceito, como já foi dito, tem suas origens em escritos muito antigos. E como quase todos os conceitos empregados pelos nazistas, assumiu uma forma um pouco diferente da original.

Historicamente os povos de origem indo-iranianos eram os mais antigos que se conhecia a falarem as línguas indo-européias. Com o passar do tempo outros povos, como os romanos, os gregos, os alemães, os celtas, os eslavos e os bálticos foram considerados como pertencentes ao mesmo grupo. Afirma-se que as línguas de todos eles tinham uma origem comum, a chamada língua proto-indo-européia, que seria falada por seus respectivos ancestrais originais. Esse grupo, bem como seus descendentes modernos, foram então chamados de "arianos" com a intenção de oferecer uma distinção de línguas marcada pela etnicidade e comportamento.

O termo chegou a ser usado mais comumente entre o final do século XIX e o começo do XX. Um exemplo desse uso pode ser observado no livro *The Outline of History* (também conhecido como *A Short History of The World*, Capítulo XIX), de H. G. Wells, onde há relatos sobre os feitos atribuídos aos arianos. O autor ainda faz uma sugestão de que essa raça teria dominado e subjugado "todo o mundo antigo, semítico, egeu e egípcio". A maioria dos pesquisadores históricos indica que o uso do termo "ariano" para definição do povo indoeuropeu está obsoleto.

A idéia de que os "arianos puros" viriam nos países ao norte da Europa surgiu pelas mãos de escritores como o diplomata, escritor e filósofo francês Joseph Arthur de Gobineau, hoje considerado uma grande influência no racismo do século XIX. Seu discípulo, o escritor britânico Houstin Stewart Chamberlain, escreveria *A Gênese do Século XX*, publicado em 1899, onde afirma que "a raça superior ariana era ancestral de todas as classes superiores européias e da Ásia". Também dizia que ela não estava extinta, mas era conservada "em estado puro" na Alemanha.

Assim o termo "ariano" refere-se especificamente ao subgrupo dos indo-europeus, que se estabeleceu no planalto iraniano desde o final do terceiro milênio a.C. Esse povo teria habitado a Península da Índia por volta de 1500 a. C., vindo do norte, disseminando-se depois principalmente pela Índia e pela Pérsia. Seus descendentes, aqueles que fundaram a civilização indiana e subjugaram as populações locais, deram origem ao conhecido sistema indiano de castas (Brâmanes, xátrias e vaixás). Essa suposta pureza e conseqüente separação de classes foi a base inspiradora dos defensores do arianismo, para quem o potencial humano seria diluído conforme os diversos cruzamentos entre os povos aconteciam, o que provocaria em teoria a perda do contato com a parcela divina e perfeita inerente dos arianos.

O TERMO "ARIANISMO"

A palavra mais usada pelos nazistas tem sua origem etimológica no termo latino a ariānus (cujas declinações são ariāna – plural - e ariānum - singular). Na verdade o ariano seria o originário da região da Ária (também escrita como Arīa ou Ariāna), correspondente à parte da Pérsia (em algumas versões seria parte da Ásia).

O nome Ária vem dos termos gregos Areía ou Ária. Estes, por sua vez, derivam dos radicais persas ariya (outra versão afirma que vem do avéstico airya). Eram usados para definir os povos invasores que mantinham relação étnica (muitas vezes de solidariedade) com aqueles que eram dominados, os bárbaros.

Vale lembrar que, até hoje, os armênios se autodenominam de arianos, exatamente com essa conotação racial de "sangue puro". O que não é de se espantar, uma vez que povos dessa região já usavam o termo nesse contexto desde a Antiguidade. Os persas usavam-no para descrever a sua linhagem e a sua língua, uma tradição que resistiu à passagem do tempo.

Os registros históricos apontam uma proclamação encontrada em Naqsh-e Rustam, na região do atual Irão, atribuída a Dario, o Grande, que diz:

"Eu sou Dario, o Grande Rei(...). Um Persa, filho de um Persa, um Ariano de linhagem Ariana (...)."

No mesmo texto há uma referência à "língua ariana", que seria o que hoje se denomina persa antigo. Inexplicavelmente, com toda a obsessão nazista pelo termo, não se sabe por que eles não quiseram adotar também essa linguagem para se comunicar.

O termo também foi adotado como conceito religioso entre os seguidores do Zoroastrismo. Pouco antes da Revolução de 1979 que destronou o último Xá do Irão, a família deste último acrescentou o termo *Āryāmehr* (Luz dos Arianos) àqueles que já eram usados por costume, entre eles *Shahanshah* (Rei dos Reis, usado inclusive por Xerxes, que enfrentou o rei Leônidas, de Esparta, na famosa Batalha das Termópilas). No Afeganistão há até hoje uma empresa aérea que se chamada *Ariana Airlines*. E ainda há outros usos dos termos, incluindo nomes pessoais persas como Arya (para mulheres) e Aryan (para homens). E em outros casos os termos ariano e iraniano são usados como sinônimo um do outro, como no Aryan Bank, um banco iraniano.

MADAME BLAVATSKY

Uma grande influência para os altos escalões nazistas foi mesmo a doutrina mística criada pela misteriosa mulher fundadora da Teosofia, conhecida como Helena Petrovna Blavatsky. Ela foi uma das fundadoras da Sociedade Teosófica e autora de livros esotéricos que são lidos avidamente até os dias modernos, como *Ísis Sem Véu* (escrito em 1875) e *A Doutrina Secreta* (de 1888).

Blavatsky nasceu em Ekaterinoslav, no sul da Rússia, hoje território pertencente à Ucrânia. Seu verdadeiro nome era Helena von Hahn. Assumiu o sobrenome Blavatsky devido a um curto casamento com um homem bem mais velho, Nikifor Vassilievitch Blavatsky, aos dezessete anos.

Era filha do Coronel Feter von Hahn e Helena de Fadeyev, conhecida escritora de romances. Era também neta por parte de mãe da princesa Helena Dolgorukov, botânica e escritora. Depois da morte de sua mãe, Helena cresceu sob cuidados de seus avós na cidade de Saratov. Era dotada de poderes psíquicos ou sobrenaturais, de acordo com relatos de testemunhas. Mostrou-se interessada no esoterismo desde nova e teve acesso a várias obras da biblioteca pessoal do seu bisavô, que havia pertencido no final do século XVIII à maçonaria.

Quando ela se casou com Blavatsky, de quem ficou com o nome, foi uma relação estranha, uma vez que o casamento em si nunca se consumou. Dizem que Helena fez isso apenas para conquistar independência. Quando ainda estavam em lua-de-mel ela se afastou do marido e iniciou inúmeras viagens pela Turquia, Egito e Grécia. Em algumas dessas excursões foi acompanhada por Albert Rawson, um americano que era explorador natural, também membro da maçonaria.

Reza a tradição que, em seu aniversário de 20 anos (ocorrido em 1851), Helena estava em Londres, acompanhada do pai, quando encontrou-se com seu Mestre pela primeira vez, um suposto oriental chamado Rajput (conhecido entre os teósofos como Mahatma M ou Mestre Morya). Pouco depois ela embarcou para o Canadá e viajou pelos Estados Unidos, México, América do Sul e Índia. Foi para esse último país que ela retornou, em 1855, onde passou por um período de treinamento orientado por seu Mestre. Entre 1860 e 1865, foi para o Cáucaso, onde experimentou outras experiências psíquicas, o que teria possibilitado, segundo ela mesma, "adquirir total controle sobre seus poderes psíquicos". Quando voltou ao Tibete, em 1868, conheceu Mestre K. H. (ou Mestre Koot Hoomi) e ficou como hóspede em sua casa.

Em 1871 embarcou para o Egito no porto de Perea, na Grécia. Seu navio naufragou próximo à ilha de Spetsai. Foi salva e levada para o Cairo, onde fundou a Societe Spirite, com a intenção de propagar e incentivar fenômenos espíritas e mediúnicos na linha de Allan Kardec, uma porta de divulgação para introduzir ensinamentos ocultos. Mas nada dá certo, pois alguns dos participantes fingem ser médiuns enquanto outros não passam de "alcoólatras contumazes". Logo este grupo estaria desfeito.

Seguindo ordens de seu mestre, foi para Paris e depois, Nova York. O ano é 1874 e é a época em que conhece o Coronel Henry Steel Olcott e um jovem advogado irlandês chamado William Quan Judge. É então fundada a Sociedade Teosófica.

No ano seguinte ela publica sua obra *Ísis Sem Véu*, um livro que relata sobre o desenvolvimento das ciências ocultas, a natureza e origem da magia, as raízes do cristianismo, e os erros da teologia cristã. Três anos depois e com um movimento crescente, ela e Olcott transferiram a sede da Sociedade Teosófica para a Índia. Em 1879, começou a publicação da primeira revista tesofófica, chamada *The Theosophist*. No ano seguinte ela e Olcott vão para o Ceilão (hoje Sri Lanka) e estreitam laços com o sistema ético do budismo esotérico mahayana. Por fim, em 1822, os dois chefes da teosofia compram um grande pedaço de terreno em Madras, na Índia, e estabelecem a sede

internacional da Sociedade Teosófica.

Blavatsky morreu em 1891, em Londres, e Olcott em 1907, em Madras. Depois disso a Sociedade Teosófica ficou nas mãos da discípula predileta de Helena, Annie Besant, e de William Quan Judge. O corpo de Madame Blavatsky foi cremado e as cinzas divididas em três partes. A primeira ficou na Europa, enquanto a segunda foi para os Estados Unidos e a terceira está em Madras, na sede internacional da Sociedade Teosófica, inseridas numa estátua erguida em sua homenagem. Atendendo a seu pedido, registrado em testamento, os teósofos do mundo inteiro reúnem-se no dia de sua morte, em 8 de maio, para comemorar o acontecido como O Dia do Lótus Branco.

AS RAÇAS-RAIZ

Outros livros se seguem, mas é mesmo *A Doutrina Secreta* que se firma como sua maior obra literária. Originalmente composta por dois volumes, a obra pretende ser "uma síntese do pensamento científico, filosófico e religioso" vigentes. Seu primeiro volume traz estudos sobre a evolução do universo, enquanto o segundo traz a origem e a evolução da humanidade. E é nele que estão as idéias que inspiraram os nazistas em sua busca pelo sangue perfeito.

Basicamente o livro fala sobre as chamadas raças-raiz que evoluem a cada "ronda de um globo", ou seja, a cada período de evolução de um planeta. Em cada "ronda" surgem sete "sub-raças", derivadas da raça-raiz. No período atual, temos as seguintes raças já identificadas:

Sem mente ou nascidos por si mesmo: uma raça que surgiu há aproximadamente 300 milhões de anos e que viveu num continente identificado como "A Ilha Sagrada e Imperecível". Seus componentes seriam imensos e não possuem corpos físicos nem mentes, sendo criaturas etéreas. Sua reprodução ocorreria como a das amebas, por cissiparidade. Por não ser mortal, ela não desapareceu mas sim, se converteu na próxima raça.

Sem ossos ou nascidos do suor: raça de seres que viveram num continente chamado Hiperbóreo. Possuem uma mente rudimentar, mas ainda não demonstram possuir ligação entre espírito e matéria. Quando terminaram seu período de evolução se tornaram a raça seguinte. Esta e a anterior seriam as Raças Semidivinas.

Lemiruana ou nascidos do ovo: raça que vive num continente chamado Lemúria. Era inicialmente hermafrodita e se reproduziam por um ovo que saía de seus corpos. Durante sua evolução passaram por grandes mudanças e, ao final, tornaram-se mortais e consolidaram seu corpo físico e seu sistema de reprodução sexuada. Tornou-se a raça seguinte.

Atlante: gigantes que viveram há 18 milhões de anos na Atlântida. Foram os primeiros que podem ser chamados de homens. São o ponto médio da evolução na ronda atual. Quando a Atlântida foi destruída pelo cataclisma que a arrastou para o fundo do mar, seus sobreviventes fundaram a próxima raça.

Ariana: raça que incluiria os hindus, os persas, os egípcios, os gregos e os europeus. Blavatsky a descreve da seguinte maneira:

"As raças arianas, por exemplo, variam do moreno, quase negro, até o mais claro, e mesmo assim são todos do mesmo grupo(...), todos vindos do mesmo progenitor (...), que teria vivido cerca de 18 milhões de anos atrás, e também há 850.000 anos, no tempo do afundamento do grande continente da Atlântida."

Assim os arianos existiriam na Terra há cerca de um milhão de anos.

Sexta: raça que seria originária da evolução da anterior e que irá começar a se desenvolver, segundo Blavatsky, a partir dos Estados Unidos.

Assim, até o final desta ronda, mais duas raças deverão surgir a partir da sexta. Só então este período de evolução chegará ao fim. Estes mesmos conceitos chegaram à atenção dos nazistas levados por uma figura-chave no esoterismo que predominou nessa época, chamada Guido Von List.

Runas: o último nome a ser citado nesta introdução é o de Von List, que foi um poeta, jornalista, escritor, homem de negócios, entre outras coisas. Mas seu nome ficará marcado para sempre na história como o ocultista e autor *völkisch* (movimento populista focado no folclore alemão), além de

"runósofo" (espécie de filósofo das runas).

Ele é autor de um livro chamado *Das Geheimnis der Runen* (*O Segredo das Runas*), um estudo detalhado das *Armanen Futharkh* (ou Runas Germânicas). Essas 18 runas são assim classificadas:

Número	**Nome da Runa**
01	Fa
02	Ur
03	Thurs
04	Os
05	Rit
06	Ka
07	Hagal
08	Nauth
09	Is
10	Ar
11	Sig (a runa símbolo das SS)
12	Tyr
13	Bar
	Laf

14	
15	Man
16	Yr
17	Eh
18	Gibor

Essas runas foram reveladas a Von List num período de 11 meses de cegueira temporária depois de uma operação de catarata realizada em 1902. Essa visão teria aberto seu "olho interior" e o segredo das runas (daí o nome de seu livro) fora então revelado. Von List afirmou ainda que essas runas estavam codificadas na *Edda Porética*, coleção de poemas em norueguês antigo preservados nos manuscrito medieval islandês chamado *Codex Regius*. O trecho em questão enumera 18 sabedorias, interpretadas como a "canção das 18 runas". O escritor e seus seguidores acreditavam que esses símbolos representavam as "runas primordiais", nas quais as versões históricas foram baseadas.

Foi por sugestão de Vion List que os nazistas adotaram a suástica como símbolo de seu partido. Embora o símbolo tenha estreitos traços com a mitologia indiana, também era adotada pelos antigos escandinavos e simbolizava Mjollnir, o martelo do deus do trovão, Thor, que esmaga a cabeça da serpente de Midgard no Ragnarock. Também foi sua a sugestão de adotar a runa Sig como símbolo das SS.

Mas Von List era mais do que um simples estudioso místico. Afinal, muito do que o incentivava a estudar as runas era a crença de que as letras do alfabeto escandinavo antigo possuíam poderes mágicos.

Ele acreditava também que havia uma conspiração judia que ameaçava a existência da raça ariana, um conceito muito deflagrado na Europa por causa da publicação de um livro forjado pela polícia secreta czariana, chamado *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. Esse texto descrevia um suposto plano para que os judeus pudessem atingir a dominação mundial. Veremos mais sobre os *Protocolos* nos próximos capítulos.

Von List morreu em 1919, em Berlim. Foi cremado em Leipzig e suas cinzas colocadas numa urna que foi posta no cemitério mais famoso de Viena, onde também estão os compositores Beethoven, Brahms, Schubert e Strauss. E antes de sua morte suas idéias já haviam sido absorvidas e estavam sendo processadas pela ideologia nazista.

CAPÍTULO 2
SOCIEDADE THULE E O SOL NEGRO

Qual a origem do ódio nazista pelos judeus? Várias teses são conhecidas, mas a que mais encontra adeptos pelo mundo todo é a de que o pensamento ariano, que já era predominante nos alemães de forma discreta, encontrou um elemento que provocou o foco desses sentimentos e se tornou a válvula de escape desse povo após o fracasso de sua atuação na Primeira Guerra Mundial.

Mas o que provocaria o surgimento desse ódio? Claro que admitir o fracasso pela derrota era pouco, alguém deveria estar por trás dos acontecimentos. Mas quem? De acordo com palavras do próprio Hitler, em seu *Minha Luta* (*Mein Kampf*), vemos o seguinte trecho, retirado do capítulo XI, intitulado "Nação e Raça":

"... até que ponto toda a existência desse povo é baseada em uma mentira continuada incomparavelmente exposta nos Protocolos dos Sábios de Sião, tão infinitamente odiado pelos judeus. Eles são baseados num documento forjado, como clama o jornal Frankfurter Zeitung toda a semana: é a melhor prova de que eles são autênticos. O que muitos judeus fazem inconscientemente, aqui é exposto de forma consciente. E é isso o que importa. É completamente indiferente de qual cérebro judeu essa revelação se originou; o importante é que com uma certeza positiva e terrível eles revelam a natureza do povo judeu e expõem seus contextos internos bem como seus objetivos finais. Todavia a melhor crítica aplicada a eles é a realidade. Qualquer um que examine o desenvolvimento histórico dos últimos 100 anos, do ponto de vista deste livro, vai entender de uma vez os gritos da imprensa judaica. Agora que este livro se tornou uma propriedade do povo a ameaça judaica é considerada como interrompida."

Para entender melhor a obsessão que tomou conta dos nazistas é necessário conhecer um pouco sobre esse texto que, hoje, sabemos ser uma farsa. Os famosos *Protocolos dos Sábios de Sião*, que os nazistas e neonazistas adoram citar como se fosse uma verdadeira obra literária, nada mais é que uma obra forjada durante a Rússia do Czar Nicolau II, o último dos Romanov, que governou entre 1894 e 1917. A obra culpa os judeus pelos males que se abateram naquele país e surgiu originalmente em edições privadas no ano de 1897, sendo que somente se tornou pública em 1905. É uma cópia tirada de outra obra literária, um romance do século XIX chamado *Biarritz*, originalmente publicado em 1868, cuja história gira ao redor da existência de uma cabala secreta judaica e suas conspirações para conquistar o mundo.

Esse romance foi criado por um autor alemão claramente antisemita chamado Hermann Goedsche, que preparou o escrito sob o pseudônimo de Sir John Retcliffe. A idéia, por sua vez, veio de outro escritor, Maurice Joly, autor de *Diálogos no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu*, publicado em 1864, e que falava sobre uma conspiração no Inferno contra Napoleão III. Goeddsche somente trocou a figura conspiratória dos escritores citados pelos judeus e inseriu cenários mais contemporâneos.

Como sabemos, o Império Russo anterior à Revolução Comunista procurava um bode expiatório para os problemas internos, mais ou menos como na Alemanha entre guerras. E os russos não tiveram

escrúpulos ao usar partes da novela de Goedsche e publicá-las separadamente, já com o nome dos *Protocolos*, acompanhadas de afirmações de que se tratavam de atas verdadeiras de reuniões secretas realizadas pelos judeus. Com isto esperavam reforçar a imagem do Czar ao identificar seus verdadeiros oponentes. Registros históricos demonstram que Nicolau já via o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, publicados em 1848, como uma ameaça. Marx, por ser judeu, mas não seguir a religião e falar abertamente sobre a idéia de um regime político em que a religião como um todo fosse banida, era a figura perfeita para a criação de uma "ameaça judaica fundamentada".

Apesar da obra ter sido constantemente acusada como fraudulenta (em 1921 por Philip Grave, um correspondente do *London Times*; em 1920 por Lucien Wolf no livro *The Jewish Bogey and the Forged Protocols of the Learned Elders of Zion*; e em 1971 por Herman Bernstein na obra *The Truth about the Protocols of Zion*: *a Complete Exposure*, entre outros) ela continuou a ser usada como um documento histórico verídico e confundiu a cabeça das pessoas.

Mas os anti-semitas usaram e abusaram do texto. Um caso que ficou notório foi sua publicação nos Estados Unidos num jornal de Michigan cujo proprietário era ninguém menos que Henry Ford, o criador dos carros que levam seu nome. O próprio Ford era anti-semita e autor de um livro obscuro chamado *O Judeu Internacional*. Mesmo depois que a fraude foi denunciada o jornal continuou a publicar o texto.

Hitler usaria os *Protocolos* como uma justificativa para a necessidade do extermínio dos judeus numa atividade de propaganda que começou cerca de dez anos antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial. De acordo com o pensamento nazista, era necessário tomar certos cuidados contra os planos judeus de domínio mundial, que haviam sido "descobertos" pelos russos em 1897. Eles ainda afirmariam que o plano ainda estava em andamento 33 anos depois. Hitler dizia que eram a prova da "culpa" dos judeus pela Revolução Comunista.

E o texto seria usado até hoje por grupos racistas, supremacistas brancos, nazistas e neonazistas para justificar os males que afligem os povos que estejam sob regimes autoritários. A publicação dos *Protocolos* em várias línguas, incluindo o Português, ajudou a sua propagação. Ainda hoje, neonazistas afirmam que os judeus seriam responsáveis pela queda do comunismo e sua posterior democratização.

A SOCIEDADE THULE

Um dos primeiros lugares a usar o conteúdo dos *Protocolos* para discutir em público foi a chamada Sociedade Thule (no original, *Thule-Gesellschaft*). O grupo foi fundado originalmente como *Studiengruppe für germanisches Altertum* (ou Grupo de Estudo para Antiguidade Germânica), mas logo começou a disseminar propaganda anti-semita.

Seu fundador foi Rudolf von Sebottendorff, um ocultista alemão que era maçom, astrólogo, numerólogo e praticante de meditação sufi, ligado à tradição sufista muçulmana. Inicialmente uma loja maçônica, logo assumiria o nome de *Germanenorder Walvater*, um desdobramento da *Germanenorder*, uma sociedade secreta conhecida como Ordem Teutônica, fundada em 1911. Era baseada em Munique e tirou seu nome mais conhecido de um país localizado, segundo um mito grego, no nordeste da Grécia.

Von Sebottendorff declarou em várias oportunidades que a verdadeira missão da Sociedade Thule era "ser um veículo para promover suas próprias teorias ocultistas"[1]. A pressão para que se tornasse um grupo voltado para a política da época surgiu devido à pressões da própria Germanenorder. Essas declarações foram feitas numa época em que os nazistas estavam em pleno poder e o fundador da Thule tinha pouco a ganhar ao negar o anti-semitismo, o que levou muitos pesquisadores do assunto a assumirem isto como uma verdade.

O fato é que o grupo se tornou conhecido como a organização que apoiou o *Deutsche Arbeiterpartei*, mais tarde transformado por obra de Hitler no Partido Nacional-Socialista Alemão. Vale, entretanto, lembrar que o próprio Hitler, até onde se sabe, nunca foi membro da Thule.

O foco principal das atividades era determinar a origem da raça ariana. O fato de poetas como Virgílio (que menciona na *Eneida* o termo "Última Thule", ou "a Thule mais distante") e geógrafos greco-romanos localizarem o país Thule no extremo nordeste (ou seja, no extremo do mundo conhecido até então), levaram os "pesquisadores" da sociedade a identificarem essa terra como Escandinávia. Assim os místicos nazistas definem a terra de Última Thule como um longo território próximo da Islândia ou da Groenlândia, capital da terra da Hiperbórea.

De um modo geral, essas idéias vêm de uma especulação inicial de Ignatius L. Donnelly, um congressista norte-americano que fez fama com escritos sobre teorias concernentes ao destino da Atlântida. Ele afirmava que a terra perdida dos atlantes era a origem dos arianos. Para apoiar sua teoria, usava a distribuição da suástica pelas culturas mundiais como um grande indício do êxodo dos sobreviventes atlantes. E fazia ligações entre essa distribuição e os escritos de Platão sobre o continente perdido, teoria também utilizada por Madame Blavatsky, como já vimos no capítulo anterior. Para completar, vale lembrar que a Thule manteve contato constante com os seguidores da teosofia.

SEGUIDORES E ATIVIDADES

O contingente da Thule alcançou a marca dos 250 membros em Munique e mais 1.500 na Bavária. Seus encontros aconteciam, em geral, num hotel de Munique chamado Vier Jahreszeiten (As Quatro Estações). Muito das atividades do grupo tinham mais a ver com a divulgação de idéias racistas (como os debates promovidos para propagar os *Protocolos*) do que com possíveis estudos ocultistas. Sua meta era combater a influência "perniciosa" de judeus e comunistas. Alguns estudiosos chegam a apontar o boato que correu na época de que a Thule estaria envolvida num plano de seqüestro do primeiro-ministro socialistas Kurt Eisner, organizador da Revolução Socialista que conseguiu derrubar a monarquia da Bavária em 1918.

O fato é que a Thule foi acusada de tentar impor seu próprio governo quando da criação da República Soviética da Bavária em 1919. Foi durante esta tentativa que o então governo soviético prendeu vários membros do grupo para executá-los mais tarde.

Enquanto isso, em Munique, a sociedade comprou um jornal semanal, conhecido como *Münchener Beobachter* (Observador de Munique) e mudou seu nome para *Münchener Beobachter und Sportblatt* (algo como Observador de Munique e Relatório de Esportes), numa tentativa de aumentar sua circulação. Algum tempo depois esse mesmo periódico iria se tornar o *Völkischer Beobachter* (Observador do Povo), o principal jornal nazista, editado por Karl Harrer, um dos membros fundadores do Partido dos Trabalhadores Alemães, o embrião do Partido Nazista.

Naquele mesmo ano outro membro da Thule, Anton Drexler, que estabelecera contatos entre a sociedade e várias outras organizações extremistas dos direitos trabalhistas, junta-se a Karl Harrer para participar do Partido dos Trabalhadores. Também Hitler entra em cena no mesmo ano. Em abril, o DAP (do alemão Deutsche Arbeiterpartei) se reorganiza e torna-se o Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores ou NSDAP (do alemão Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei).

O fundador da Thule, por sua vez, resolve abandonar o grupo e, até onde se saiba, nunca se juntou ao DAP ou ao NSDAP. Vários textos históricos de proeminentes estudiosos falam sobre a inclusão de diversos membros da Thule no alto escalão nazista, incluindo nomes como Dietrich Eckart (um dos membros-chave do nazismo e o primeiro a utilizar o termo Terceiro Reich, em cuja honra Hitler dedicou seu livro *Mein Kampf*), Gottfried Feder (cujas palestras atraíram Hitler para o partido), Hans Frank (julgado em Nuremberg por seu papel na execução do Holocausto na Polônia), Rudolf Hess (assistente de Hitler no partido nazista) e Alfred Rosenberg (principal teórico do nacional-socialismo e conselheiro de Hitler). O historiador Nicholas Goodrick-Clarke, autor de *Sol Negro*, sobre o lado esotérico do nazismo, afirma que esses mesmos supostos membros não o seriam de fato, uma vez que tudo não passou de uma gentileza oferecida a eles pela Thule durante a Revolução Bávara, ocorrida em 1918. Além dos nazistas mais iminentes também há outros nomes que são ligados à Thule, como Karl Fiehler (prefeito de Munique entre 1933 e 1945) e o doutor Wilhelm Frick (executado por crimes de Guerra logo após o fim da Segunda Guerra Mundial).

Outros autores e estudiosos divulgaram que Hitler era um membro do grupo. O fato é que não há, até hoje, uma única evidência de que isto fosse verdade. Pelo contrário, a maioria dos historiadores afirma que o Führer nunca esteve num encontro da sociedade e citam como prova os registros controlados por Johannes Hering. A principal corrente de pesquisas afirma que Hitler era um homem que tinha pouco ou nenhum interesse em questões esotéricas.

No começo de 1920 Harrer é forçado a deixar o DAP e Hitler tornou-se o elo com a Thule que, em seguida, começou a perder influência e foi dissolvida cinco anos depois, bem antes do Führer tomar o poder.

Em 1933 Rudolf von Sebottendorff, que já estava afastado da Thule há pelo menos 14 anos, voltou à Alemanha com a esperança de que pudesse reativá-la, desta vez com os propósitos corretos. Naquele ano ele publicou um livro, *Bevor Hitler kam* (*Antes de Hitler vir*), onde afirmava que a Thule preparou o caminho para o líder nazista. As afirmações, entretanto, não foram bem recebidas pelas autoridades em questão e, como resultado, nos anos seguintes as sociedades secretas alemãs (incluindo ocultistas ditos do movimento popular) foram proibidas e muitas fecharam suas portas graças à legislação antimaçônica de 1935. O livro de von Sebottendorff foi proibido e o autor preso em 1934, para depois ser enviado para o exílio na Turquia.

Porém, muito foi dito sobre a incorporação de idéias vindas da Thule dentro dos conceitos do Terceiro Reich. Alguns desses ensinamentos teriam sido divulgados nos livros de Alfred Rosenberg como *O Mito do Século XX*. Muitas dessas idéias de cunho ocultistas encontraram em Heinrich Himmler um defensor que, ao contrário de Hitler, não só tinha um grande interesse no assunto como também aplicou muitos conceitos que foram facilmente identificados, como a estrututa das SS, semelhante à da Ordem dos Jesuítas conduzida por Santo Inácio de Loyola.

Entre os muitos boatos e teorias de conspiração ligados à Thule e jamais confirmados estão várias histórias que alimentaram o mundo do cinema e das bandas desenhadas[2]. Por exemplo, como Dietrich Eckart ajudou Hitler a desenvolver suas habilidades de oratória, foi dito que a sociedade de alguma forma havia dado ao Führer poderes hipnóticos para o domínio das massas, que mais tarde contribuiriam para sua popularidade e sucesso. Uma teoria derrubada somente pela confirmação de que Eckard nunca foi membro da sociedade.

Outra história famosa fala sobre uma paranormal chamada Maria Orsic, que teria convencido os nazistas de que a raça ariana não havia se originado na Terra, como dizem os ensinamentos de Madame Blavatsky, mas sim, num planeta chamado Aldebaran na constelação de Touro, a cerca de 65 anos-luz de distância.

Outras histórias falam da ligação entre a Thule e a Sociedade Vril (da qual falaremos nos capítulos seguintes) em algum ponto do ano de 1919. Tanto a Vril quanto outro grupo, conhecido como Os Homens da Pedra Negra adorariam uma deusa germânica da montanha chamada “Isias” (talvez uma corruptela de Isis) e uma Pedra Negra vinda do espaço (a *Schwarzer Stein*), talvez um meteorito.

O SOL NEGRO

Embora os nazistas não admitam oficialmente o uso de signos místicos, sua crença na raça ariana já os contradiz. E é da mesma Helena Blavatsky que podemos encontrar mais um conceito místico por eles usado, o do Sol Negro.

Blavatsky lançou o conceito na verdade como o Sol Central, apresentado na Gnose como "o Centro de Centros, que enlaça e unifica as nebulosas de milhões e milhões de sóis que existem aos milhares no céu", em oposição ao Sol Polar, "o centro galáctico de toda a nossa nebulosa e de seus cem mil sóis". Esse sol invisível simboliza a ascensão de uma força ou pólo opositor.

O símbolo pode ser decomposto basicamente em um grupo que contém três suásticas, uma nascente, uma no zênite e uma poente. Uma outra interpretação para o desenho é que ele incorporaria as 12 runas Sig reversas das runas armânicas. O desenho foi também adotado por neonazistas como um substituto para a suástica tradicional.

O Sol Negro foi muito usado como adorno de broches, onde era possivelmente uma variação da suástica usada nos emblemas da Roma imperial e era usado por tribos de francos e germânicos como fivela de cintos femininos, com o número de raios nos broches varia entre cinco e 12.

Goodrick-Clarke descreve em *Sol Negro* que os broches do começo da Alemanha medieval apresentavam o mesmo símbolo e conclui que os artefatos originais que o usavam tinham uma importância ligada ao Sol. Diz ele:

"Esta roda solar de 12 raios é derivada dos discos decorativos dos Merovíngios do começo da era medieval e supostamente representa o Sol visível ou sua passagem pelos meses do ano."

O mais famoso local ligado aos nazistas e que apresentou este símbolo foi mesmo o Mosaico de Wewelsburgo, que é onde podemos observar a forma utilizada pelo esoterismo germânico e pelo nazismo esotérico de hoje. Trata-se de um mosaico encontrado no piso de um castelo construído em 1603, datado da época da Renascença e localizado na região conhecida como Renânia do Norte-Vestfália, um dos 16 estados da Alemanha.

O mosaico em questão fica no chão da Torre Norte do Castelo, uma parte que sobreviveu quando o local estava em ruínas até 1815. Claro que, para aqueles que seguiam as normas esotéricas, isso foi de grande importância e este fato não passou desapercebido de Himmler no outono de 1935. Ao estabelecer o castelo como o "centro do mundo", que servia mais como uma central de seu grupo, a torre serviu como uma espécie de centro de culto pseudo-religioso para os oficiais do alto escalão das SS.

Um projeto assim ambicioso precisaria de ajuda para que tomasse a forma desejada. Afinal, um castelo medieval necessitaria de alguns retoques em seus planos estruturais, tarefa que coube ao arquiteto Hermann Bartels, ele próprio um membro das SS. A Torre Norte teve as seguintes áreas planejadas para poder aproveitar sua significância em três níveis:

1. Onde havia originalmente uma cisterna foi criado uma caverna no modelo dos túmulos encontrados por Heinrich Schliemann (o descobridor de Tróia) na cidade grega de Micenas que deveria servir para uma espécie de comemoração dos mortos.
2. O andar térreo deveria receber ainda uma sala cheia de colunas.
3. Os níveis superiores deveriam ser completados com salas de reunião para os componentes das

SS.

Porém, o projeto nunca foi completado, pois foi interrompido em 1943. Os estudiosos do local não conseguiram ainda discernir se o símbolo no piso da Torre foi posto antes ou depois dos nazistas e da ocupação de Himmler. Há várias especulações e discussões sobre o verdadeiro propósito do Sol Negro naquele local.

O Museu de Wewelsburg comercializa um livro sobre a história do castelo entre 1933 e 1935, mas não diz quem o colocou lá. Os planos que haviam sido traçados por Bartels não mencionam o mosaico. Para ajudar na divulgação das lendas nazistas, ainda circulam boatos de que, no meio do desenho, havia um disco de ouro, embora fotos do local mostrem que isso não seria muito provável.

Outra história que ajuda no mito do Sol Negro é o rumor de que um desenho idêntico ao do castelo de Wewelsburg foi encontrado numa parede pintada num abrigo memorial militar dedicado a Otto von Bismark, responsável pela unificação da Alemanha e primeiro chanceler do Império Alemão.

O grande mistério reside no fato de se saber um detalhe: qual teria sido a real inspiração para Himmler lançar mão de tal símbolo. Aparentemente sua inspiração foi um "velho símbolo ariano" que deveria imitar a Távola Redonda do mito arturiano, onde cada raio do Sol representaria originalmente um cavaleiro ou, no caso dos nazistas, um oficial do círculo interno das SS. Há uma versão do Sol cuja interpretação foi divulgada num romance de grande sucesso britânico, *The Black Sun*, de James Twining. O símbolo uniria três outros componentes da ideologia nazista: a roda solar, a suástica e a runa estilizada da vitória.

Erich Halik, membro de um grupo esotérico chamado Círculo de Viena (formado em 1950), foi o primeiro a ligar as SS com o símbolo do Sol Negro após observar a presença do mesmo num avião alemão ao final da Segunda Guerra Mundial. Outra fonte que liga o símbolo ao culto nazista foi o chamado Seminário Thule (não confundir com a Sociedade Thule), uma organização neonazista de elite com sede em Kassel, cidade situada no norte do Estado de Hessen, no oeste da Alemanha. Seu jornal, chamado *Elemente*, traz em edição publicada em 1998 uma ilustração composta por um guerreiro marcial que segura um escudo decorado com a roda de Wewelsburg. Sua espada levantada proclama o esforço para o "renascimento da Europa" contra o "holocausto de pessoas no altar do multiculturalismo".

Descrição retirada de um documento da própria Thule que circula nos meios acadêmicos.
Bandas desenhadas é sinônimo de histórias em quadrinhos.

CAPÍTULO 3
DISCOS VOADORES NAZISTAS

Um dos pontos mais controversos quando se fala de nazismo e de suas supostas raízes esotéricas está nos chamados discos voadores. Antes que o leitor se sinta indignado com esse assunto e resolva partir para outra leitura, é interessante colocar que, por mais absurdo que o assunto possa parecer, há um fundo de interesse neste tópico que fascina a maioria dos interessados pelo assunto, sejam eles admiradores de Ovnis ou da história da II Guerra Mundial.

É importante deixar claro que boatos sobre discos voadores eram comuns na época anterior à Guerra. Muitos historiadores sérios garantem em trabalhos e páginas acadêmicas na Internet que este tipo de boato, apesar de comum, nada tem a ver com uma comprovação séria sobre a tecnologia nazista. É claro que os teoristas de conspirações precisariam deixar Hitler e os alemães ainda mais diabólicos do que já se encontravam e falar sobre pactos nazistas com forças sobrenaturais e seres de outros planetas seria o caminho mais lógico para conseguir isso.

Mas vamos analisar o assunto com muito cuidado para não nos enrolarmos nessa teia estranha de histórias. Vamos começar com um texto recente. O seguinte trecho reproduzido abaixo foi traduzido pelo site Ceticismo Aberto (www.ceticismoaberto.com/ufologia/ufosnazistas05.htm). Trata-se da reprodução de um artigo de Kevin McClure, um especialista e estudioso dedicado aos OVNIS nazistas que, por sua vez, mantém uma página em inglês com detalhes interessantes sobre esse assunto. Vamos dar uma olhada no parágrafo de abertura:

"Uma das poucas referências que não consegui encontrar antes de escrever esta parte é um livro, provavelmente de 1993, chamado Close Encounters of the Kugelblitz Kind, por Vladimir Terziski. Terziski apareceu primeiro dentro ou ao redor daquele ano, reivindicando ser o 'Presidente, Academia americana de Ciências Dissidentes, 10970 Ashton Ave. #310, Los Angeles, CA 90024, E.U.A.' Quando escrevi para a Academia pedindo informação adicional, minha carta foi devolvida, a Academia não sendo conhecida no endereço. Ele também alega que ele é 'um engenheiro e físico búlgaro, graduado Cum Laude do programa de Mestrado em Ciência da Universidade de Tokai em Tóquio em 1980. Serviu como pesquisador de energia solar, Academia Búlgara de Ciências, antes de imigrar para os EUA em 1984'."

Por que este nome parece ser tão interessante para o autor do artigo? Porque ele teria informações interessantes sobre os Ovnis nazistas. Essa estranha figura, que rendeu muita dor de cabeça para o autor do artigo, fala muito sobre Renato Vesco, um engenheiro italiano que trabalhou com os alemães durante a II Guerra Mundial e que chegou a ocupar um cargo de gabinete com o governo italiano da época. O misterioso Terzinski define Vesco como "o Wernher von Braun italiano, o cientista de pesquisa responsável pelo programa de Pesquisa e Desenvolvimento Especial da Força aérea italiana durante a guerra".

Mas o que este e outros nomes ligados aos nazistas teriam de tão especial para serem lembrados até hoje? Bem, segundo várias fontes impressas e eletrônicas, todos eles teriam conhecimento de que,

durante a Guerra, uma "raça tutora alienígena" teria começado a cooperar secretamente com alguns cientistas alemães ainda no final da década de 1920. Seu objetivo seria introduzir conceitos avançados de progresso tecnológico, filosófico e cultural de maneira discreta e que não fosse facilmente identificado pelos inimigos aliados.

Terzinski afirmou, por exemplo, que seu próprio estudo indicou que a pesquisa alemã com naves que continham dispositivos antigravidade teria começado naquela mesma década com a "primeira nave híbrida de antigravidade circular, a RFZ-1, construída pela Sociedade Secreta chamada Vril" (falaremos mais sobre este grupo no próximo capítulo).

Outro registro que o "pesquisador" esotérico teria indicaria a existência de uma série de máquinas que funcionariam com dispositivos do mesmo tipo entre 1942 e 1943. Essa série de máquinas teriam culminado numa estação espacial enorme, batizada de Andrômeda, que mediria aproximadamente 106 metros de comprimento e que tinham formato de charuto. Esta maravilha da tecnologia teria sido construída em antigos hangares de zepelins próximo de Berlim, com o apoio da E4, uma espécie de divisão de pesquisa e desenvolvimento ligado às SS.

Vesco é citado como autor de certos comentários sobre o uso excessivo dos nazistas de trabalho escravo por, acreditem se quiser, "membros da SS puramente concebidos que vivem no subterrâneo, conduzindo experiências genéticas que continuam aquelas da Segunda Guerra, em prosseguimento do 'pacto Alemães-Nazistas-Illuminati', que foi estabelecido 'com as raças serpente muito anos antes que o governo híbrido 'secreto/convencional' o fizesse".

Assim, não teríamos essencialmente uma só raça alienígena, mas sim várias, que, ao combinarem suas forças, teriam dado aos seguidores de Hitler um poder bélico incalculável. E essas são apenas duas histórias simples que aparecem quando se estuda esse assunto. Há seguidores neonazistas até hoje, em alguns países europeus e americanos, que acreditam que o conhecimento tecnológico adquirido pela troca de experiências com essas raças alienígenas já vinha de antes da Primeira Guerra Mundial e que foram criados vários grupos que teriam por objetivo proteger esse "tesouro nazista" até o advento do Quarto Reich.

FOO FIGHTERS

Porém, o leitor não deve se precipitar e achar que tudo é puro delírio de pessoas que enxergam conspirações em cada canto do planeta. Fatos que envolvem este tema têm uma raiz em assuntos amplamente conhecidos e divulgados em meios científicos. A capacidade de manipulação desses dados é que realmente impressiona.

Por exemplo, qualquer pessoa que se dedique a estudar relatos de pilotos na II Guerra Mundial poderá constatar que, realmente, houve vários relatos de pilotos de aviões militares aliados que falavam sobre o avistamento de "estranhas esferas luminosas que surgiam inesperadamente e costumavam voar em formação com seus aviões". Esses objetos não identificados causavam falhas nos radares de bordo e logo se tornaram conhecidos das pessoas pelo nome de *Foo Fighters*, um termo originário da junção das palavras francesas *feu* (fogo) e *fou* (insano) com a palavra inglesa *fighter* (avião de caça). E foi esse o nome com que os norte-americanos batizaram essas bolas de luz.

Como se tratava de algo que não se conhece uma explicação lógica, e como estamos falando de uma época em que o fogo cruzado da II Guerra estava em plena ação, a explicação mais convincente acusou o fenômeno de ser uma arma secreta dos nazistas. E o mais curioso é que essa chegou a ser a opinião predominante, segundo relatos de militares da época, pelo menos até que o conflito terminou e os aliados chegaram à conclusão de que as estranhas luzes não eram nenhuma arma nazista. Na verdade também os alemães tinham problemas com os *foo fighters*, conforme provam relatos de pilotos da Luftwaffe, a ponto deles terem criado em 1944 um projeto secreto de investigação que ficou conhecido como "Sonder Büro nº 13" (Base Especial nº 13).

Tal projeto possuía um nome de código para disfarçar sua verdadeira atividade, que era conhecido como Operação Uranus. As atividades eram acompanhadas por equipes compostas por oficiais de aviação, engenheiros aeronáuticos e conselheiros científicos. O objetivo desses alemães era "recolher, avaliar e estudar os relatórios de observações dos pilotos sobre estranhos objetos voadores que apareciam perto dos aviões alemães e, ainda, voavam com eles em formação durante alguns minutos".

Essa preocupação alemã com as luzes brilhantes começou em 1943, quando o Estado maior do Exército do Ar da Alemanha começou a receber cada vez mais relatórios sobre esses estranhos avistamentos. Assim, somente pelo fato de existir um projeto nazista para o estudo do fenômeno prova que não se tratava de uma "arma secreta de Hitler".

Por sua vez, no lado inimigo e no mesmo ano, os ingleses já tinham uma pequena organização em andamento que estudavam o mesmo fenômeno, chamado de Projeto Massey. Uma das conclusões mais incríveis de suas investigações eram que as luzes que circulavam no meio dos bombardeios da guerra eram "flashes provocados com fins psicológicos para desorientar e assustar os pilotos". Em resumo, os ingleses estavam convencidos de que realmente se tratava de uma arma psicológica nazista.

O inquérito preliminar conduzido pelo projeto Massey e que chegou à conclusão tão estranha refletiu, assim, a opinião dos aliados. O site Painel Ovni (www.painelovni.com.br), ligado ao Centro Brasileiro de Pesquisas Ufológicas, traz um artigo sobre o assunto onde consta o depoimento de um ex-oficial aviador da USAF que atuou na II Guerra, colhido para a revista *American Legion Magazine*, de Nova York. Confira a seguir a transcrição:

"(...) provavelmente os Foo-fighters são o desenvolvimento de uma arma psicológica usada pelos alemães. Durante as missões noturnas sobre a Alemanha Ocidental, eu avistei por várias vezes

discos ou globos luminosos que perseguiam as formações aéreas. Como se sabe, os caças noturnos alemães tinham potentes faróis colocados na proa ou nos cubos das hélices… faróis que tinham a finalidade de apontar para o alvo, para enquadrá-lo melhor, e também para ofuscar as metralhadoras das torres de comando dos bombardeiros inimigos. E esses faróis resultavam em freqüentes alarmes que provocavam uma contínua tensão nervosa nas tripulações de nossos aviões, baixando o rendimento das suas ações. E no último ano de guerra, os alemães enviaram contra nós um certo número de corpos luminosos aéreos rádio-comandados para perturbar o dispositivo de ascensão dos motores e o funcionamento do radar de bordo."

Aparentemente esta é uma fonte que diz, textualmente, que os militares norte-americanos também achavam que os *foo fighters* eram uma arma secreta alemã, embora desconhecessem por completo que os alemães também se esforçavam para compreender o mesmo mistério.

É claro que isso se espalhou entre as pessoas por fontes não oficiais e os boatos começaram. A mesma revista norte-americana colheu outros depoimentos de ex-oficiais que davam uma versão ainda mais estranha sobre as luzes: elas seriam, na verdade, aparelhos controlados por rádio que os alemães teriam usado para interferir nos radares inimigos durante os bombardeios noturnos.

Foi preciso que o Projeto Massey lançasse mão de um espião infiltrado na Alemanha para descobrir que as luzes não eram dispositivos nazistas, já que estes pensavam que se tratava de uma arma secreta dos aliados. Depois disso o projeto foi extinto em 1944, quase ao mesmo tempo em que o tal espião foi preso e executado na primavera daquele ano.

Renato Vesco, que na época se apresentava como engenheiro aeronáutico, foi um dos responsáveis por espalhar a história do envolvimento alemão com OVNIS e, mais especificamente, com os *foo fighters*. Ele afirmava que as luzes eram "veículos voadores não tripulados com o nome código de 'Feuerball' (Bola de Fogo)". Esses supostos aparelhos tinham a finalidade de realmente atrapalhar os radares aliados por meio da "ionização da atmosfera obtida a partir de fortes campos eletrostáticos e impulsos eletromagnéticos gerados por válvulas Klystron". Eles seriam mesmo controlados por terra por meio de ondas de rádio e tinham sua propulsão gerada por meio de um motor de reação, que era de um tipo secreto que criava o halo luminoso característico avistado pelos pilotos.

É claro que, tudo junto, só poderia mesmo criar o ambiente propício para os boatos que cercaram os nazistas e as acusações de envolvimento destes com raças alienígenas que tentariam ganhar a guerra para eles.

Assim não é de se espantar que muitos se lembrem dos relatos e impressões colocadas por Terziski, que lançou mão dos relatórios e dados fornecidos por Vesco para falar dos supostos "progressos" tecnológicos dos nazistas.

O problema maior quando se estuda o caso é que mesmo os estudos do "pesquisador" que não se baseiam diretamente em relatos de nazistas são um tanto controversos. Por exemplo, quando falava sobre as supostas viagens dos seguidores de Hitler para a Lua ou Marte. Vejamos nas próprias palavras dele como esses feitos incríveis aconteceram:

"Os alemães pousaram na Lua já em provavelmente 1942, utilizando o maior de seus foguetes-discos exoatmosféricos do tipo Miethe e Schriever. O foguete Miethe foi construído em diâmetros de 15 e 50 metros, e a turbina Walter que movia a nave Schriever projetada como um veículo de exploração interplanetária. Tinha um diâmetro de 60 metros, com 10 andares de compartimentos para tripulação, tendo 45 metros de altura(...).
Desde seu primeiro dia de pouso na Lua os alemães começaram a perfurar e a escavar a superfície, e ao final da II Guerra havia uma pequena base de pesquisa nazista na Lua. O motor de energia livre de táquion do Haunibu tipos 1 e 2 foi usado depois de 1944 para levar pessoas, material e os primeiros robôs para o local de construção na Lua. Quando os russos e americanos pousaram em conjunto na Lua secretamente no começo dos anos cinqüenta com seus próprios discos, eles passaram sua primeira noite lá como convidados da base subterrânea nazista."

Vamos ver agora algumas informações colhidas de vários documentários alemães sobre essas naves. Segundo esses filmes a única nave do tipo Haunibu-3 (nome de um encouraçado de guerra naval de 74 metros de diâmetro) teria sido escolhida para realizar uma viagem a Marte. Essa nave tinha o formato de um disco voador tradicional e também possuía, além de motores Andrômeda Táquion maiores que os já utilizados, quatro torres de armas de "calibre naval grande triplo", sendo três delas de cabeça para baixo e fixas do lado inferior da nave, além da quarta, localizada acima dos compartimentos de tripulação.

Como teria sido composta essa tripulação tão corajosa? Os documentários são quase unânimes em afirmar que os componentes eram alemães e japoneses que teriam plena noção de que se tratava de uma missão suicida, ou seja, de uma viagem que teriam poucas ou nenhuma chance de voltar.

Há também certos textos que circulam em páginas de Internet que descrevem os elementos estruturais componentes do motor dessa nave, que possuíam campos eletromagnéticos de grande intensidade e eram compostos de uma liga metálica de baixa qualidade, o que faria com que a nave enfrentasse fadiga mais rapidamente.

Esse vôo teria acontecido um mês antes do fim oficial da II Guerra (abril de 1945) e teria sido controlado por meio de mensagens de rádio recebidas por um centro de controle subterrâneo controlado por alemães em Neu Schwabenland e na sua base lunar.

Todas essas naves teriam mesmo existido? Para os pesquisadores e historiadores, tudo isto não passa de mais uma tentativa de mostrar o quanto os nazistas eram traiçoeiros e de má índole. Mas a relação das supostas "máquinas voadoras" encontradas em livros e páginas de Internet é de impressionar. Vejamos algumas das mais citadas, a maioria criada pela Sociedade Vril:

1. **Nave original**: seria uma máquina do tempo que foi testada por dois anos. Teria sido desmontada no começo de 1934 e levada para Augsburg. Afirma-se que era um projeto baseado em informações extraídas de uma raça alienígena vinda de um planeta que orbitava a estrela de Aldebaran (Alfa Tauri).
2. **RFZ-1**: a sigla RFZ vem do termo "runflugzeug", que significa "aeronave redonda". Seria uma nave criada em 1934 que se acidentou em baixa altitude no primeiro teste realizado.
3. **RFZ-2**: nave completada no fim de 1934 que tinha quase cinco metros de comprimento e teria sido a primeira construída com "direção de impulso de campo magnético". Supostamente foi flagrada por uma foto em 1940 quando estaria em operação sobrevoando o Oceano Atlântico.
4. **RFZ-4**: nave de teste movida por hélices com a finalidade de estudar a aerodinâmica de uma nave em forma de disco. Seria um experimento das SS (unidade E4).
5. **RFZ-5**: conhecida como Haunebu I (de "nebel", neblina). Media quase 26 metros de comprimento e teria sido posta em funcionamento em agosto de 1939, quando teria sobrevoado Praga. Teria uma tripulação de oito pessoas e alcançava a velocidade de mais de 19 mil quilômetros por hora e seria equipada com duas armas laser.
6. **RFZ-6**: conhecida como Haunebu II, teria formato variado entre 26 e 30,5 metros de diâmetro e 9 e 11 metros de altura. Atingia a incrível velocidade de quase seis mil quilômetros por hora. Há plantas que mostram como seria essa máquina, que teria sido projetada para conter dormitórios e uma arma de raio donar (embora ninguém saiba explicar que raio é esse).
7. **Haunebu III**: nave em formato de disco supostamente projetada para o espaço pela SS E4. Haveriam várias versões de fotografias que a mostrariam. Possuiria quase 122 metros de diâmetro.
8. **Projeto andrômeda**: nave de grande capacidade supostamente projetada pela SS E4 para viagens estelares que teria a capacidade de transporte de mais de 100 toneladas e 109 metros de diâmetro.

As demais naves que são citadas a seguir são classificadas como sendo todas Vril com 6 a 12 metros de diâmetro:

1. **RFZ7T**: suposta nave iniciada em 1942 e descrita como sendo "nave leve confiável e funcional".
2. **Vril I**: nave de quase 11 metros de diâmetro que teria sido armada e testada antes do final do ano de 1942. Teria voado em Brandeburgo e, apesar de sua velocidade atingir os 11.265 quilômetros por hora, mudava de direção instantaneamente.
3. **Vril II**: nave que seria tão grande quanto a Vril I e que teria possuído um motor de ar-água no centro da nave e que girava rapidamente como um tornado, seguindo um princípio de implosão original de Schauberger, e que neutralizaria a gravidade.
4. **V7**: nave que teria sido considerada uma arma nazista de retaliação. Teria sido construída com 12 motores a jato BMW e teria alcançado a altitude de 24.384 metros em testes realizados sobre o mar Báltico em 1945. Teria em sua estrutura um domo esférico cercado por uma asa giratória com lâminas de turbina.

GIUSEPPE BELLUZZO

É interessante verificar que, embora haja um grande número de obras literárias que explorem esse assunto, é bom lembrar que os supostos discos voadores dos nazistas são baseados em fatos e rumores que realmente aconteceram. É extremamente difícil registrar tudo isso num texto explicativo, principalmente para quem não conhece o ambiente onde a II Guerra Mundial aconteceu. Mesmo aqueles que publicaram artigos em livros e na Internet sobre o assunto, admitem que muito do que sabem sobre o assunto está mais para um amalgama de história e ficção do que um material de uma pesquisa séria.

Por isso mesmo resta-nos fazer apenas uma pergunta sobre este estranho tópico: se os nazistas tinham mesmo acesso a ETs e tecnologia de outro planeta, como foi que conseguiram isso em primeiro lugar?

Bem, de acordo com as várias fontes sobre o assunto, a mescla entre ETs e arianos sobreviventes é inevitável. Como vimos em capítulos anteriores neste livro, a aura de mito que afirma que os arianos são a versão original da humanidade com seus poderes sobrenaturais e constituição próxima a de deuses, era de se esperar que afirmassem que haveria similaridades entre essa suposta raça original da humanidade e aliens. Assim, afirmam as fontes, os nazistas nada mais estariam fazendo além de "ir em busca de seu legado das estrelas".

Rudolf Lusar, autor de *German Secret Weapons of the Second World War*, explica mais alguma coisa sobre o assunto:

"Discos voadores têm girado pelo mundo desde 1947, aparecendo de repente aqui e lá, planando e partindo novamente a velocidades sem precedentes com chamas envolvendo a beirada do disco. Eles foram localizados através de radar, perseguidos por caças, mas ninguém até agora teve sucesso em estabelecer a existência de tal ' disco voador' ou conseguiu abater um ao chão. O público, até mesmo os peritos, está perplexo por um mistério ostensivo ou um milagre técnico. Mas, lentamente, está se revelando a verdade que até mesmo durante a guerra, os trabalhadores e cientistas de pesquisa alemães fizeram os primeiros movimentos na direção destes " discos voadores". Eles construíram e testaram tais aparelhos quase milagrosos. Os peritos e colaboradores neste trabalho confirmam que os primeiros projetos, chamados " discos voadores" [N do T: flying discs, não flying saucers no original em inglês], foram empreendidos em 1941. Os desenhos para estes " discos voadores" foram feitos pelos peritos alemães Schriever, Habermohl e Miethe, e o italiano Bellonzo. Habermohl e Schriever escolheram um anel de superfície ampla girando em volta da cabine fixa do piloto em forma de cúpula. O anel consistiu em discos-asas ajustáveis que poderiam ser levados à posição apropriada para a decolagem ou vôo horizontal, respectivamente. Miethe desenvolveu um prato em forma de disco de um diâmetro de 42m no qual foram inseridos jatos ajustáveis. Schriever e Habermohl, que trabalharam em Praga, decolaram com o primeiro " disco voador" no dia 14 de fevereiro de 1945. Em três minutos eles subiram a uma altitude de 12.400m e alcançaram uma velocidade de 2.000 km/h em vôo horizontal. A intenção final era alcançar velocidades de 4.000 km/h."

Para Kevin McClure, o autor dos estudos sobre os OVNIS nazistas, a mais antiga referência sobre a existência dessas máquinas viria mesmo de 1950, quando os relatos de discos voadores eram comuns na imprensa mundial. Em 27 de março daquele ano o jornal italiano *Il Mattino dell'Italia*

Centrale publicou um desenho feito pelo engenheiro Giuseppe Belluzzo de aeronaves circulares que haviam sido desenvolvidas na Itália e na Alemanha desde 1942. Aparentemente Belluzzo teria afirmado que naquele ano os tais discos voadores, que não chegaram a serem testados durante a Guerra, já se encontravam prontos para lançarem bombas atômicas, eram não-tripulados e tinham dez metros de largura.

A história foi publicada em outros periódicos italianos como os jornais *Il Corriere della Sera*, *La Nazione*, *La Gazzetta del Popolo* e *Il Corriere d'Informazione*.

Verga teria falado um pouco sobre as afirmações do engenheiro e sobre sua pessoa. Belluzzo teria vivido entre 1876 e 1952 e era "um perito de turbinas que publicou quase cinqüenta livros técnicos", eleito para o parlamento fascista antes da guerra e que atuou como Ministro da Economia Nacional entre 1925 e 1928. Mesmo McClure diz em seu artigo que, de fato, teve acesso a um dos livros técnicos do engenheiro, edição de 1926, traduzida para o inglês. O mais interessante nesta história é que, embora fosse uma pessoa com grandes conhecimentos técnicos, Belluzzo nunca afirmou ter construído um disco voador ou citado os nomes dos que trabalharam com os alemães nesse projeto. Nenhum dado técnico a respeito da atuação dessas supostas máquinas foi mostrado ao mundo.

Não podemos dizer, ao certo, o que teria levado um homem que já foi ministro fascista a fazer essas afirmações. Seria Belluzzo um dos construtores das naves e que, por algum motivo, desistiu de fazê-lo e, mais tarde, procurou um pouco de glória para sua nação derrotada?

O fato é que muito material sobre esse assunto circula, mas é quase impossível encontrar algo que realmente prova se os nazistas, alguma vez, tiveram tal conhecimento e tecnologia em suas mãos.

CAPÍTULO 4
SOCIEDADE VRIL

Com o final confuso da II Guerra Mundial e o destino obscuro dos seguidores de Hitler o terreno para boatos que envolviam os nazistas floresceu e frutificou. Não apenas se falavam em OVNIs como também citavam a grande influência mística que teria impregnado os altos dirigentes da política alemã. Nos capítulos anteriores vimos o surgimento da Sociedade Thule, praticamente um embrião para aqueles que defendiam o III Reich. Neste falaremos um pouco sobre um outro movimento obscuro que ficou ligado a esta época confusa.

Porém, esta sociedade secreta tem uma origem um pouco diferente da vista com a Thule. Ela surgiu, na verdade, com um livro publicado em 1870 pelo autor inglês Edward Bulwer-Lytton. O nome desse livro, que batizaria também a sociedade secreta, era *Vril: The Coming Race*, que depois seria rebatizado de *Vril: The Power of the Coming Race* (*Vril: O Poder da Raça Vencedora*, numa tradução livre, uma vez que é um título difícil de encontrar em língua portuguesa).

Muitos leitores se perguntam se este livro teria algum tipo de conteúdo comprometedor como *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, por exemplo. Quem teve oportunidade de lê-lo pode atestar que se trata apenas de uma ficção científica, citada por muitos estudiosos de literatura como um dos primeiros exemplares deste gênero literário. O que realmente prendeu a atenção do movimento esotérico nazista foi a descrição que a obra trazia de uma raça mestre superior que era subterrânea e o conceito da existência de uma força de energia poderosa chamada Vril. Esses elementos, inclusive, chegaram a chamar a atenção na época de teosofistas, que afirmaram ser o livro uma verdade e não uma ficção.

Antes de seguirmos em frente vamos nos aprofundarmos mais um pouco na história do livro. A ação é centralizada num viajante rico e independente, que é o narrador da história. Este personagem encontra seu caminho para o mundo subterrâneo por acaso e descobre um mundo comandado por seres que se parecem com anjos, chamados Vril-ya. Nosso herói em questão descobre que estas criaturas são descendentes de uma civilização anterior à época do Dilúvio e que vivem em cavernas ligadas por túneis, que formam uma verdadeira cidade embaixo da terra.

É neste estranho mundo que as criaturas vivem numa verdadeira utopia tecnológica, movida pelo Vril, "uma fonte latente de energia que seus mestres espiritualmente elevados foram capazes de dominar por meio do treinamento de suas forças de vontade".

Esse estranho conceito também teria mexido com suas estruturas físicas e concedido para essa raça poderes oriundos do domínio dessa força de vontade. Entre eles estão a habilidade de curar, de mudar e destruir seres e coisas inanimadas. De fato, esses poderes são tão especiais que seriam necessárias apenas algumas crianças Vril-ya para destruir uma cidade inteira se necessário.

O narrador da história deixa claras suas impressões sobre essa civilização a ponto de acreditar que, com o passar do tempo, o espaço que habitavam acabaria e o rumo que eles tomariam seria vir para a superfície, o que deflagraria uma guerra com a humanidade. Com os poderes de destruição tão facilmente manipulados, a destruição da humanidade estaria garantida.

Há uma outra personagem, Z (ou Zee, no original), filha do Vrilya que hospeda o personagem

narrador, que afirma ser o uso do Vril durante a história muito variado. A mesma energia usada para destruir e causar catástrofes pode também curar e salvar vidas numa interessante dicotomia. Há também a possibilidade de manipular a energia para assumir uma grande variedade de substâncias, tanto animadas quanto inanimadas. Por exemplo, pode ser usada para abrir caminho entre rochas ou simplesmente devolver vida a um corpo. Também funciona como força-motriz para mecanismos, basta apenas o uso da concentração mental. Ou da bengala vril.

Este estranho objeto tem a forma de uma varinha e é usado para canalizar essa energia. É descrita como oca com alguns botões pelos quais se pode alterar, modificar ou direcionar o Vril. É do tamanho de uma bengala comum, menor e mais leve. Sua aparência e funcionalidade muda de acordo com o sexo e a idade daquele que a usa. São descritos alguns modelos usados para destruição e outros para curar. As bengalas das crianças são os modelos mais simples, enquanto as das mulheres (especialmente esposas e mães) não possuem os botões que causam destruição, apenas os de função curativa.

Um ponto interessante (ou excêntrico) dessa raça é que eles usam o Vril para tomar banho. O costume deles indica que, pelo menos quatro vezes por ano, eles se banham na energia para repor suas energias. Porém, se alguém usá-la em excesso tende a perder sua vitalidade.

OS VRIL-YA SÃO A RAÇA ARIANA

O romance traz espalhados muitos conceitos, alguns certamente estranhos, outros típicos de uma obra de ficção, mas todos alvos de debates até hoje. Vejamos a seguir alguns.

Certo trecho do livro diz:

"Estou convencido de que este povo, embora não originário de nossa raça humana, mas parece claro que pelas raízes de sua língua, descendem dos mesmos ancestrais que a grande família Ariana, da qual várias correntes fluíram para a civilização dominante do mundo; e tendo, de acordo com seus mitos e história, passado por fases de sociedade familiar, se desenvolvido numa espécie separada com a qual é impossível que qualquer comunidade no mundo da superfície possa se unir. E que, se um dia emergirem destes recessos para a luz do dia, iriam, de acordo com suas persuasões tradicionais de seu destino, destruir e substituir nossos tipos de homens."

Em resumo, o trecho acima pode ser interpretado como uma declaração do narrador de que acredita que os Cril-ya são de origem ariana. Porém, ao contrário do que muitos afirmam, esta não seria uma declaração de que haveria uma ligação entre essas duas raças. De fato, trechos posteriores mostram que Z, que é na verdade uma cientista dos Vril-ya, explica que a real ascendência de sua raça vem dos sapos.

Mas há aqueles que crêem piamente que o trecho acima é uma afirmação de que a raça do livro nada mais é do que uma descrição do super-homem ariano. As conotações desses termos teriam sido fortes o suficiente para influenciar a propaganda nazista e a política de supremacia branca que aconteceu anos após a publicação do livro.

É importante também notar que Bulwer-Lytton nunca fez nenhuma sugestão de que seu trabalho não seria outra coisa além de ficção. Porém o fanatismo nazista (e também o neonazista) lançou mão desses conceitos para distorcê-los para seus propósitos.

DESCENDENTES DA ATLÂNTIDA E A TERRA OCA

É claro que, para muitos escritores que preferiram transformar os mitos vigentes da época em algo com ligação nazista. E neste caso não poderia ser diferente com dois conceitos muito em voga no final do século XIX e começo do XX: Atlântida e a Terra Oca.

Não é de hoje que se debate a existência ou não da Atlântida e mesmos e a mítica raça dos arianos não teria vindo de lá. Mas os escritores ocultistas que se aproveitaram dessa idéia para dar mais um destaque ao romance dos Vril-ya ao estabelecer a conexão entre a raça subterrânea e a civilização desaparecida. Assim, os atlantes não teriam ido para o Egito e outras terras secas, mas sim afundado nas cavernas onde desenvolveram controle sobre a mesma força vital que usavam em sua ilha desaparecida. Mas, não há base científica nenhuma que suporte essa teoria, apesar de ter ganho adeptos nazistas que só viam aqui a "verdade para a origem ariana".

Porém, quando o assunto enfoca a teoria da Terra Oca começa a ficar mais complexo. Muitos adeptos dessas histórias insistem em que nosso planeta possui até hoje civilizações subterrâneas que vivem em seu âmago. A idéia se aproxima do conceito colocado por Júlio Verne em *Viagem ao Centro da Terra* e, apesar da ciência ter desmentido essa teoria e provado que a estrutura geológica do planeta não permitiria nada do gênero, ainda há correntes esotéricas até hoje que acreditam em mestres espirituais que vêm de lá. No caso, o mundo dos Vril-ya não seria uma dessas civilizações, pois é descrito como composto por cavernas e não ocupando o interior oco do planeta.

O LIVRO E OS ESOTÉRICOS

Independente das pessoas que encontraram na obra uma distração ou simplesmente a admiraram por seu poder de entretenimento, seu sucesso era bastante palpável a ponto da palavra Vril ser associada a "elixires prolongadores da vida", os famosos remédios que muitos curandeiros vendiam na Europa e até nos Estados Unidos.

Contudo, a corrente que afirmava que o trabalho era baseado em fatos verídicos cresceu e o termo tornou-se associado aos nazistas que o teriam usado em seus OVNIs e em armas secretas como um "canhão de raios de força" (Kraftstrahlkanone) "movido a Vril", entre outras histórias.

Os misteriosos vril-ya reapareceriam em escritos do autor francês Louis Jacolliot, que foi cônsul de seu país em Calcutá, na Índia. Em duas de suas obras, *Les Fils de Dieu* (1873) e *Les Traditions Indo-Européennes* (1876) ele afirmou ter encontrado membros da raça subterrânea entre os seguidores do janismo, uma das religiões mais antigas da Índia (divide o centro das atenções naquele país juntamente com o hinduísmo e o budismo).

O fato de Bulwer-Lytton ter um passado onde ele teria se envolvido com movimentos ocultistas e declarações como as de Jacolliot convenceram as pessoas da época de que os Vril-ya eram reais. Essa opinião ganharia mais força quando a fundadora da Teosofia, Helena Blavatski, os cita em seus livros *Isis Revelada* (1877) e em *A Doutrina Secreta* (1888). Nessas obras esses seres e sua obtenção de uma "superforça" utilizada por uma elite de seres gerou essa doutrina de supremacia racial. A principal diferença está no fato de que o livro original fala dos Vril-ya como benevolentes guias espirituais, enquanto as doutrinas de Blavatski falam explicitamente de uma evolução de raças (ou mesmo castas).

E o povo subterrâneo ganhou uma veracidade que já não se distinguia mais o real do fictício. Um exemplo disso foi quando William Scott-Elliot, mais um nome famoso da teosofia, publicou seu livro *A História de Atlântida e da Lemúria Perdida* (1896), onde descreveu uma nave atlantiana movida a força vril. Esse livro, inclusive, é publicado até hoje.

Essa mania teosófica de levar ficções a sério não encontra eco nos pensamentos de outras sociedades secretas. Os rosacruzes, por exemplo, se pronunciaram várias vezes como conscientes de que os Vril-ya são produtos de ficção e personagens que devem ser comparados aos melhores de Julio Verne, por exemplo. Os seguidores teosóficos rebatem dizendo que, mesmo que isto seja verdade, não se poderia negar o fato de que Verne descreveu em seus livros invenções como máquinas voadoras e submarinos que se tornaram criações reais.

Hoje, o romance de Bulwer-Lytton ainda é relativamente desconhecido, mas foi principalmente por meio dos escritos de Jacolliot e Blavatsky, junto com a idéia da raça ariana, geraram certos conceitos nazistas que veremos ainda neste capítulo.

ESPECULAÇÕES

Por isso não é de se espantar quando percebemos que foi no meio esotérico que a idéia de uma raça subterrânea como a descrita no romance encontrou terreno fértil para se desenvolver. À certa altura muitos não sabiam mais distinguir ficção de realidade e as especulações sobre a existência desses seres cresceram.

Porém, isso não aconteceu por obra dos teosofistas, mas sim dos nazistas. Mais especificamente por obra do escritor alemão Wilhelm Landig que ligou os Vril-ya com os OVNIs de Hitler e a idéia de que os altos nomes do Reich escaparam para a Antártica.

E eis que surge em cena Willy Ley, um engenheiro de foguetes alemão que emigrou para os Estados Unidos em 1937. Dez anos depois ele publicou um artigo, *Pseudociência na Terra Nazista*, na revista de ficção científica *Astounding Science Fiction*. Num artigo que publicou muitas reações, algumas a favor e outras contra, ele explicou como o Nacional Socialismo cresceu na Alemanha e indicou como uma das principais causas a "alta popularidade de convicções irracionais durante aquela época", entre elas as atividades de um grupo conhecido como Wahrheitsgesellschaft (Sociedade da Verdade), localizada em Berlim e que passou grande parte de seu tempo "em busca dos Vril-ya".

O artigo e dois panfletos independentes descreviam uma Máquina de Movimento Contínuo (um aparelho que produz energia literalmente "do nada") baseada em vril. A Sociedade da Verdade teria conduzido extensa pesquisa para provar a verdade por trás do livro de Bulwer-Lytton.

Assim, falar do surgimento de uma Sociedade Vril seria um próximo passo lógico. A primeira referência à existência de tal grupo foi registrada num livro de 1960, *O Despertar dos Magos*, escrito por Jacques Bergier e Louis Pauwels. Lá, os autores afirmam que a Sociedade Vril era uma comunidade secreta de ocultistas que teria entrado em atividade durante a Berlim anterior ao nazismo e que manteria ligações com o mais conhecido grupo esotérico da Inglaterra, o Aurora Dourada. Cerca de um décimo da obra trata do assunto e falha ao tentar tratar o assunto como uma seriedade comprovada historicamente.

Pouca coisa se sabe sobre os supostos fundadores desta sociedade, que teria sua figura principal num estudante russo de magia e metafísico chamado Georges Gurdjieff. Nada nem ninguém jamais confirmou o grupo, embora as pessoas continuem a acreditar em sua existência.

E as especulações sobre a Vril continuaram com um historiador chamado Michael Fitzgerald, que teria publicado dois livros que relacionam o grupo com Hitler e uma suposta participação do Führer em suas reuniões, da mesma maneira como já vimos acontecer com a Sociedade Thule.

OBJETIVOS

Esses autores explicam em suas obras que a Sociedade Vril foi fundada como "Sociedade Alemã Para Metafísica" em 1921. Seus objetivos eram a exploração das origens da raça ariana e o estabelecimento de contatos com a os "mestres secretos" da Ultima Thule (a terra mítica, não a sociedade de mesmo nome). O grupo também teria se concentrado na prática de meditação e outras técnicas a fim de fortalecer o domínio da "divina força Vril".

Era formado por mulheres médiuns lideradas por Maria Orsitsch (ou Orsic) de Zagreb, capital da Croácia. Ela alegava receber comunicações da raça ariana que vivia na estrela Alpha Tauri, no sistema Aldebaran. Esses supostos aliens haviam visitado nosso planeta e se estabelecido na Suméria, por isso a palavra Vril vinha do termo sumério Vri-Il, que significa *como deus*.

Havia uma segunda médium, conhecida apenas como Sigrun, cujo nome se relaciona com a runa Sig e que se apresentava como "uma valquíria e uma das nove filhas de Odin", numa referência à mitologia nórdica.

E mesmo este grupo estaria envolvido na fabricação de discos voadores. O trecho a seguir é de um texto publicado originalmente num site de ufologia:

"No final do ano de 1919, a ordem Vril entrou em contato com a médium Maria Orsic, famosa na época, com o objetivo de ajudá-los em suas investigações sobre a existência de vida alienígena e sua ligação com o surgimento do ser humano na Terra. E eles tiveram algum resultado em sua empreitada. Pelo que consta, a médium Maria Orsic teria psicografado uma mensagem alienígena que descrevia como construir uma máquina aérea que possuía uma tecnologia que permitiria atingir o chamado 'Além' ou o 'Outro lado'. Mas só depois de três anos é que a ordem Vril viria iniciar a construção desta máquina aérea através do apoio do Dr. W. Schumann, professor da Universidade Técnica de Munique. A máquina era constituída de um disco de oito metros de diâmetro, alteada de um disco paralelo de 6,5 metros de diâmetro e na parte inferior um outro disco de 1,80 metro de diâmetro, onde se instalou o propulsor de 2,40 metros de altura. Embaixo, o corpo central terminava em forma cônica, onde se encontrava uma espécie de pêndulo que tinha por efeito estabilizar o aparelho. Os discos inferiores e superiores giravam em sentido contrário para criar um campo de rotação eletromagnético. Assim, finalmente, no verão de 1922, a máquina aérea estava pronta. Não são conhecidos os resultados de testes desta máquina aérea em forma de disco. Ao que tudo indica, este disco foi testado por volta de dois anos para depois ser desmontado e armazenado nos ateliês Messerschmidt, em Augsbourg. A partir daí temos vários acontecimentos, mas eles estão profundamente ligados à movimentação política-partidária e do poder na Alemanha."

Há outras pesquisas sobre o assunto que circulam na Internet e que estabelecem a fundação da Sociedade Vril a um grupo de rosacruzes de Berlim em algum ponto do final do século XIX, enquanto outras falam que o grupo foi estabelecido naquela mesma cidade em 1918 por Karl Haushofer, um geopolítico alemão. Há também quem afirme que a Sociedade Vril era conhecida como A Loja Luminosa ou A Loja da Luz (referências claras a supostas ligações com maçonaria), enquanto outros afirmam que o nome original do grupo era Irmãos da Luz.

Mas, afinal, o que tal grupo poderia oferecer? Mais uma vez o cruzamento de dados das diversas fontes consultadas para a redação deste trabalho mostraram o quanto o assunto pode ser estranho e

complexo. Há os que afirmem que seus membros se concentravam na exploração espacial a fim de desenvolver uma nave que os levasse para Aldebaran e que, justamente por causa disto, eles teriam se juntado à Sociedade Thule e a outro grupo misterioso chamado DHvSS (Die Herren des schwarzen Steins, Os Mestres da Pedra Negra) a fim de estabelecer um programa ambicioso que envolvia uma máquina voadora interdimensional baseada apenas nas revelações psíquicas desses aliens.

Entre os membros temos nomes famosos que incluiriam Adolf Hitler, Alfred Rosenberg, Heinrich Himmler, Hermann Göring e o médico particular do Führer, Theodor Morell. Todos eles teriam sido membros originais da Sociedade Thule que teriam ido para este novo grupo em 1919. O Partido Nazista seria criado um ano depois.

Com a nova fonte de poder consolidada, tanto a Thule quanto a Vril teriam recebido apoio e permissão para continuarem suas pesquisas, que envolviam o vôo espacial e a criação de uma máquina bélica.

Os historiadores modernos são unânimes ao afirmar que a Sociedade Vril, conforme descrito pelos autores esotéricos, jamais existiu. Não há nenhum tipo de evidência de sua existência em todos estes anos após a II Guerra.

A idéia do envolvimento de Hitler e dos nazistas em geral com o oculto tomou força quando um historiador britânico considerado sério, Alan Bullock, disse isso de maneira aberta, o que foi logo seguido por outros nomes como os britânicos Hugh Trevor-Roper, James Webb e Francis X. King, que também mencionaram influência de ideologias ocultas na vida de Hitler. O problema maior é que não se pode ignorar o fato de que o chamado misticismo alemão estava muito em evidência nas cidades de Munique e Viena naquele tempo.

E o pior é que fato e fantasia se misturam constantemente nesse assunto. Por exemplo, os historiadores admitem que Hitler tenha, de fato, encontrado o jornalista e ex-monge Lanz von Liebenfels, também conhecido como Jörg Lanz, enquanto viveu na Áustria e que o Führer era leitor da revista *Ostara*. Os esotéricos aproveitam e emendam o assunto, afirmando que foi na mesma época que o líder dos alemães tomou contato com a Sociedade Thule.

Essa idéia de envolvimento com o oculto ganha mais força quando certos documentos históricos, como memorandos e cartas assinadas por Himmler e Bormann, além de declarações de pessoas que se diziam amigas de Hitler, como August Kubizek, Josef Greiner e Hermann Rauschning.

Porém, mesmo esses dados históricos entram em conflito direto com a história. Afinal, foi em 1941 que a maioria das sociedades secretas foram dissolvidas oficialmente pela Gestapo, como parte de um pacote de medidas para suprimir grupos esotéricos. Assim, a simples idéia de que um grupo como a Thule ou a Vril possa estar pro trás de uma ação tão radical como o Holocausto parece mais uma campanha de difamação do que um fato de importância histórica.

CAPÍTULO 5
O LADO ESOTÉRICO DAS SS

Falar sobre as SS é um trabalho árduo e complicado. Muita coisa já se falou sobre seus atos e atrocidades e são usadas até hoje como um vilão supremo em romances e filmes de aventuras.

Mas, quando se mistura esoterismo a algo que, aparentemente, não possui nenhuma relação com o assunto, tudo assume um contorno sombrio e por vezes até mesmo sobrenatural. Neste capítulo veremos os principais fatos históricos ligados às SS e entenderemos como e por que o oculto influenciou a organização paramilitar mais temida do III Reich.

Comecemos por definir o que foi essa força por trás do governo nazista. As SS (do alemão Schutzstaffel, que significa "escudo de proteção"). Nascida em 1925 da Stroßtrupp (ou "tropa de choque") com o objetivo de ser a guarda pessoal do Führer, teve uma rápida ascensão ao poder com adesões cada vez mais freqüentes. Para se ter uma idéia, em 1932 contava com 60 mil membros; apenas dois anos depois chegou a 100 mil; em 1939 cresceu para 240 mil e, durante a II Guerra, chegou a impressionante marca de um milhão de membros ativos.

Os feitos atribuídos à atuação das SS são vários, mas aquele que é mais comentado é a ajuda que o grupo deu para a perseguição declarada contra milhares de judeus, comunistas, homossexuais, ciganos e possíveis opositores, todos eles presos e jogados aos campos de concentração sem qualquer tipo de julgamento. Era considerado pelos nazistas como uma unidade de elite, cujos membros eram cuidadosamente selecionados de acordo com seus conceitos racistas distorcidos de pureza genética.

Sua atuação como unidade de combate (batizada de Waffen SS) era freqüentemente confundida com a do próprio exército alemão. No entanto, o grupo passou mesmo para a história graças à sua participação na consolidação da política nazista.

Poucas pessoas sabem, mas o conceito das SS não é originário do pensamento nazista, mas sim inspirado num conto. Embora não esteja ligado de nenhuma maneira ao surgimento da famosa guarda pessoal de Hitler, o escritor inglês M. P. Shiel publicou em 1895 (bem antes do conflito começar) a história de um grupo de assassinos frios e cruéis o suficiente para devastar a Europa, com o objetivo de exterminar todos que "atravancavam o progresso da humanidade". O título do conto, coincidentemente, era *Os SS*.

Apenas cinco anos após a publicação dessa história é que Heinrich Himmler nasceu. Filho de um católico romano devoto que fora preceptor do príncipe Heinrich, da Bavária. Na época do II Reich atuou como oficial cadete, onde começou a aprender certos conceitos sobre hereditariedade que seriam úteis para pavimentar seu caminho em direção ao comando das SS.

No início dos anos 1920 muitos partidos políticos paramilitares viam seu caminho para o poder desimpedido. O período entreguerras e as imposições do Tratado de Versailles, que efetivamente lançou a Alemanha nos braços do nazismo, só serviu para que os povos germânicos da Áustria, sufocados pela alta concentração de eslavos, alimentassem o sonho de uma unificação com a Alemanha e um conseqüente domínio dos territórios europeus. Um campo fértil para a propagação de idéias racistas num povo humilhado pela derrota e pela crescente perda de identidade pessoal.

Interessado em manipular essas idéias para outro nível, Hitler e seus seguidores participariam de uma tentativa de golpe de estado em Munique em 1923. Porém os planos dos nazistas deram errado e logo eles seriam presos. Hitler iria passar um curto período (apenas 10 meses) detido no Castelo de Landsberg, onde escreveria a polêmica autobiografia *Minha Luta* (*Mein Kampf*), onde se via muito da paranóia do Führer em relação aos judeus (lá ele afirma que o Esperanto, a língua internacional que mistura termos de várias outras, fazia parte de uma conspiração dos judeus, talvez um conceito que já estaria enraizado em seu ser desde a leitura dos já comentados *Protocolos dos Sábios de Sião*). De fato, percebese que sua tese principal é mesmo o suposto "Perigo Judeu", ou seja, a conspiração desse povo para ganhar a liderança na Alemanha.

Enquanto Hitler se ocupava em escrever o livro, Himmler foi chamado pelos líderes temporários do Partido Nazista (Otto e Gregor Strasser) para ajudá-los no controle dos afiliados. Vale lembrar que esta é uma fase de reestruturação devido ao fracasso do golpe de estado e que Ernst Röhm, líder das SA (de Sturmabteilung ou "Seção Tormenta", mas efetivamente conhecida como "Tropas de Choque") também estava detido.

Essa prisão teve resultados efetivos para a ascensão nazista ao poder. Hitler desistiria de promover uma revolução armada para se dedicar à conquista da vitória legal por meio das eleições de 1933, enquanto Röhm desiste temporariamente das SA e vai para a Bolívia para atuar como adjunto militar da Guerra do Chaco, um conflito armado entre a Bolívia e o Paraguai, ocorrido entre 1932 e 1935.

ASCENSÃO DE HIMMLER

Assim, o comando da SS por Himmler acontece quando o nazista tinha 28 anos. Assumiu, então, o cargo de Reichsfuhrer-SS por 17 anos, ou seja, até o fim da II Guerra. Naquela época as SS eram subordinadas às SA e contavam apenas com 200 membros. Imediatamente o novo líder do grupo se entregou a horas e mais horas de trabalho e planejamento com o firme propósito de deixar o grupo mais forte. Deixava que os líderes nazistas ficassem com a estratégia de incitação por oratória, pois o que realmente importava para Himmler era conseguir consolidar seu poder dentro da estrutura nazista. E como obter essa conquista? Simples, bastava fornecer ferramentas que provassem ser possível a criação de uma raça superior ariana, uma nova casta de guerreiros para dominar o mundo.

Entre seus estudos ele ponderava em todos os detalhes necessários para obter seu propósito. Uma de suas mais firmes convicções era a de que os camponeses seriam "o corpo e o sustentáculo da nação alemã", conforme narra o escritor inglês Nigel Pennick em seu livro *As Ciências Secretas de Hitler*. Diz ele:

"Esta combinação de reservas raciais – o sangue – com o lugar ancestral – o solo – seria logo elevada à categoria de doutrina sagrada, base teórica para a supremacia racial alemã. Amigos de Himmler na Baviera compraram uma fazenda para que ele pudesse concretizar sua idéia de uma escola 'camponesa'. Esta escola seria o ponto de partida de um movimento pela 'volta à terra', movimento que Himmler considerava o futuro da Alemanha; e por fim o desmantelamento da maior parte da indústria e a recriação de uma sociedade camponesa pura, auto-suficiente e saudável."

Por que Himmler voltava sua atenção para o campo? A união descrita no trecho acima era ideal para que houvesse a união do sangue (genética) com o solo (ligação com os antepassados), o que levaria a uma espécie de "ativação de poderes" latentes nos genes arianos. Para colocar essa estranha ideologia em prática ele se inspirou no I Reich, aquele que durou mil anos, fundado por ninguém menos que o rei Heinrich der Vogler, conhecido como Henrique o Passarinheiro, rei da Saxônia e conquistador dos eslavos, um dos povos que incomodavam os germânicos na época. Para efeito de esclarecimento, vale lembrar que os eslavos atuais incluem russos, bielo-russos, ucranianos, búlgaros, sérvios, croatas, macedônios, eslovenos, tchecos, eslovacos, polacos e lusácios. Portanto, estamos falando sobre um grupo étnico amplo que qualquer um pode ver ser difícil (para não dizer quase impossível) de erradicar.

ARTAMANEN

A tal escola foi apenas um primeiro passo. Pouco depois, entre os anos de 1926 e 1928, Himmler se juntaria a um movimento político-religioso conhecido como Artamanen. Sobre ele temos novamente uma descrição de Nigel Pennick:

"Esta organização político-religiosa dedicava-se à idéia da colonização por direito. Embora muitos dos seus seguidores não pertencessem ao partido nazista, juravam pelo 'sangue e solo', prometendo a reconquista e a recolonização da Europa pelos alemães. Em 1924, o primeiro grupo estabeleceu-se em uma fazenda na Saxônia para pôr em prática sua doutrina da auto-suficiência; um pouco mais tarde havia mais de 2.000 jovens em fazendas da Alemanha Oriental armados para o combate contra os eslavos. O movimento Artamanen era tão notório que o novelista Hanns Nikol publicou, em 1924, um livro intitulado Das Neue Le-ben (A Nova Vida) sobre as origens do movimento."

Essas estranhas idéias, que para um leigo pode parecer que nada tem a ver com esoterismo ou oculto, escondem em si traços facilmente reconhecíveis. Tudo, na verdade, não passa de uma tentativa de obter um contato direto com os supostos "genes arianos" e despertar o potencial dos super-homens escolhidos como membros das SS. Basta dizer que havia, entre os membros do Artamanen, nazistas que conseguiram alcançar altos postos no III Reich, incluindo Rudolf Hoss, comandante do campo de extermínio de Auschwitz, e Richard Walther Darré, descrito como "um agrônomo racista nascido na Argentina e educado na Inglaterra que acreditava que a raça era um fator fundamental em tudo". Assim, para ele, o camponês "sempre foi a única base confiável de nosso povo do ponto de vista do sangue".

Darré acreditava que todas as grandes culturas mundiais haviam sido fundadas por homens nórdicos, por definição, arianos. Ao longo dos anos ele escreveria várias obras onde explicava suas idéias baseadas na ligação entre sangue e solo, e todas elas contaram com o apoio de Himmler.

Para ele a decadência das grandes civilizações do passado aconteceu por esses povos não prestarem atenção o suficiente nas suas reservas genéticas e, assim, não conservaram sua pureza racial. Baseado nessa idéia, sua recomendação era que houvesse uma "supressão de todas as organizações humanistas e internacionalistas" como uma maneira eficiente de evitar o declínio da cultura alemã moderna. Mas que organizações seriam essas? De acordo com ele, abrangeria um amplo grupo que incluiria do anarquismo e o comunismo até a maçonaria, o rosacrucianismo e até mesmo o cristianismo.

Himmler, fascinado por essas idéias, incorporou-as à sua própria visão ocultista do que deveria ser uma ordem mundial ideal. O líder das SS pensava da seguinte maneira: uma vez que a continuação da civilização dependia dos arianos, então era lógico supor que os verdadeiros membros teriam acesso a poderes místicos ou psíquicos que seriam característicos deles. Para obter esse potencial oculto era imprescindível que os super-homens tivessem "contato íntimo com o solo sagrado de sua terra natal".

Darré foi mais tarde aproveitado por Himmler como responsável pelo Rasse und Siedlungsamt ("Escritório de Controle Racial") das SS. De lá ele se transferiria, mais tarde, para o Ministério da Agricultura, disposto a pôr em prática suas teorias de auto-suficiência, que terminaram por dar certo com o reflorestamento de terras áridas.

INFLUÊNCIAS OCULTAS EM HITLER

Enquanto isso o Führer teve seu contato com idéias ocultas vindas de movimentos em franca disseminação pela Europa. O anti-semitismo, o gnosticismo e a teosofia são considerados decisivos para a formação do pensamento de Hitler, uma vez que, como vimos em capítulos anteriores, deram a base para a formação do conceito da raça ariana.

Historiadores debatem até hoje se isto seria uma prova histórica ou se não passa de lenda. Aqueles que crêem nas influências ocultas citam como evidência incontestável um poema considerado esotérico escrito por Hitler em 1915, enquanto este servia no exército alemão no fronte ocidental, e que cita o deus nórdico Odin:

"Ich gehe manchmal in rauhen Nächten
Zur Wotanseiche in den stillen Hain,
Mit dunklen Mächten einen Bund zu flechten –
Die Runen zaubert mir der Mondenschein.

Und alle, die am Tage sich erfrechten,
Sie werden vor der Zauberformel klein!
Sie ziehen blank - doch statt den Strauß zu fechten,
Erstarren sie zu Stalagmitgestein.

So scheiden sich die Falschen von den Echten –
Ich greife in das Fibelnest hinein
Und gebe dann den Guten und Gerechten
Mit meiner Formel Segen und Gedeihn."

Traduzido temos algo assim:

"Vou muito freqüentemente em noites amargas
Ao carvalho de Odin na clareia silenciosa,
Com poderes ocultos para tramar uma união –
O luar que me mostra a mágica runa.

E tudo que é cheio de imprudência durante o dia,
Torna-se pequeno pela fórmula mágica!
Eles se armam de aço brilhante – mas em vez de ir para o combate,
Solidificam-se em estalagmites.

Assim os inferiores se separam dos superiores –
Faço uso de um grupo de palavras
E as dou para os bons e justos
Com minha fórmula de bênçãos e prosperidade."

O texto, como vemos, parece exaltar aqueles que o lêem a se entregarem a um outro tipo de religião, talvez, como alguns interpretam, uma volta aos cultos nórdicos. Todavia, os historiadores em geral refutam esse conceito argumentando que há uma declaração do próprio Hitler que derrubaria totalmente esta versão. Segundo o líder dos alemães, nada seria "mais tolo do que restabelecer o culto a Odin. Nossa velha mitologia cessou de ser viável quando o cristianismo a implantou. Nada morre a menos que esteja moribundo".

Mesmo assim há quem creia que uma combinação dos pensamentos de Himmler, da Sociedade Thule e até da Sociedade Vril teria causado alguma espécie de possessão a Hitler. Alguns anos mais tarde um dos auxiliares mais próximos do Führer, Hermann Rauschning, escreveu um livro, *Hitler Speaks*, onde ele afirma que seu superior estava possuído por demônios e que as variações de seu humor eram muito randômicas, indo da confusão à total rebeldia.

Há um membro das SS que também lança dúvidas sobre o estado espiritual de Hitler. Trata-se de Josef "Sepp" Dietrich, um de seus mais antigos companheiros e que foi comandante das Waffen-SS. Seguindo depoimentos atribuídos a ele, de fato "era possível sentir forças estranhas que controlavam o Führer". E essa opinião parece ter chegado até o Vaticano, onde, por três vezes, o papa Pio XII teria realizado um exorcismo à distância, porém sem sucesso.

FORÇAS OCULTAS NAS SS

Estariam também as SS possuídas por forças além de nossa compreensão? Todos os relatos históricos falam das atrocidades cometidas por integrantes do grupo. Muitos psicólogos e historiadores tentaram explicar como pessoas com graus de doutor (ou seja, com altos graus de educação) poderiam ser capazes de se transformar tanto.

Um exemplo disso é um estranho relato datado de 1933, que ocorreu logo após a tomada do poder na Alemanha pelos nazistas. Himmler convidou um grande número de intelectuais, latifundiários, oficiais e industriais para uma reunião fechada, fato que, de início, deixou todos os intelectuais nervosos com suas reais intenções. Afinal, era uma época em que havia uma massiva campanha publicitária contra as classes altas, das quais faziam parte os convidados. Assim, todos foram para lá na esperança de ouvirem repreensões fanáticas.

Porém, o resultado mostrou-se totalmente diferente. Himmler teria pedido para que todos os presentes "ajudassem a fornecer à SS todas as mais variadas correntes de tradições". Ele afirmava que os estados necessitam de uma elite e na Alemanha nazista esta seria a SS. "Mas a SS só seria efetiva se seus membros aliassem às necessidades sociais do presente a genuína tradição militar, a aparência distinta, o garbo e a urbanidade da nobreza germânica, e a eficiência criativa do industrial, com base em uma seleção racial".

Um discurso que, para qualquer um, seria no mínimo um motivo para se retirar e pensar. Conta, porém, que os participantes não só aplaudiram Himmler de pé como todos, sem exceção, entraram para as SS. Nada mal para um oficial que preferia deixar a retórica para Hitler e seu ministro da propaganda, Joseph Goebbels.

Para dar um ar mais místico para seu grupo, Himmler apelou para nomes antigos retirados de regimentos imperiais em voga na época do kaiser, como Cavaleiros Prussianos da Águia Negra, ordem fundada em 1701, ou os Hussardos Cabeça da Morte de Frederico, o Grande.

Porém, a verdadeira inspiração para existir uma hierarquia nas SS veio mesmo da fonte mais improvável, a Ordem dos Jesuítas, fundada por Santo Inácio de Loyola, ele próprio um ex-soldado espanhol. É novamente Nigel Pennick que fala a esse respeito:

"Assim como os jesuítas se tornaram o braço religioso do império espanhol, Himmler trabalhava no mesmo sentido com a SS. Embora aparentemente ortodoxos, os jesuítas realizaram estudos detalhados de astrologia, geometria sagrada, geomancia e simbolismo. Seus mosteiros e igrejas foram construídos de acordo com antigos cânones de engenharia e proporção derivados de tradições pré-cristãs. Isto também se aplica aos santuários da SS. Nas Américas, os jesuítas se apossaram dos antigos locais de culto para conquistar espiritual e psiquicamente o continente. Da mesma forma, a SS procurou e adquiriu pontos-chaves das linhas geomânticas na Alemanha."

Uma estranha correlação? Nem tanto. De acordo com o livro *Vatican Assassins*, de Eric Jon Phelps, os jesuítas tinham alguns objetivos, dos quais ele destaca:

1. Destruir as três grandes religiões, que não obedecem ao papa: a Igreja Ortodoxa (Grega e Russa), o Islamismo e o Protestantismo. Também visavam destruir o povo judeu e todos os dissidentes de Roma considerados hereges.
2. Criar uma Nova Ordem Mundial por meio da dissolução de todos os governos democráticos e

liberais, a fim de estabelecer um governo absolutista único, sob a égide do papa de Roma, como na Idade Média.

O fato de Santo Inácio ser basco também era importante para Himmler, pois há uma corrente ocultista alemã que considera os bascos como os últimos remanescentes da Atântida, que os esotéricos nazistas sabiam serem descendentes dos arianos. Os ensinamentos de Madame Blavatski deram mais frutos do que ela poderia supor.

Há também a questão de algumas práticas experimentais que Santo Inácio impunha para aqueles que o acompanhavam. A mesma corrente esotérica citada antes acreditava que esses exercícios eram "provenientes dos monges do mosteiro de Monserrat, colina sagrada para os beneditinos". Para Himmler, principalmente, esses exercícios seriam um legado dos atlantes e que seriam usados para reativar a força vril para obter o domínio germânico mundial.

As semelhanças não param por aí. Um jesuíta passava por um noviciado que durava cerca de dois anos, depois do qual vinha um período de aprendizado, pesquisa e estudo, para somente depois poder fazer seus votos. Essa estrutura foi muito usada pelos candidatos a oficial SS. Enquanto alguns jesuítas faziam votos mais simples, também nas SS havia um "nível de militância mais ordinário" e que não exigia tanto.

Também havia jesuítas que faziam votos especiais, considerados como devotos. Nas SS havia a chamada Ordem Negra, era considerada um "corpo interno de sacerdotes".

Porém, o que mais chamará a atenção do leitor é a maneira como os estágios de candidatura de um oficial SS estão estruturados. Basta visualizar a tabela comparativa abaixo:

Data	**Evento**
9 de novembro	A data do golpe de estado fracassado de Hitler e seus seguidores. O candidato, na faixa dos 18 anos, era aceito como postulante e recebia permissão para usar o uniforme do grupos em insígnias.
30 de janeiro	Aniversário da tomada nazista do poder na Alemanha. O postulante tornava-se oficialmente um cadete e recebia as insígnias juntamente com a carteira de oficial.
20 de abril	Aniversário de Hitler. Recebimento das insígnias e da carteira permanente de membro das SS. Seu juramento era: "Eu juro lealdade e bravura a ti, Adolf Hitler, como Führer e Chanceler do Reich alemão. Juro a ti e aos superiores a mim apontados obediência até a morte, e que Deus me ajude."
Período entre 20 de abril e 1 de	O novo membro deve conquistar a Insígnia Desportiva do Reich e aprender o catecismo das SS de cor, que possuía perguntas como "Por que acreditamos na Alemanha e no Führer? ", cuja resposta correta seria "Porque acreditamos em Deus, acreditamos na Alemanha que Ele criou neste mundo, e no Führer, Adolf

outubro	Hitler, que por Ele nos foi enviado.”
1 de outubro	Entrada definitiva na ativa como oficial das SS.

A noção do catecismo parece até sacrílega para os católicos mais acostumados com o ortodoxismo da doutrina, mas não é o exemplo mais aberrante do papel de “messias” que Hitler assumia para seus seguidores. A prova disso é a “prece a Hitler”, que era ensinada em orfanatos:

“Führer, mein Führer, von Gott mir gegeben, beschütz und erhalte noch lange mein Leben
Du hast Deutschland errettet aus tiefster Not, Dir verdank ich mein tägliche Brot
Führer, mein Führer, mein Glaube, mein Licht
Führer mein Führer, verlasse mich nicht.”

A tradução fica assim:

“Líder, meu líder, leve-me até Deus, proteja-me e sustente minha vida por um longo tempo
Você resgatou a Alemanha da profunda miséria, a você eu devo meu pão de cada dia
Líder, meu líder, minha crença, minha luz
Líder, meu líder, não me abandone.”

ESTRUTURAS

Da mesma maneira que a maçonaria possui três graus básicos (aprendiz, companheiro e mestre) e os antigos sacerdotes celtas também se estruturavam em três variedades (bardos, ovados ou videntes e druidas), a Ordem Negra das SS tinha uma estrutura baseada em ordens medievais de cavalaria como os Cavaleiros Teutônicos e os Templários.

Nas SS havia três categorias de oficiais. Os veteranos de qualquer patente usavam um anel de prata com uma caveira como sinete, emblema usado inicialmente pela chamada "velha guarda" e que, em 1939, se estendeu para todos os comandantes que estavam no posto no mínimo há três anos.

A liderança usava uma adaga, concedida àqueles que possuíam no mínimo a patente de Obersturmfuhrer (comandante júnior encarregado de, no mínimo, um grupo de 100 soldados). A adaga era concedida apenas por Himmler e os cadetes graduados a recebiam automaticamente ao prestar seus exames finais de maneira satisfatória.

O terceiro grupo, que era o mais seleto de todos, era o dos discípulos de Himmler, que usou a simbologia encontrada nos Cavaleiros Teutônicos, em Barba-Roxa e no rei Artur. Como apenas alguns cavaleiros cuidadosamente selecionados podiam a Barba-Roxa ou à Távola Redonda, também seria assim com o círculo interno das SS. Para ser um discípulo era necessário que o candidato "dominasse artes marciais e possuísse virtudes cavaleirescas de força, valor e lealdade". Como cada cavaleiro medieval era visto como um representante da manutenção da ordem, o mesmo se aplicava ao círculo de Himmler, que se colocava no papel de "um sistema feudal sobre a humanidade 'inferior'". Ele levou isso tão a sério que hoje se conhecem algumas localidades européias que foram obtidas como feudos para as SS, com a intenção de recriar a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos que, diga-se de passagem, também compartilhavam de certo ódio contra os judeus.

Quando da invasão na Polônia, evento que desencadeou a II Guerra Mundial, muitos registros chegaram a lembrar de atrocidades semelhantes provocadas pelos Cavaleiros Teutônicos, que organizavam em sua época, naquela mesma paisagem, expedições de caça aos eslavos.

Por fim basta recordar a observação de Nigel Pennick sobre o fim que ambos os grupos tiveram:

"Ironicamente, os SS encontrariam seu fim de maneira idêntica à dos Cavaleiros Teutônicos – vencidos pelas forças combinadas dos poloneses, tártaros, tchecos e lituanos."

CAPÍTULO 6
A AHNENERBE

Os ensinamentos da teosofia enraizaram tanto nas crenças nazistas que a busca pela perfeição genética tornou-se uma espécie de desculpa para que os oficiais de Hitler pudessem desenvolver projetos polêmicos a fim de obter a raça perfeita. Mais do que se preocupar com os inimigos naturais do III Reich (como os judeus, os ciganos e os eslavos), essa vontade de obter uma nova ligação com a herança genética perdida dos arianos superou até mesmo o simples desejo de obter vingança pelas humilhações impostas pelo Tratado de Versailles quando do final da I Guerra Mundial. O que realmente importava para os alemães daquela época era mesmo ser perfeito, recuperar seus supostos poderes arianos e se firmarem como os verdadeiros senhores da humanidade.

Porém, obter essa pureza genética não seria fácil. O fato de que tanto a Alemanha quanto a Áustria estavam cheias de pessoas que tinham em si uma verdadeira mistura de genes não ajudava em nada. Ao contrário do que muitos imaginam, essas idéias racistas já eram uma espécie de tradição oral entre aqueles países há muito tempo. O que os nazistas fizeram foi apenas dar voz a pensamentos íntimos daquelas populações.

Assim, muitos esforços foram feitos para se obter a tal pureza genética. Um desses projetos é considerado o mais polêmicos dos diversos patrocinados pelas SS. Trata-se da Ahnenerbe Forschungs-und Lehrgemeinschaft (Sociedade de Ensinamento e Pesquisa da Herança Ancestral), grupo fundado em 1 de julho de 1935 por Heinrich Himmler, Hermann Wirth (que era um professor de história holandês obcecado pela mitologia atlanteana) e Richard Walter Darré, sobre o qual falamos no capítulo anterior.

O objetivo inicial de tal projeto era pesquisar a história cultural da raça ariana, para depois se entregar a um esquema de experimentos e viagens que deveriam indicar os caminhos para que as populações nórdicas controlassem o mundo mais uma vez.

Há algumas provas históricas de que a Ahnenerbe teria existido antes de 1928, quando Wirth a estabeleceu como Sociedade Hermann Wirth, onde ele ensinava e espalhava suas teorias. Porém outros historiadores afirmam que o verdadeiro antecessor do grupo foi um suposto Instituto de Pesquisa para a "Pré-História Espiritual" (embora ninguém saiba explicar exatamente o que vem a ser tal conceito). Esse grupo-embrião foi criado pelo estado alemão de Mecklemburgo (hoje Mecklemburgo-Pomerânia) em 1932, quando a região era governada pelo partido nazista.

A origem da Ahnenerbe, porém, está intimamente ligada à ascensão de Heinrich Himmler à liderança das SS. Depois que a tropa de elite de Hitler aumentou consideravelmente de tamanho e número de adeptos, Himmler dedicou-se a transformar seus recrutas na elite racial que ele sonhara por tanto tempo. Um novo departamento foi criado na estrutura das SS, que ficou conhecido como RuSHA (do alemão **R**asse- **u**nd **S**iedlungs**h**auptamt), que seria algo como o Escritório de Raça e Desenvolvimento. Darré foi nomeado como líder do grupo, com a missão de localizar os candidatos que mais se encaixariam no perfil de um oficial das SS.

Uma análise mais profunda do papel de tal organização revela que fazia parte do grande plano criado por Himmler para provar não só os feitos sobrenaturais atribuídos aos fictícios arianos como

também apara estabelecer a ligação direta entre estes e a cultura germânica. E foi com esse pensamento que houve uma súbita campanha para que os novos candidatos tivessem plenos conhecimentos sobre seu passado nórdico em aulas semanais dadas por professores do próprio RuSHA.

No dia em que a Ahnenerbe começou oficialmente suas atividades, Himmler encontrou-se com cinco especialistas raciais e Wirth. Desse encontro estabeleceram que deveriam se concentrar no estudo da "ciência da antiga história intelectual". Nesse mesmo dia Himmler foi designado superintendente enquanto Wirth seria o presidente da nova instituição.

NOVA LIDERANÇA

A carreira do eminente doutor, entretanto, não foi muito longa e ele sai do comando no começo de 1937, dois anos antes do início da II Guerra. Seu sucessor foi o Dr. Walther Wüst, um especialista na Índia e professor na Universidade Ludwig Maximilians, em Munique. Ele havia sido escolhido pela sua "capacidade de simplificar a ciência para o homem comum".

Pouco depois de assumir seu cargo, Wüst começou a aperfeiçoar a instituição a ponto de mudar o escritório para num novo local que lhe custaria a bagatela de 300 mil marcos. Também faria de tudo para limitar a influência dos "acadêmicos arrogantes" por meio de ações que incluiriam cortar comunicações com o escritório do RuSHA. Assim a Ahnenerbe terminou por ser incorporada à SS em janeiro de 1939 ano em que a II Guerra Mundial começou (embora algumas fontes acusam o fato apenas no ano seguinte, em 1940).

Em artigo publicado na Internet por Gil Trevizo e Dirk R. Festus Festerling temos algumas explicações sobre a instituição e seus objetivos:

"A Ahnenerbe foi criada como uma organização privada e sem fins lucrativos. As fundações primárias vieram por meio de Darré e sua posição dentro do Ministério Alemão da Agricultura, mas essa participação se encerrou por volta de 1936, deixando Himmler no controle total. A instituição não foi incorporada pela SS até abril de 1940, embora antes disso, a maioria absoluta dos membros acadêmicos e médicos do grupo eram ao menos membros honorários das SS e muitos possuíam posições de importância (...). Havia uma ligação evidente entre as SS e a Ahnenerbe muitos antes de se tornar oficial."

Percebemos aqui que, como a maioria dos projetos oficialmente ligados ao regime nazista, este também foi totalmente estabelecido num esquema de sigilo absoluto, o que levanta muitas especulações sobre o porque de se assumir tal comportamento.

Mas continuemos a ler o texto do artigo:

"A Ahnenerbe era parte do grande plano de Himmler para a criação sistemática de uma cultura 'germânica' que substituiria o Cristianismo na Grande Alemanha que existiria após a guerra, um tipo de religião das SS que formaria a base de uma nova ordem mundial. Esta nova cultura seria baseada nas crenças populares (völkisch) do nazismo, e era função da Ahnenerbe organizar a pesquisa cientifica num programa interdisciplinar que rejeitasse a 'linha minuciosa de professores de colegial' e apoiasse o ' desenvolvimento da herança germânica'. Embora a Ahnenerbe fosse composta por nazistas e muito de sua pesquisa fosse baseada numa ciência pseudoracista, eles rejeitavam o pensamento oculto de grupos como a Sociedade Thule, preferindo uma metodologia pragmática baseada na genética de Mendel, no Darwinismo e na biologia. Fundamentalmente, a Ahnenerbe era uma associação acadêmica com motivações políticas, apesar de possuir base para ir além de meras leituras e publicações para incluir expedições de larga escala e pesquisa experimental."

Uma posição um tanto estranha, já que muitas dessas pesquisas teria como base conceitos puramente ocultos. O escritor Nigel Pennick escreveu em *As Ciências Secretas de Hitler* que "as raízes do ocultismo nazista se escondem nas tradições esotéricas da 'ciência fronteiriça' e fala sobre

a utilização das ciências ocultas pelo regime fascista da Alemanha de Hitler: cosmologias não-ortodoxas, crenças pagãs, estudos de habdomancia, geomancia e astronomia que eram patrocinados pela Ahnenerbe, uma organização voltada para a preservação das antigas sociedades ocultas alemãs e o estudo das tradições mágicas capazes de criar uma fonte de poder usado para viabilizar a expansão do império nazista".

Há uma foto da época que mostra Hitler com Wilhelm Keitel, Joseph Goebbels e Martin Bormann. Esses seriam, segundo várias fontes, os iniciados da Sociedade Thule e, posteriormente, discípulos que seguiriam as mesmas orientações ocultas da Ahnenerbe. Segundo o Führer, as crenças podiam ser resumidas em:

"A Criação não está terminada. O homem atinge nitidamente uma fase de metamorfose. A antiga espécie humana já entrou no estágio de desaparecimento. (...)O motivo da luta que se realizará mais tarde é o advento dos Filhos de Deus. Toda força criadora se concentrará em uma nova espécie. As duas variedades evoluirão rapidamente em discordância. Uma desaparecerá e a outra desenvolver-se-á. Ultrapassará infinitamente o homem atual."

AS EXPEDIÇÕES

Houve uma série de expedições que foram criadas e executadas pelos componentes da Ahnenerbe. Os registros, no entanto, são confusos e trazem algumas contradições em si que deixariam qualquer um que tenha um certo conhecimento do nazismo confuso. Por isso vamos tentar dar um resumo de todas as atividades e suas supostas missões.

Comecemos com duas das mais comentadas dessas expedições. A primeira, embora conhecida, não é considerada uma missão oficial. Segundo os relatos, alguns oficiais do grupo foram enviados para o Brasil em 1943 com a missão de procurar um crânio de cristal supostamente encontrado numa ruína maia, mais precisamente na cidadela de Lubaantum, localizada ao sul de Belize, na América Central. Esses oficiais teriam sido presos depois de tentar se infiltrar e roubar o artefato que estaria num museu brasileiro. Esse relato, entretanto, não foi confirmado pelas fontes históricas e resiste até hoje pela perspectiva de constituir uma aventura que fascina os interessados.

O oposto acontece com uma missão que teria ocorrido na França em junho de 1941. Envolvia uma tapeçaria de 900 anos que retratava os francos derrotando seus inimigos, uma comemoração da famosa Batalha de Hastings, de 1066, e o sucesso da Conquista na Inglaterra, liderada por Guilherme II, Duque da Normandia. Naquele ano a instituição fiscalizou o transporte da peça, que estava na Catedral da cidade de Bayeux, na Normandia, para uma abadia em Juaye-Mondaye, na Baixa Normandia, e finalmente para o Castelo de Sourches. Em agosto de 1944, depois que Paris foi consumida pelos esforços de Aliados e Resistência, dois membros das SS foram despachados para aquela cidade a fim de recuperar a tapeçaria que se encontra atualmente no porão do Louvre.

Enquanto os oficiais passavam por verdadeiros apuros por causa dessas peças inusitadas também os demais territórios "germânicos" assistiam a confusões causadas pela Ahnenerbe. Dois desses oficiais, Günther Kirchhoff e Karl Maria Wiligut, realizaram em 1936 um estudo sobre o vale do Murg, na Suíça, onde se relatava a existência de antigas casas de madeira, ornamentos arquitetônicos, inscrições em cruzes e formações naturais e feitas pelo homem. Logo especularam que se tratava de ruínas de antigas civilizações que poderioa jogar uma "luz" sobre o mistério dos arianos.

Entre 1937 e 1938, Gustav Riek, da Universidade de Tübingen, liderou uma escavação de uma antiga fortaleza, possivelmente romana, e de diversos montes fúnebres. O próprio Himmler teria participado de uma escavação em abril de 1938, próximo ao rio Daúbio onde teria encontrado restos da Idade da Pedra e também Neolíticos. Claro que, no que tange às aspirações do líder das SS ao cargo de arqueólogo, nada foi mais importante do que sua expedição ao Tibete. Em 1937 ele decidiu que iria aumentar a visibilidade da Ahnenerbe ao investigar as afirmações do pesquisador dos arianos, Hans F.K. Günther, de que os primeiros exemplares daquela raça haviam conquistado grande parte da Ásia e atacado a China e o Japão cerca de dois mil anos antes de Cristo, e que o próprio Buda (Siddhartha Gautama) seria ligado à raça nórdica. Walther Wüst seria o primeiro a explicar tais afirmações por meio de um discurso onde afirmou que as ideologias de Hitler correspondiam às de Buda, já que os dois tinham a mesma herança genética.

O fascínio que Himmler sentia por esse tipo de conhecimento oculto, esse misto de arqueologia e pesquisa do esotérico, espalhou-se para quase todos os países da Europa. Nem mesmo a Islândia escapou, pois ele considerava aquele país como o verdadeiro local de nascimento dos arianos. Até mesmo procurou pelas Edda, as antigas poesias nórdicas, escritas durante o século XIII. Em 1936 foi a vez de Otto Rhan liderar uma expedição àquele país, expedição que detalhou em seu livro de 1937, *Luzifers Hofgesind* (Os Servos da Corte de Lúcifer). Na época os pesquisadores usaram uma suástica azul numa bandeira branca, similar à da Força Aérea Finlandesa.

Foi em 10 de março de 1938 que Bruno Schweizer, um lingüista alemão, na esperança de descobrir lugares consagrados aos deuses nórdicos Odin e Thor. Durante aquela expedição, no final do ano, ele enviou cartas para Himmler reclamando que o povo da Islândia havia abandonado certas artes manuais (como esculpir em carvão e metalurgia) e que havia esquecido de suas próprias mitologias, por isso não manifestavam crença na "natureza transcendente" que a Ahnenerbe tanto valorizava. A expedição terminou por ser abortada graças ao péssimo acesso que os participantes tinham a certos locais, o que não era nem um pouco facilitado pelo governo islândico.

Por fim vale a pena citar também atuações da instituição no Oriente Médio. Em 1938, os pesquisadores Franz Altheim e Erika Trautmann requisitaram que a Ahnenerbe patrocinassem sua jornada àquela região para estudar uma luta interna de poder naquela região que acreditavam ser datada da época do Império Romano, onde os povos semitas e nórdicos seriam os protagonistas. Ansiosos por provar que o vasto sucesso do Império Romano foi devido à interferência nórdica, os oficiais da Ahnenerbe concordaram em financiar a expedição.

Em agosto daquele ano, depois de passar vários dias viajando pelas remotas colinas dos reinos da antiga região da Dácia (que corresponde à região da Romênia e da Moldávia atuais) os dois pesquisadores chegaram a Bucareste, na Romênia. Lá eles se encontraram com Grigore Florescu, diretor do Museu Municipal. Os três discutiram história e política da época, incluindo um pequeno debate sobre um grupo fascista e anti-semita da região chamado de Guarda de Ferro.

Depois de passarem por Istambul e Atenas, os pesquisadores chegaram a Damasco, onde não foram muito bem recebidos pelos franceses, que controlavam a Síria, sua colônia. Porém os sírios, que viam Hitler como um aliado que ajudaria no combate aos judeus, tinham uma outra opinião.

O recém-independente Iraque foi sondado para uma possível aliança com a Alemanha e o enviado alemão àquela cidade, Fritz Grobba, foi o responsável pelo encontro que os dois pesquisadores alemães tiveram com os pesquisadores locais, que os levaram até as ruínas persas e pártias, além da Babilônia.

De Bagdá os pesquisadores seguiram para Assur, antiga capital do império assírio. Lá se encontraram com líderes tribais, que ofereceram seu apoio. Por fim atingiram sua parada final, as ruínas da cidade de Hatra, que foi na antiguidade a fronteira entre os Impérios Romano e Persa.

Quando o trabalho do casal finalmente terminou, não se soube se conseguiram atingir seus objetivos. Afinal, a II Guerra havia começado e as atenções dos nazistas estavam totalmente voltadas para o conflito.

Os registros históricos indicam ainda mais duas expedições, que terminaram por ser também abortadas. A primeira foi planejada originalmente em 1938, quando o então presidente da Ahnenerbe, Walther Wüst, queria enviar uma equipe até o Iraque para estudar a Inscrição Behistun, criada por ordem de Dario I, que Wüst acreditava ser de origem nórdica. As inscrições localizam-se nas partes mais altas de um desfiladeiro e, com certeza, precisariam de novos andaimes (de preferência como os que haviam sido usados para gravar o texto). Como não havia como arcar com este tipo de custo o presidente da instituição sugeriu que ele, sua esposa, um estudante iraniano, um fotógrafo, um escrevente e um escalador de montanhas fossem enviados num balão para poder verificar as inscrições. Mas a eclosão da guerra adiou a viagem.

A segunda foi um projeto que envolvia os nativos das Ilhas Canário, chamados de Guanche. A descrição deles era a de indivíduos com cabelo louro e pele branca. E havia inclusive múmias que confirmavam esses rumores, o que poderia ser um sinal de que a região foi habitada por nórdicos. Baseado nessa estranha história o Dr. Otto Huth, ligado à Sociedade Thule, propôs uma expedição no inverno de 1939 para estudar as origens raciais, artefatos e rituais religiosos daqueles índios. Na

época as Ilhas estavam sob o controle do ditador Francisco Franco, da Espanha que, por ter se recusado a entrar na II Guerra ao lado do Eixo, foi um empecilho para a realização desse estudo.

EXPERIMENTOS MÉDICOS

Discutir sobre o potencial da Ahnenerbe é um assunto que muitos podem levar dias (até mesmo semanas) para chegar a uma conclusão. O problema maior é que, ao contrário do que muitos imaginam, a instituição não ficou apenas nas escavações e no estudo do passado.

A busca pela perfeição genética tinha, claro, que chegar às raias do experimento genético. E é aí que a situação se complica. Vamos conhecer agora alguns desses experimentos, que foram muito difundidos quando a II Guerra terminou e ajudou na péssima imagem que os nazistas ganharam (além do fato do próprio Holocausto, claro).

Comecemos pelo caso do Dr. Sigmund Rascher, um dos pesquisadores seniores da entidade, que recebeu a missão de ajudar a Luftwaffe a determinar o que era seguro para seus pilotos, já que as aeronaves estavam sendo construídas para voarem mais alto do que antes. Para conseguir isso, Rascher recebeu de Himmler permissão para pedir prisioneiros dos campos de concentração para colocá-los em câmaras de vácuo a fim de simular as condições que os pilotos enfrentariam.

Outra missão deste pesquisador foi descobrir por quanto tempo um aviador alemão poderia ser capaz de sobreviver se fosse atirado em águas congelantes. Para isso ele colocava os prisioneiros em tanques de água e media pulso e temperatura interna por meio do uso de uma série de eletrodos. Também fazia experimentos com modos de reviver aqueles expostos à água gelada, incluindo alguns tradicionais como banhos quentes e sacos de dormir quentes, e alguns mais estranhos, como colocar a "cobaia" na cama com mulheres que iriam estimulá-lo sexualmente.

Rascher também realizava alguns outros experimentos ao aplicar uma substância feita de uma espécie de seiva feita com beterrabas e maçã em sangue coagulado para ajudar nas feridas feitas por tiros. O método de atuação era simples: cada "voluntário" recebia um tablete de Polygal (o nome oficial da substância) e um tiro. As feridas resultantes eram examinadas pelo que escorria das roupas.

A Ahnenerbe também promoveu muitos experimentos embaixo d´água entre julho e setembro de 1944. Só resta à nossa imaginação pensar qual seria a finalidade de tais trabalhos e o que teria acontecido com as vítimas.

Outro caso que ficou muito comentado e propagado foi o de Walter Greite, um oficial Ahnenerbe que era o líder da divisão de Estudos Naturais Aplicados. Ele assumiu tal posto em janeiro de 1939 e começou a colher medidas detalhadas de 2 mil judeus no Escritório de Imigração de Viena. Porém esses dados não apresentaram muita utilidade para os cientistas, que logo os desconsideraram.

No ano de 1941 alguns pesquisadores manifestaram o mórbido desejo de se apossarem de nada menos do que 120 crânios judeus para experimentos. Durante os Julgamentos realizados na cidade de Nuremberg, o Dr. Friedrich Hielscher testemunhou que havia pessoas na instituição que eram contra a idéia de realizar experimentos em seres humanos e que ele próprio não tinha "nenhum desejo de participar disso".

Mais tarde ficou-se sabendo que os ossos seriam usados para montar uma coleção antropológica para ser utilizada em pesquisas diversas da entidade. Essa coleção foi localizada alguns anos mais tarde e continha nada mais nada menos do que ossos vindos de 79 homens judeus, 30 mulheres judias, dois poloneses e quatro asiáticos, todos de vítimas que tiveram uma morte pouco honrosa em nome das "pesquisas".

Dentro da própria Ahnenerbe havia um outro órgão de pesquisa, o Instituto para Pesquisa Científica Militar, que foi fundado em 1942 para supervisionar experimentos médicos em prisioneiros de campo de concentração. O fundador desse instituto, Wolfram von Sievers, um dos

primeiros dirigentes da Ahnenerbe, confessou que seguiu apenas diretrizes estabelecidas pelo próprio Himmler, que já pensava nesse assunto.

E vale a pena encerrar este capítulo lembrando ao leitor que muito do que parece em filmes e outras produções de Hollywood sobre os terrores impostos por esta instituição, que já foi citada nos filmes de Indiana Jones e em Hellboy, entre outros, foram bem verdadeiros. O que realmente assusta a quem não conhece o assunto é saber que esses conceitos todos se originaram de discussões esotéricas.

CAPÍTULO 7
A SUÁSTICA

A suástica, um dos símbolos mais odiados da atualidade, a suástica ganhou o terrível destino de se tornar um representante e um lembrete da terrível política racista do III Reich. Mesmo os chamados grupos neonazistas em atividade pela Europa e América a usam apenas por sua relação com os políticos racistas do passado e nem mesmo reparam na conotação que tal imagem deveria passar.

Como uma cruz, de qualquer tipo, foi aparecer no meio de um movimento tão sanguinário como o nazismo? Desde o início a escolha de tal desenho como representante da ideologia racista de Hitler cheirava a influência esotérica. Mas seria isso verdade? Há indícios de que essa seria uma possibilidade forte, embora nada tenha sido conclusivamente provado.

Mas o fato é que a chamada cruz gamada não apareceu do nada, como muitos hoje supõem. Nem deveria ela ser ligada ao movimento nazista, como ficou, uma vez que não foi criada originalmente pelos seguidores do Führer. Poucas pessoas sabem que a suástica é um dos símbolos mais antigos já difundidos pelo mundo todo e que pode ser encontrada em diversos lugares antigos em localidades diferentes do planeta, do norte da Europa à Índia, do Extremo Oriente à Mongólia.

Trata-se de um dos símbolos mais atraentes que já foram registrados e era conhecido dos celtas, dos etruscos e dos gregos antigos. Há alguns estudiosos que insistem em ligar esta cruz com a civilização atlante apenas para firmar sua antiguidade.

Em artigo de autoria do mergulhador, escritor e historiador Elísio Gomes Filho, publicado no site Portal Militar (www.europa1939.com/documentos/index.html), lemos o seguinte:

"A suástica é encontrada, dos índios Hopi, aos Astecas, Celtas, Budistas, Gregos, Hindus, etc. As suásticas Budista e Hopi parecem reflexos no espelho do símbolo nazista. Alguns autores acreditam que a suástica tem um valor especial para ser encontrada em muitas culturas sem contatos umas com as outras. Os símbolos a que chamamos suástica são muitas vezes bastante distintos. Vários desenhos de suásticas usam figuras com três linhas. Outras chamadas suásticas consistem de cruzes com linhas curvas. Os símbolos islâmicos e malteses parecem mais hélices do que suásticas. A chamada suástica celta dificilmente se assemelha a uma, mas seria uma forma secundária, como tais são outras."

Também é encontrada em localidades mais distantes como a China, por exemplo, onde simboliza o número 10.000, a totalidade dos seres e da manifestação. É o símbolo da "forma primitiva do caráter fang, que indica as quatro direções do espaço". Por causa de sua relação com assuntos espirituais, a suástica pode ser considerada como uma espécie de símbolo substituto da roda na iconografia hindu e é o emblema da divindade Ganesha, o deus-elefante, que é uma divindade do conhecimento e do princípio supremo.

E nem mesmo precisamos ir muito longe para encontrar outras utilizações para a suástica. Entre os maçons, por exemplo, há idéias vigentes que usam tal cruz como a estrela polar e seus quatro braços como as quatro posições cardeais da Ursa Maior.

Basta dar uma olhada em qualquer sistema de busca de Internet para encontrar a famosa imagem da Sociedade Thule (já comentada neste trabalho no Capítulo 2) e ver que seu emblema incluía s imagens de uma adaga e de uma cruz suástica curva. Essa forma é a mais adotada no país basco, que "evoca com especial nitidez a figura da aspiral dupla".

REAL SIGNIFICADO

Muito se especula a respeito do seu verdadeiro significado. Há várias hipóteses em estudo e muito se tem comentado sobre o que teria gerado tal imagem. A interpretação clássica dos autores de dicionários de símbolos, como a de Bárbara G. Walker (autora de *The Woman's Dictionary of Symbols and Sacred Objects*) é a de que a suástica representa os quatro ventos e que o símbolo nada mais é do que uma "armação de quatro letras gama (Γ)". Esse seria um emblema de uma antiga deusa (embora não esteja especificado qual dessas divindades seja) e que representaria uma das quatro alternativas seguintes: solstícios e equinócios; quatro direções; quatro elementos; ou quatro deuses guardiões do mundo.

Assim, a freqüência com que a suástica aparece em lugares tão diferentes no planeta deve-se ao fato de ser um sinal muito simples de se reproduzir e também repetitivo, uma vez que é adotado em vários momentos históricos para depois ser amplamente difundido. Vale registrar, entretanto, que há quem creia que essa difusão possa ser melhor explicada quando se aplica a teoria do inconsciente coletivo, de Carl Jung.

Quando se levantou a dúvida sobre como tal símbolo poderia ter chegado até o continente americano, a maioria dos estudiosos adotaram a hipótese do "entrelaçamento cultural" como a mais provável. Há alguns que acreditam que a suástica foi para lá transportada por uma civilização primitiva européia, enquanto outros acreditam num desenvolvimento do símbolo de maneira isolada e paralela.

Até o famoso astrônomo Carl Sagan, em seu livro *Cometa*, tentou explicar a origem de tal cruz. Segundo ele há um antigo manuscrito chinês que mostra alguns tipos de cometas, onde é possível observar a reprodução de alguns desenhos onde o núcleo desses astros aparece com quatro braços curvados, o que lembra perfeitamente a suástica. Para Sagan, um cometa pode ter se aproximado bastante da Terra na antiguidade a ponto dos gases que vazavam dele terem girado ao redor do cometa e sugerido a forma da suástica como a conhecemos.

Já para Bob Kobres, um técnico de redes de computador da Geórgia, nos Estados Unidos, refuta a teoria de Sagan. Em seu livro *Comets and the Bronze Age Collapse*, de 1992, lança outra idéia: a inspiração para a criação da cruz gamada veio da China, onde desenhistas da época da Dinastia Han (que reinou entre 206 a.C. e 220 d.C.) queriam apenas imitar os formatos de pés de aves e deixar o símbolo semelhante à anatomia desses animais.

Mas é mesmo no hinduísmo que encontramos as provas mais claras sobre uma possível origem da suástica. Nessa religião trata-se de um dos símbolos mais sagrados e existe há pelo menos 1500 anos. É usado em grande quantidade de contextos diferentes, seja para representar a sorte, a divindade Brahma ou mesmo o conceito de *samsara* (definido como o fluxo incessante de renascimentos através dos mundos ou, para aqueles mais acostumados com o termo, a reencarnação).

Como o budismo teve grande penetração cultural em outros países, em especial em países como China, Coréia, Japão, Tibete e Mongólia a partir do final do primeiro milênio, é de se esperar que o símbolo apareça de novo em várias ocasiões. A enciclopédia da Internet, Wikipedia, fala sobre o assunto:

"Supõe-se que o uso da suástica pelos fiéis do Tibet, e de religiões sincréticas como a 'Cao Daí' do Vietnã , e 'Falun Gong' da China, tenha sido tomado emprestado ao budismo. Da mesma forma, a existência da suástica como símbolo do Sol entre o povo 'Akan', uma civilização do sudoeste da África, pode ter sido igualmente resultado da transferência cultural em virtude do

tráfico escravista por volta do ano de 1500."

O já citado Herman Wirth, líder da Ahnenerbe até 1937, defendeu uma hipótese no mínimo curiosa. A suástica seria uma derivação de uma letra rúnica, outra mania dos nazis que também já comentamos neste trabalho. Sua verdadeira origem estaria na representação da runa *Odil* e mostraria uma expensão direcionada aos quatro pontos cardeais e, a partir destes, para suas formas curvas e retas. Trata-se de uma teoria considerada improvável, pois foram encontradas algumas inscrições em rochas de origem escandinávias e identificadas como pré-rúnicas que contém suásticas voltadas tanto para o lado esquerdo como para o direito.

Por fim vale a pena ver mais uma versão, desta vez a publicada pelo pesquisador, engenheiro e inventor James Churchward. Num livro publicado em 1933, chamado *The Sacred Symbols of Mu*, o escritor anunciou que teria enfim achado o verdadeiro significado da cruz gamada, que havia sido perdido há 3500 anos. Sua teoria surgiu baseada em antiqüíssimos escritos entregues a ele por um sacerdote tibetano (um padrão que se observa desde que madame Blavatski anunciou a origem de seus conhecimentos secretos). Esses textos, conhecidos como *Os Escritos de Naacal*, teriam vindo de Mu, um continente que teve o mesmo trágico destino da Atlântida. Ao comparar esse conteúdo com um grupo de tabuletas mexicanas que havia conseguido com um antiquário, Churchward teria conseguido sua revelação. Assim, para o escritor, a suástica é uma derivação de uma simples cruz , onde um círculo lhe foi acrescentado e os braços esticados para além desse perímetro. Depois os braços teriam sido retorcidos e o círculo apagado. A suástica resultante simbolizaria os quatro grandes construtores do universo (embora nunca fique claro quem seriam essas entidades).

O que tantas versões possuem em comum é o fato de afirmarem que a origem verdadeira do símbolo é ariana. Pelo menos é o que afirma Edward Hulme, ilustrador e historiador natural britânico, no livro *Symbolism in Christian Art.* Diz ele:

"Ao usar a suástica, os primeiros cristãos apenas adotaram e modificaram de acordo com seus próprios objetivos um símbolo muitos séculos mais antigo do que a era cristã, um símbolo de origem ariana, encontrado com facilidade nas artes hindus e chinesa e que representa o raio, instrumento da divindade onipotente, seja ela Manu, Buda ou Brahma no leste, Thor ou Zeus no oeste."

ANTIGOS MONUMENTOS

O termo "suástica" é derivado da palavra sânscrita svasti, que significa *boa fortuna* ou *tudo está bem*. Nigel Pennick, em seu livro *As Ciências Secretas de Hitler*, afirma que o termo não era muito utilizado na língua inglesa antes de 1900, sendo preferidos os nomes heráldicos Fylfot ou Gammadion, de onde aparece a denominação "gamada". Mesmo na forma curvada, como no logotipo da Sociedade Thule, a cruz era chamada de Tetraskele. O termo "suástica" só apareceria naquela língua (grafado como *Swastica*, onde, por vezes, era grafado com um v e não com um w) por meio de um representante teosófico vindo da Índia.

Apesar de ser facilmente encontrada em antigos monumentos numa quantidade impressionante de países (Grécia, Chipre, Itália, Espanha, Portugal, França, Alemanha, Inglaterra, Escócia, Irlanda e Escandinávia, entre outros), foi somente a partir do final do século XIX que o assunto se tornou comum. Diz Pennick sobre a suástica:

"Sua natureza oculta era evidente desde o início, e muitos movimentos religiosos ou esotéricos adotaram-na. Entre estes podemos mencionar a pré-nazista Novos Templários, a Sociedade Thule, a Sociedade Teosófica e a Sociedade Vril. Um obscuro grupo ocultista ligado à última czarina da Rússia também usava o símbolo."

Há, como não poderia deixar de ser, uma corrente histórica que contradiz o papel das chamadas sociedades secretas como as verdadeiras introdutoras do símbolo na Europa. Para estes, a cruz gamada chegou ao continente por obra dos cruzados germânicos no tempo do reinado de Leopoldo III o Santo (1095-1136) e foram estes quem a trouxeram para o coração da Europa diretamente do Oriente Médio. Desde cedo a cruz foi ligada aos arianos que, segundo depoimentos da época, era "o povo que invadiu a Índia em tempos imemoriais", um sinal de distinção de casta.

Já outro estudo, de 1933, sugere que a suástica migrou da Índia, cruzou a Pérsia e a Ásia Menor até a Grécia para depois seguir para a Itália e, de lá, entrou na Alemanha, no primeiro milênio antes de Cristo. Essa teoria veio de ninguém menos do que o famoso arqueólogo alemão Heinrich Schliemann, o descobridor de Tróia. Entre 1871 e 1875, quando escavou sua famosa descoberta, encontrou artefatos com suásticas, que ele associou rapidamente a alguns símbolos iguais que tinha visto nas proximidades do Rio Oder, na Alemanha. Algum tempo depois Steven Heller, diretor de arte do *The New York Times Book Review*, escreveu um artigo onde dizia:

"Schliemann presumiu que a suástica era um símbolo religioso de seus ancestrais alemães, que ligava os antigos teutões, a Grécia de Homero e a Índia védica."

Porém, como já falamos no começo deste trabalho, a suástica só atingiria sua plena divulgação por obra e graça dos estudos dos teosofistas e das idéias de madame Blavatski. Até Rudyard Kipling, o autor britânico de *Os Livros da Selva* (de onde surgiu Mogli, o Menino-Lobo) teria combinado a suástica com sua assinatura num círculo como um logo pessoal. Afinal, havia nascido na Índia…

E, para aqueles que pensam que a América esteve livre de adotar o símbolo, é melhor pensar mais. O exemplo mais aberrante de adoção da suástica foi nos Estados Unidos, onde a Coca-Cola lançou um pingente de suástica, a cerveja Carlsberg gravou suásticas em suas garrafas e até os membros da 45ª Divisão de Infantaria americana, durante a I Guerra Mundial, chegou a usar uma suástica laranja

como emblema no ombro. Isso sem falar da publicação de uma revista chamada *The Swastika* e a existência de um emblema que era distribuído pelos escoteiros até 1940. Parecia até que o símbolo se transformara numa mania mundial.

Há uma outra polêmica sobre a questão do lado para o qual os braços da suástica correm. Para a direita ou para a esquerda, qual seria o lado que traria boa sorte? Os primeiros teosofistas, que chamaram tanta atenção para o fato de que seria um símbolo ariano, não sabiam responder corretamente a questão. Nigel Pennick relatou ter visitado alguns templos hindus que mostravam a suástica com forma e direção tradicionais, ou seja, idênticas às que eram utilizadas por Hitler. Essa seria, para os adeptos daquela religião, a forma correta do símbolo.

Mas, o Ocidente usou e abusou dessa discussão, como prova o seguinte trecho retirado de um artigo publicado originalmente na revista *Theosophical Review* em 1909:

"Muitos leitores devem estar cientes de que existem diferenças de opinião quanto à direção que deve ser tomada pela cruz(...). Qualquer que seja a maneira considerada correta para se desenhar o símbolo, o jeito contrário será encarado como oposto à ordem divina, e portanto, inclinado para o mal em geral, e à magia negra em particular(...). Se a cruz estiver girando na direção oposta aos ponteiros do relógio, estará representada de forma apropriada(...). Até agora muitos autores consideram este o melhor método para desenhar a suástica, sendo esta a maneira como foi desenhada em A Doutrina Secreta."

Vale lembrar, para o leitor mais desatento ou não acostumado com esses assuntos, que *A Doutrina Secreta* é a "bíblia" da Teosofia.

O fato das mais antigas suásticas datarem de 2500 a 3000 anos antes de Cristo não parece contribuir muito para essa discussão. Por exemplo, afirma-se que a China teria adotado esse símbolo quando o Budismo chegou da Índia e que seria usado até hoje pelo Falun Dafa, definido como "uma prática que tem melhorado a saúde e a paz interior de milhões de pessoas ao redor do mundo", também chamada de prática de cultivo (aqui "praticar" significa fazer exercícios e praticar meditação para energizar o corpo, enquanto o "cultivo" diz respeito ao aprimoramento da mente e do coração através do estudo cuidadoso de princípios universais baseados na verdade, benevolência e tolerância).

O emblema de tal prática é tido como uma miniatura do universo que possui sua própria forma de existência e processo de evolução. É composto por uma suástica maior no centro, em sentido anti-horário, e quatro suásticas menores em cima, em baixo, à direita e à esquerda da maior. Entre as suásticas menores há símbolos yin-yang. Enquanto as suásticas representam a Escola Buda e são consideradas símbolos de boa sorte, os símbolos yin-yang representam a Escola Tao.

Há uma explicação para o sentido da rotação. Quando a suástica gira no sentido horário, ela automaticamente absorve energia do universo, no sentido de auto-salvação de quem a usa. Ao girar no sentido anti-horário, ela emite energia, oferecendo a salvação ao próximo. Esse símbolo representa, assim, o macro e o microcosmo.

Se levarmos tudo isso em conta, seria possível dissociar a má impressão causada pela associação do símbolo com o nazismo? Há um registro que indica que muitas variações desse símbolo foram utilizadas pelos alemães durante a II Guerra Mundial. Abaixo citamos apenas algumas:

Variação	Utilização
Suástica preta, com giro de 45º, sobre disco branco	símbolo usado pelo NSDAP e bandeiras nacionais
Suástica preta, com giro de 45º, sobre um quadrado branco	Juventude Hitlerista
Suástica preta, com giro de 45º, sobre fundo branco	Cauda das aeronaves da Luftwaffe
Suástica preta, com giro de 45º, sobre desenho de linhas brancas e pretas finas contornando um círculo branco	Bandeira pessoal de Hitler, com uma grinalda de ouro cerca o símbolo
Suástica de braços externos curvos, formando um círculo interrompido	Divisão Nórdica das SS

Fonte: Wikipédia

EFEITO PSICOLÓGICO

Aqui vale a pena gastarmos algumas linhas para falar sobre o trabalho do psicanalista ucraniano (mas de origem germânica) Wilhelm Reich. Considerado como um discípulo dissidente de Sigmund Freud, Reich propôs a origem da neurose como "conseqüência dos conflitos de poder que se estabelecem nas relações sociais e suas implicações emocionais e psicológicas". Sua obra mais conhecida, *A Função do Orgasmo*, traz conceitos para os quais a psicanálise de origem freudiana não se considerava preparada para aceitar. Muitas de suas idéias traziam elementos retirados da teosofia e até do espiritismo, como a existência de uma substância intangível e vital, chamada por ele de "orgônio universal", um equivalente ao prana teosófico ou o fluido cósmico universal dos espíritas.

E foi este mesmo pesquisador que escreveu um livro sobre o efeito psicológico da suástica, *Die Massenpsychologie des Faschismus*. Reich dizia que o nazismo usara a simbologia para "atrair a massa de trabalhadores alemães, enganando-os com a promessa de que Hitler seria um Lênin para a Alemanha". E vai mais a fundo no tema quando esclarece que os nazis usavam músicas, no estilo das adotadas pelos comunistas para, juntamente com a bandeira (onde estava a suástica), passar um ar revolucionário para aqueles que observavam.

Assim a teoria da superioridade racial apelava ao subconsciente por meio da suástica e dos contrastes oferecidos pela predominância das cores vermelha, preta e branca. Diz ele:

"Se olharmos detidamente para as suásticas no lado direito, vemos que elas claramente revelam formas humanas esquematizadas. Já a suástica voltada para a esquerda, mostra um ato sexual."

Em conclusão, a suástica seria um fator importante para atrair as massas e concentrar suas atenções em prol de uma ideologia falha. O poder hipnotizador dos discursos de Hitler só seria comparável ao simbolismo representado pelo suposto símbolo ariano "por origem".

REDENÇÃO DA SUÁSTICA

Não, você não leu o título acima errado. Há mesmo uma espécie de movimento não-declarado disposto a redimir a cruz gamada de sua associação com o oculto e com o movimento nazista. Pelo menos é o que conta um artigo do *The New York Times*, assinado por Sarah Boxer, e publicado em 2000:

"Nos anos 1960, por exemplo, a suástica era motivo recorrente na arte abstrata geométrica e nas pinturas hard-edge, notavelmente em uma exposição no Museu Guggenheim. Mas o esforço mais coordenado para redimir a suástica vem dos Friends of the Swastika, um grupo formado em 1985 e sediado nos Estados Unidos. O grupo, cujo site na Internet promete 'não ter nenhum vínculo com nenhuma propaganda racista' e nenhuma intenção de negar o Holocausto, é liderado por um artista chamado ManWoman, que alega ter 200 suásticas tatuadas em seu corpo. De forma a 'desintoxicar' e 'ressantificar' a suástica, o grupo vende camisetas, selos, cartões postais e 'outras coisas legais' com suásticas. O lema deles é 'To hell with Hitler!'.
E segundo eles, o trabalho já está funcionando. 'A suástica está reemergindo na cultura pop alternativa(...) no mundo do punk rock, nos cultos de discos voadores, e nas gangues de rua'. Há adolescentes usando suásticas apenas por achá-las legais(...).
Ela se tornou um ícone de rebelião. O logo dos skates ZZ Flex parece muito com uma suástica. O rótulo do CD de heavy metal Sacred Reich possui suásticas engrenadas. O logo da banda Kiss, que originalmente era formada por três membros judeus, foi feita para se parecer com a insígnia da SS, não uma suástica, mas dois SS paralelos parecidos com raios."

O artista não parece muito satisfeito com os resultados obtidos de forma pacífica por meio de textos publicados em sua página na Internet (www.manwoman.net/swastika/). Ele também lançou um livro, que pode ser obtido por meio da página, que explica exatamente por que se deu ao trabalho de reeducar as pessoas sobre a suástica e seu significado. "Como um símbolo pode ser culpado pelos atos de um louco?", argumenta ele e seus seguidores. E parece que Steven Heller concorda, pois declarou "Os ícones nazistas foram fortes o suficiente para seduzir uma nação, e ainda contém um poder gráfico que pode ser liberado hoje".

Falta apenas saber se, caso ainda haja algum "poder" para ser libertado nos dias de hoje, isso não poderá acionar o "subconsciente coletivo" e provocar um reaparecimento de mais movimentos neonazistas. Hoje em dia já há uma quantidade razoável de grupos deste tipo sem que peças de arte ou outros objetos reavivem a lembrança latente de uma época de medo e ignorância racial.

CAPÍTULO 8
HORÓSCOPOS, ORDENS DE CAVALARIA E A TERRA OCA

Como já vimos neste trabalho, as SS de Himmler eram fortemente inspiradas em ordens de cavalaria medievais a ponto de formarem seus próprios rituais de iniciação no mesmo estilo dos hoje mais que conhecidos Cavaleiros Templários. Tudo isso faz sentido se pensarmos que a obsessão alemã pela descoberta do super-homem ariano era levada a sério em três linhas principais, conforme nos diz Jean-Michel Angebert em seu livro, *Hitler e as Religiões da Suástica*. Nessa obra podemos ler o seguinte:

"(Para entender o fenômeno do nazismo) É necessário, portanto, reunir os elementos que temos e estabelecermos resumidamente as três dimensões: a gnose racista como ideal político e religioso, a mutação do super-homem simbolizada pela suástica no terreno científico e, enfim, o ocultismo mágico e a astrologia como elementos de predição e de ligação com o passado."

Esse trecho consegue reunir os três aspectos que, juntos, resultaram no movimento nazista alemão. A tal gnose racial foi vista e revista várias vezes por meio da propagação dos conhecimentos da teosofia e de "filósofos" como Guido von List. A mutação científica foi representada não só pela adoção do símbolo da suástica (que, como vimos no capítulo anterior, nem sempre quis significar o mal), mas pelas pesquisas dos cientistas e exploradores da Ahnenerbe. Por fim, veremos resumidamente o terceiro item, que é o uso da astrologia para ligarem-se com o passado.

Já falamos da ligação solo-sangue que as SS imprimiam com seus "escolhidos". Também já vimos sobre a Sociedade Thule e sua influência na criação do pesadelo nazi. Por isso, faz sentido revisarmos o uso da astrologia no pensamento de Hitler e seus seguidores. Angebert relata em seu livro que a figura-chave da Thule, Rudolf von Sebottendorf, um maçom e praticante de meditação sufi (tradição mística islâmica), "previa constantemente a chegada de uma Ordem racista sob os auspícios de um chefe divinizado". Foi assim que, em 1923, quando Hitler e os demais falharam no golpe de estado e foram presos, Sebottendorf publica na cidade de Leipzig um livro em cuja conclusão cita o horóscopo levantado na ocasião:

"E agora, vai, pequeno livro, a hora é favorável! Comecei este preâmbulo a 3 de Fevereiro de 1924 ao meio-dia e trinta por 46º de latitude norte e 9º de longitude leste. Numerosos são aqueles a quem tu levarás a redenção pelo conhecimento verdadeiro!"

Há inúmeras fontes históricas confiáveis que fazem menção do uso de horóscopos por astrólogos oficiais do regime nazi. Por exemplo, Johann Ludwig Graf Schwerin von Krosigk, político alemão que ocupou o cargo de chanceler alemão entre 1 e 23 de maio de 1945 confirmou a existência de

horóscopos que anunciavam o começo da II Guerra Mundial em 1939, uma série de vitórias alemãs até 1941 seguidas de derrotas em série até abril daquele ano. Também falavam que, a partir daquela última data, aconteceria "uma alteração espetacular a favor da Alemanha". Um trecho curioso é relatado por Angebert sobre uma comunicação telefônica que Joseph Goebbels, o ministro de propaganda de Hitler, recebeu naquele 13 de abril de seu Führer.

Goebbels, falando com Hitler ao telefone, teria dito:

"Meu Führer! Felicito-vos! Roosevelt morreu. Está escrito nos astros que a segunda metade de abril constituirá uma reviravolta para nós. Estamos a 13 de abril, sexta-feira. Eis a reviravolta."

Como resposta o ministro ouviu algumas palavras de seu chefe que, segundo testemunhos, teria sido de natureza animadora. Quando Goebbels desliga o telefone, está "como em êxtase".

Assim não é de se admirar que, com todos esses detalhes esotéricos à solta no regime nazi, os autodeclarados candidatos à arianos olhemse de maneira especial. Afinal, falamos de uma época em que a ciência só era levada em consideração dentro de determinados padrões que satisfizessem os objetivos do então novo regime alemão.

E, como vimos, Himmler seguia preceitos místicos em seus projetos. Assim são inevitáveis as comparações entre as sociedades secretas da época e a estrutura adotada nas SS. E nesse meio todo surgiu a chamada Ariosofia, uma vertente esotérica que reúne teorias arianas ocultistas e racistas. Foi estabelecida por Jorg Lanz von Liebenfels, fundador da Ordem dos Novos Templários ou Ordem do Novo Templo (Ordo Novi Templi), em 1907. Liebenfels arrendou e passou a viver nas ruínas de um antigo mosteiro, chamado Burg Werfenstein, que ficava às margens do rio Danúbio, entre Linz e Viena. A ordem que ele fundou era uma espécie de releitura dos Cavaleiros Templários. Foi sua revista oficial, chamada *Ostara* (nome da deusa germânica da primavera), com suas matérias que falavam de anti-semitismo desde 1905, que influenciaram Hitler a ponto deste adotar como seu o ponto de vista desta figura excêntrica.

Em 1913 Liebenfels publicou um "estudo" sobre os Templários que seria a base de sua própria ordem. Nessa tese ele explicava que a busca pelo Santo Graal seria apenas uma metáfora para certas práticas templárias que colocavam aqueles cavaleiros como "progenitores de uma raça de bons homens". Assim os monges-guerreiros históricos foram transformados em uma "gnose sexo-racista" que originaria os Novos Templários.

A Ordem criada por Liebenfels era definida como "uma associação ariana de ajuda mútua, criada para fomentar e promover a consciência racial através da pesquisa heráldica e concursos de beleza; e visando a fundação de Utopias raciais em partes subdesenvolvidas do mundo". A ONT, como passou a ser conhecida, promovia festivais e concertos no castelo de Burg Werfenstein com convidados que vinham da alta sociedade de Viena, trazidos num barco a vapor pelo Danúbio. As colunas dos jornais da época cobriam tais eventos com a mesma atenção que a imprensa moderna daria para um Festival de Cannes, por exemplo. Assim, os veículos ajudavam a propagar as idéias racistas que eram publicadas originalmente na *Ostara*.

Para se filiar à ONT o candidato deveria provar sua ascendência ariana e jurar "proteger os interesses de seus irmãos de raça". Assim, para os Novos Templários, a única maneira que os alemães possuíam para "recuperarem sua antiga bondade perdida" era por meio da esterilização e castração dos indivíduos de "raças inferiores", uma medida necessária para evitar a suposta poluição do sangue ariano. Pela lógica deles, identificar os homens superiores seria fácil uma vez que estes teriam uma aparência bela, forte e saudável, enquanto aqueles que seriam pobres, doentes, portadores de deficiências físicas e mentais e desfavorecidos socialmente seriam as "raças inferiores". Com certeza uma deturpação enorme do evolucionismo de Charles Darwin, ao qual se referiam como "darwinismo social" e que se constituíria na doutrina chamada Ariosofia.

Vale lembrar um último fato sobre o assunto: a Ordo Novi Templi foi abruptamente fechada pela Gestapo em 1942. Se levarmos em conta que a ordem servia como fornecedora de pessoal para as SS e fora a mentora da teoria da exterminação das raças inferiores, podemos perceber que Hitler, se foi mesmo influenciado diretamente por essa ou outras sociedades secretas, parece ter saído completamente do controle destas, pois somente por este ato vemos que ele estava determinado a acabar com a influência desses grupos clandestinos. Hitler queria mesmo ser o senhor de tudo e jamais admitiria que era controlado por outros grupos, direta ou indiretamente.

OS CAVALEIROS TEUTÔNICOS

Outros membros do grupo nazi não tinham tantos receios em esconder as influências ocultas. Himmler que o diga, pois era completamente influenciado por elas, como já vimos.

E não se pode esquecer que a grande inspiração para Himmler deixar as SS no formato que ele tanto queria veio mesmo de uma ordem de cavalaria, porém mais puxada para o lado histórico do que esotérico. Curiosamente, trata-se de uma ordem ligada à mesma igreja que os nazis viam como uma força que reprimia seu sentimento de orgulho racista.

Estamos a falar da Orden der Brüder vom Deutschen Haus St. Mariens in Jerusalém (em latim, Ordo Domus Sanctæ Mariæ Theutonicorum), mais conhecida como Cavaleiros Teutônicos.

Faremos, agora, uma rápida revisão histórica para entender um pouco a obsessão nazi por estes cavaleiros. Os teutônicos foram uma ordem militar cruzada, vinculada à Igreja Católica por votos religiosos pelo papa Clemente III. É a mais jovem das ordens militares religiosas, fundada em 1190 como uma unidade de auxílio por comerciantes alemães que se preocupavam com os compatriotas sujeitos às doenças. Estabeleceu-se com os integrantes do exército cristão em Acre, na Palestina, o último bastião da cristandade antes da perda permanente deste terreno para os islâmicos. Durante a Idade Média eram uma ordem militar atuante nas cruzadas. Eram facilmente reconhecidos por suas sobrevestes brancas com uma cruz negra.

Essa ordem teve papel importante de atuação no oriente Médio, pois controlava os portos de Acre. Depois que as forças cristãs foram derrotadas, os cavaleiros foram para a Transilvânia em 1211 para ajudar a Hungria a defender-se contra os cumanos (tribo turca ocidental que vivia ao norte do Mar Negro ao longo do rio Volga). Foram expulsos em 1225 depois de uma suposta tentativa de se colocarem sob domínio papal e recusarem a soberania húngara.

Após a publicação da *Bula Dourada de Rimini*, promulgada por Frederico II do Sacro Império Romano em março de 1226, que declarou igualmente a indivisibilidade do reino da Boêmia e regulamentou as suas relações com o Sacro Império Romano, o grão-mestre Hermann von Salza e o duque Conrado I da Masovia realizaram uma invasão conjunta da "Velha Prússia" (região que se estendia da costa sudeste do mar Báltico aos lagos Masurianos) em 1226 a fim de cristianizar aquela região. Os cavaleiros foram depois acusados de enganar a lei Polonesa e criar um estado monástico independente.

Uma vez estabelecidos na Prússia, a Ordem envolveu-se em campanhas contra seus vizinhos, os reinos da Polônia, o Grão-Ducado da Lituânia e a República de Novgorod (antigo estado russo da Idade Média que se estendeu do Mar Báltico até os Montes Urais entre os séculos XII a XV). Com os tributos arrecadados dessas localidades eles contrataram muitos mercenários e tornaram-se uma potência naval no mar Báltico.

Esse poder só foi perdido em 1410 quando um exército composto por poloneses e lituânios derrotaram a Ordem e seu potencial militar na Batalha de Grunwald (também conhecida como Batalha de Tannenberg), uma das mais conhecidas da Idade Média. Depois disto os Cavaleiros Teutônicos começaram a entrar em declínio até 1525 quando o Grão-Mestre Alberto de Brandenburgo saiu da Ordem e se converteu ao protestantismo luterano para se tornar Duque da Prússia (embrião do Reino da Prússia, catalisador do futuro Império Alemão).

Depois dele o Grão-Magistério foi transferido para Mergentheim, de onde os Grão-Mestres continuavam a administrar as consideráveis posses da Ordem na Alemanha até 1809, quando Napoleão Bonaparte ordenou sua dissolução. Os cavaleiros perderam assim suas posses seculares até uma nova versão surgiu com o decreto papal emitido por Pio XI em 21 de Novembro de 1929,

que transformava os cavaleiros teutônicos numa ordem clerical composta por sacerdotes, padres e freiras. Eles continuaram a existir, liderados pelos Habsburgos, pelo menos até a I Guerra Mundial, como podemos observar pelo uso da cruz teutônica, origem da célebre cruz de ferro, utilizada nas forças armadas alemãs, e que ainda está em uso. Atualmente operam principalmente como instituição de caridade na Europa Central.

Alguns pontos sobre seu comportamento podem ser observados em diversos estudos sobre o tema. Com eles, conseguimos notar o por que da fascinação de Himmler com esta ordem. Vejamos alguns:

- A forma impiedosa de combater o inimigo rendeu aos Teutônicos, a reputação de guerreiros malignos.
- Os Cavaleiros Teutônicos tornaram-se cínicos, e acreditavam que a eliminação total do inimigo era o único meio de erradicar rapidamente o mal.
- Para atingir seus objetivos, o treinamento militar teutônico era considerado supremo e por vezes extremo.
- Os membros desta Ordem são normalmente fortes e refletem seu treinamento militar.
- Os membros eram encarados pela população em geral como pessoas normais que pertencem a uma Ordem semiclerical, dedicada ao trabalho de caridade. Porém, de acordo com certos historiadores, os teutônicos tinham "força para dobrar barras de ferro", o que os colocaria à parte da média da população.
- Esses Cavaleiros escolhiam seus sócios cuidadosamente, em geral provenientes de polícias especiais ou forças armadas de vários pontos ao redor do mundo. A maioria dos Teutônicos vinha desses exércitos ou equipes de força policial.
- O cavaleiro era muito reservado e raramente revelava sua identidade em público.
- É considerada por muitos a única Ordem que obrigava seus membros que cumprissem antigas regras de não manter contatos familiares.
- Para pertencer à Ordem era necessário possuir muito bons atributos físicos e ser um excelente lutador. Sua fama era a de possuírem um temperamento agressivo, e freqüentemente, estariam ansiosos para entrar numa briga.
- Os Teutônicos normalmente ficavam frustrados com estratégias em longo prazo. Gastam a maior parte de suas vidas a treinar para lutar e queriam pôr todo o treinamento em prática rapidamente.
- Tendiam a ser difíceis de se dar bem socialmente. Eles repugnavam artifícios ou táticas sutis e acreditavam no confronto frente-a-frente como melhor tática de aproximação. Isto os colocava freqüentemente em desentendimentos com os Hospitalários e os Templários.
- Por vezes os Teutônicos, quando fora da Ordem, ignoravam as instruções de seus próprios oficiais, caso julgassem que eram impróprias ou incorretas.

O castelo de Marienburgo, na Polônia, foi a sede dos Teutônicos naquela região, antes chamada de Prússia Oriental. Foi construído originalmente em 1276 pelo grão-mestre Winrich von Kniprode como uma fortaleza funcional. O local teve importância estratégica para o comando e sede da Ordem em 1309. Quando os Teutônicos ampliaram seus territórios e trouxeram paz para a área, o castelo tornou-se um magnífico hotel para nobres visitantes e Cavaleiros que se interessavam em tomar parte nas campanhas por eles promovidas.

Curiosamente o castelo foi reformado durante o século XIX somente para ser bombardeado pelo Aliados durante a II Guerra Mundial, quando foi reduzido a ruínas, o que só prova a importância

simbólica que o local possuía para os nazis. Vale acrescentar que o governo polonês devolveu o castelo para a Ordem moderna "como meio de restabelecer a tradição e manter o local histórico".

Mas haveria mesmo alguma ligação entre a ideologia nazi e as ordens de cavalaria medievais ou seria isso apenas uma teoria acadêmica? Em artigo publicado na revista brasileira *História Viva* o professor Álvaro Alfredo Bragança Junior, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, diz:

"As tradições germânicas prestavam-se, conforme a visão nacionalsocialista, para o embasamento da cultura dos novos tempos. Caso se atente para alguns legados do passado germânico durante os anos de 1933-1945, por exemplo, na vida militar alemã, isso se torna patente. O mito ariano da pureza racial tinha nos soldados das Waffen SS de origem alemã seu melhor espelho. Uma árvore genealógica imaculada era pré-requisito. Suas características morais traziam consigo o código de comportamento dos cavaleiros medievais: honra (Ehre) e fidelidade (Treue) eram seu lema. As noções de povo, império e governo adornavam não só as mentes, como também as fivelas dos cintos dos novos guerreiros germânicos. Dinastias (Carlos Magno, Hohenstaufen), povos reais ou mitológicos (vikings, nibelungos), denominações ligadas ao espaço geográfico comum (Nord, Nordland) davam nome às suas divisões. Até ordens secretas, semelhantes às mais importantes da Idade Média, como Templários, Hospitalários e Cavaleiros Teutônicos, com ritos iniciáticos, sólida hierarquia e dogmatização do saber oculto, foram fomentadas. Para a população, de modo diferente, mas não excludente, festividades alusivas a práticas pagãs como a celebração do solstício, à fartura nas colheitas, ou seja, tradições e costumes passados de geração a geração, tornam-se matéria de governo e fator de unidade e uniformidade nacionais a serviço do líder."

A TERRA OCA

Uma impressão que fica, quando estudamos o assunto do esoterismo nazista, é que ocultismo, história, ciência e religião se misturam numa teia de referências e citações que deixam o retrato da ideologia daquela época cada vez mais difícil e complicado para se entender. Principalmente quando voltamos nossa atenção para uma pessoa que foi considerada o cientista alternativo mais influente da Alemanha nos anos 1920, Hans Hörbinger.

Com muito apoio financeiro e uma rede de contatos bem consistente, Hörbinger conseguiu o apoio de membros da Juventude Hitlerista e outros grupos nazistas. Foi considerado aquele que iria "varrer as ciências lodosas do caminho". Sua doutrina do Gelo Eterno (que dizia que a Terra fora, num passado distante, ciclicamente devastada por fases sucessivas de gelo e fogo, o que explicaria a superioridade ariana em sobreviver a essas catástrofes) fez muito sucesso naquela época. Quando um de seus ajudantes foi morto por um comunista, sua ligação com os nazis foi o suficiente para que a vítima fosse canonizada como mártir do III Reich.

Sua influência era tal que seus "associados" (para não dizermos capangas) interrompiam encontros ortodoxos de astrônomos. Nem mesmo os periódicos científicos de então escapavam a uma constante chuva de cartas que defendiam a tese do Gelo Eterno. Aqueles que ignoravam tal absurdo recebiam ameaças, como "quando vencermos, você e os de sua laia serão atirados aos esgotos".

Todo esse esforço resultou na publicação de pelo menos 40 livros muito populares, três grandes tratados e centenas de planfletos. Horninger, que nascera em 1860, era engenheiro, conhecido apenas como o criador de um sistema de válvulas para bombas dito "revolucionário". Quando resolveu aplicar seus conhecimentos à astrologia, começou a esboçar as teorias que "explicariam" a história geológica da Terra, uma visão que se ajustaria perfeitamente àquela adotada pelos nazis.

Baseado em lendas do passado que explicavam relatos como os registrados no Edda nórdico, o cientista explicava assim catástrofes como o desaparecimento da Atlântida ou da longínqua terra de Thule. Os nazis adoraram essa nova "ciência", que explicava muito do mito ariano, ao contrário da visão mais ortodoxa, que usava a existência de fósseis como prova de que essas mesmas catástrofes nada mais eram do que lendas.

Em meio a esse panorama científico é que começaram a ser propagadas teorias sobre a existência de um mundo subterrâneo dentro de nosso planeta. Como já vimos no capítulo que trata sobre a Sociedade Vril, esse conceito não é exatamente novo, uma vez que já havia sido utilizado largamente em vários romances de ficção científica (até mesmo Júlio Verne já falara sobre isso).

O que ficou claro é que havia, na verdade, duas teorias sobre o assunto que eram incompatíveis entre si, mas ambas foram acolhidas pela corrente esotérica nazista. A primeira diz que o planeta é mesmo oco e que possui várias entradas, especialmente nos pólos norte e sul. Já para a segunda teoria a Terra é "uma cavidade oca em um cosmo infinito de rocha sólida, e todos nós vivemos dentro de uma esfera".

Na primeira teoria temos uma verdade multidão de criaturas ocultas que vivem no espaço dentro do planeta e esperam uma oportunidade para sair e conquistar os seres humanos e obter o domínio completo do mundo. Essa idéia teria surgido em 1818 quando John Cleaves Symmes, um oficial aposentado do exército americano, teve a idéia de organizar uma expedição para procurar a entrada para esse estranho universo. Essa idéia teria sugerido aos teosóficos que os últimos remanescentes de uma supercivilização que teria florescido, no hoje, Deserto de Gobi teriam se refugiado lá dentro e construído as míticas cidades de Shamballah e Agharta. Como haviam partidários alemães que localizavam essas cidades na Terra Oca e não em bunkers escondidos no Himalaia, como alguns

acreditavam, Himmler teria enviado expedições para contatar o lendário Senhor do Mundo em Agharta por meio das entradas existentes no Himalaia. Outras expedições teriam sido enviadas mas para procurar a entrada existente nos pólos.

A segunda teoria também surgiu nos Estados Unidos, mas desta vez por meio de um certo "messias" religioso do século XIX, chamado Cyrus "Koresh" Teed. Esta figura teria criado uma nova disposição dos astros celestes para criar uma teoria da existência de um mundo côncavo. Segundo ele Sol, Lua, demais planetas e demais estrelas e planetas seriam corpos que flutuam no centro da cavidade esférica. Uma teoria que, embora contrária a tudo que fora observado até então, ganhou uma quantidade considerável de seguidores, que fundariam uma comunidade chamada Koresh Union, em Chicago, de onde saíram investigadores com a missão de medir o globo terrestre.

Assim surgiu, baseado nas idéias de Teed, a versão alemã nazi conhecida como Hohlweltlehre, que "explica por que um cidadão de Dresden não podia olhar o céu e ver Pequim lá em cima". Como a luz não se propaga em linhas retas, mas em curvas suaves, o fenômeno causaria a falsa impressão de um horizonte. Essa vantagem seria propagada principalmente entre o almirantado alemão, que tentou usá-la para obter vantagem sobre os ingleses.

Assim, essas e outras teorias ganharam as mentes dos nazis e tentaram dar-lhes armas para que ganhassem a guerra. Mas nem horóscopos, cópias de rituais de ordens de cavalaria ou mesmo os estudos do planeta impediram sua queda e o fim de seu III "Reich de mil anos".

CAPÍTULO 9
NAZIS NO TIBETE

Já falamos muito durante este livro sobre o caráter esotérico das SS e a influência que certos movimentos de origem oculta exerceram sobre Himmler e suas tropas. Porém há um assunto que merece um capítulo à parte e que possui uma tal complexidade que, por vezes, é difícil tentar resumi-lo de maneira adequada. Por isso, o melhor exemplo para abrirmos este capítulo está na publicação de uma obra de ficção chamada originalmente *Die schwartze Sonne von Tashi Lhunpo*, de autoria de Russel McCloud. Seu nome traduzido, de fato, é bem sugestivo: O Sol Negro de Tashi Lhunpo.

O livro passa-se na primeira década do séculi XXI quando a União Européia e as Nações Unidas administram, juntas, uma "Nova Ordem Mundial" voltada à prosperidade econômica. Até que o presidente do Banco Europeu e um membro essencial e importante do Conselhod e segurança da ONU são assassinados. Uma marca encontrada nos locais dos crimes mostra um disco solar gravado nas testas das vítimas. Trata-se de um círculo negro cercado por doze runas Sigs dispostas ao redor da imagem.

McCloud teria sido, de acordo com o autor do livro *Sol Negro*, Nicholas Goodrick-Clarke, o primeiro a relacionar o disco solar encontrado no Castelo de Wewelsburgo com o místico símbolo do Sol Negro, já comentado por aqui. Assim teria começado a se espalhar a idéia da ligação entre Himmler e a suposta herança das SS composta de conhecimento ariano-teosófico.

Porém, um outro item na trama deste livro, originalmente publicado em 1991, chama mais a atenção. Aqui o herói, um jornalista segue uma pista que parte do citado castelo e leva para o Tibete, onde ele tem um encontro inusitado com um ex-membro das SS chamado, Karl Steiner. Esse homem vive naquela região há anos como eremita e mora a apenas um dia de caminhada do mosteiro de Tashi Lhunpo (que realmente existe, conforme podemos constatar em sua página oficial da Internet no endereço tashilhunpo.org e que foi fundado em 1447 e é considerado um dos quatro maiores mosteiros budistas tibetanos). Steiner tem mais de noventa anos, porém mantém uma aparência jovem e foi parar naquele país quando veio com uma expedição da Ahnenerbe em 1942. Ele fornece ao personagem principal uma explicação sobre a história do mundo que "situa a conexão nazistastibetana no contexto familiar do mito de Thule e da Mongólia".

Sobre o enredo do livro de McCloud, Goodrick-Clarke acrescenta uma explicação para essa suposta conexão:

"Os thuleanos pré-históricos eram originalmente descendentes dos deuses; um dos grupos queria permanecer isolado e usar os homens mortais como gado, o outro decidiu educar e melhorar a humanidade. Esses grupos se dividiram nos acampamentos de Shamballah e Agartha. McCloud revela uma certa simpatia pelo nazismo ao identificar Shamballah com os governos secretos da 'Nova Ordem Mundial', o serviço secreto da ONU, a União Européia, e os maçons. Mas os nazistas, é dito, fizeram sua aliança com Agartha, pois era seu plano transformar homens em super-homens. O III Reich, a II Guerra Mundial e a recente onda de assassinatos são, portanto, meros episódios na eterna batalha de Agartha e Shamballah sobre o destino do homem."

O clímax da história chega quando Steiner e agentes do Aghartha chegam ao Castelo de Wewelsburgo para participar de um ritual de solstício de inverno. Suas intenções são claras: restaurar o domínio mundial do nazismo.

Este é apenas um exemplo de literatura atual que mostra a mistura de assuntos que se tornou característica do assunto esoterismo nazi. Mas é um excelente exemplo para verificar que a maioria desses pesquisadores afirma e reafirma que muito das características esotéricas presentes na filosofia nazi vieram mesmo de exóticas terras, das quais o Tibete exerce um papel essencial.

SETE ANOS NO TIBETE

Poucas pessoas sabem, mas essas expedições nazistas ao Tibete realmente existiram. Um exemplo mais acessível ao público foi o filme *Sete Anos no Tibete*, de 1997, dirigido pelo mesmo realizador de *O Nome da Rosa*, o francês Jean-Jacques Annaud. No filme, protagonizado por Brad Pitt, após decidir escalar um dos picos mais altos do Himalaia, um alpinista austríaco corajoso e egoísta é preso pelos ingleses, que estão em meio à II Guerra Mundial. Ele consegue escapar de seu cativeiro e retoma sua jornada até encontrar o jovem Dalai Lama, que o auxilia a recobrar sua espiritualidade. O filme foi baseado no livro homônimo de Heinrich Harrer, um austríaco que, conforme provam vários documentos, foi um nazi que conseguiu esconder sua verdadeira identidade por mais de meio século. O personagem de Pitt não é outro senão o autor do livro, que foi chamado pela imprensa especializada como "guardião dos direitos humanos" e "o melhor embaixador do Tibete".

Vale lembrar que *Sete Anos no Tibete* foi publicado em 1952 e foi traduzido para mais de 40 línguas. Suas vendas excedem o total de cinco milhões de cópias desde então.

A verdade pode ser um tanto diferente. Em maio de 1997 um jornalista austríaco, Gerald Lehner, que era correspondente de um jornal de seu país nos Estados Unidos, encontrou nos Arquivos Nacionais de Washington um documento de 80 páginas que detalhava os laços entre Harrier e os nazis. Além dele um outro repórter, ligado ao semanário alemão *Stern*, encontrou nos Arquivo Federais em Berlim um arquivo sobre o passado nazista de Harrer. Lá havia informações sobre o trabalho do autor com as AS. Pouco depois da anexação da Áustria na II Guerra Mundial, em 1938, Harrier passou para as SS (onde recebeu a denominação numérica 73896 e pertencia ao esquadrão 38), onde chegou a líder de seu grupo. Harrier só se juntaria ao Partido Nazi em maio daquele mesmo ano, onde se tornou membro número 6307081.

O autor de *Sete Anos no Tibete* era considerado um "preferido do alto comando nazista" e foi cumprimentado pessoalmente por Hitler por seu trabalho. Tanto que, algum tempo depois, ele seria designado para treinar tropas nazis para que realizassem suas obrigações na chamada "solução final", ou seja, no extermínio sistemático dos judeus.

Harrer casou-se em 1938 com uma "ariana de puro sangue", casamento aprovado por ninguém menos que Heinrich Himmler. Pouco depois, em 1939, foi capturado pelo exército britâncio na Índia. Permaneceu muito tempo prisioneiro e, em 1944, foi registrada sua quinta tentativa de fuga da prisão, na qual foi bem-sucedido. Ele e um amigo nazista que também estava prisioneiro, fugiram para o Tibete. Chegaram ao seu destino em Lhasa, capital do Tibete, e em 1946 Harrer tornou-se tutor do 14º Dalai Lama, que tinha apenas 11 anos na época. Apenas em 1951 ele sairia do Tibete e voltaria à Áustria, onde escreveu seu livro de muito sucesso.

Em artigo publicado em 1998 no Beijing Review, o jornalista Ren Yanshi expõe Harrer como "um interesseiro político que vive de mentiras". Havia muitas pessoas que suspeitavam de seu passado nazi muito antes dele ser exposto, embora o ex-nazi negasse todas as acusações e as escondesse por mais de cinqüenta anos.

Depois que os arquivos com sua verdadeira identidade foram finalmente descobertos e expostos, a pressão sobre ele piorou. Apenas quando foi confrontado com sua ficha oficial é que ele sucumbiu à confissão. Ao ser confrontado por um repórter do semanário austríaco *Profil*, em 1997, ele respondeu apenas: "Isso foi há 60 anos… Não era nada. Você descobriu, então isso responde às suas perguntas."

Essa polêmica toda levantou várias hipóteses sobre a presença de nazis no Tibete. Outro semanário australiano, o *Wochenpresse*, lembrou que a principal tarefa da famosa expedição nazista

enviada àquele país em 1939 era investigar a possibilidade de estabelecer na região uma base para atacar as tropas britânicas estabelecidas na Índia, mas que o mesmo grupo possuía um segundo objetivo, que era verificar boatos ouvidos por Himmler de que havia um grupo de arianos de puro sangue estabelecidos por lá. A mesma publicação afirmava que Harrer tinha contatos diretos com os participantes daquela expedição e que o fato dele ter escapado para o Tibete quando saiu da prisão era, na verdade, entrar em contato com aquele grupo de exploradores e continuar sua "missão essencial" de localizar os arianos perdidos.

Harrer negou várias vezes que possuía qualquer ligação com os expedicionários. Porém Bruno Beger, um membro do grupo que foi ao Tibete e que trabalhou para a Ahnenerbe, afirmou que ele e o exnazi eram bons amigos e que também eram ligados a Ernst Schäfer, participante das três expedições nazi àquele país. O *Profil* ainda publicou uma outra reportagem onde revelava que Harrer obteve fotos dos membros daquela expedição para uma exibição particular.

Outros periódicos austríacos revelaram depois que o Museu Heinrich Harrer, localizado na cidade de Huttemberg, no estado austríaco da Caríntia, é conhecido por apresentar exposições de origem duvidosa. Beger, entretanto, confirmou que as fotos que lá foram exibidas da expedição nazi foram tiradas antes de 1939.

A EXPEDIÇÃO NAZI DE 1938

Mas o que foram essas expedições e por que geraram tanta polêmica? Como a maioria dos atos dos nazi, este projeto também objetivava buscar provas da existência dos arianos. Precisamos lembrar que, até então, tal conceito da existência dessa raça estava enraizado nos germânicos, mas ninguém conseguira provar que eles realmente teriam vivido. É claro que os próprios oficiais nazistas jamais admitiriam isso e este é justamente o motivo pelo qual trataram tantos projetos de pesquisa em segredo. Afinal, as massas que comandavam não precisavam saber se os arianos existiam ao não, bastava que acreditassem e que seguissem as ordens de Hitler e companhia.

Diz Goodrick-Clarke em sua obra *Sol Negro* sobre o assunto:

"A expedição para o Tibete em 1938-39 foi originalmente planejada como um projeto privado, mas Himmler ofereceu fundos ilimitados para colocá-la sob os auspícios da Agnenerbe. Suas idéias ocultistas sobre as origens semidivinas da raça ariana eram um forte motivo para seu interesse no Tibete. O líder da expedição, o Dr. Ernst Schäfer, era filho de um abastado industrial de Hamburgo. (...) O sucesso de sua expedição (anterior) atraiu a atenção de Himmler para Schäfer. Em seu primeiro encontro, em junho de 1936, Himmler explicou seu interesse na Teoria do Gelo Mundial (a do Gelo Eterno), segundo a qual dilúvios primordiais submergiram o antigo continente da Atlântida. Ele também mencionou sua crença de que a raça nórdica (que seria encarnação dos arianos) não evoluiu, mas desceu dos céus para se estabelecer na Atlântida. Himmler acreditava que os emigrantes arianos vindos da Atlântida fundaram uma grande civilização na Ásia Central. Por isso estava muito interessado nos estudos de Scäferb e desejava facilitar suas próximas expedições ao Tibete."

Se tal situação foi ou não do agrado da Schafër, não se sabe.

Essa expedição foi então patrocinada pela Ahnenerbe, o que só contribuiu para aumentar a polêmica sobre sua verdadeira missão. Na verdade Schäfer havia até então participado de três expedições diferentes, sendo a primeira em 1931, a segunda entre 1934 e 1935 e a terceira entre 1938 e 1939. Schäfer era zoologista especializado em ornitologia e somente liderou a última. As demais, com certeza com objetivos bem diferentes, foram lideradas por um norte-americano, o naturalista Brooke Dolan II.

Schäfer juntou-se às SS em 1933, mas apenas após o fim da II Guerra é que ele admitiu ter laços com a organização de Himmler, justificando o ator como "necessário para poder ver minha carreira avançar na Alemanha".

Vamos ver como essa idéia excêntrica surgiu. Como sabemos, desde o início, grande quantidade de tempo e recursos eram designados pelos altos comandantes nazi para pesquisar e criar um passado histórico, cultural e científico que auxiliasse a convencer as massas germânicas da existência da raça ariana e que os próprios alemães eram o resultado deles. O problema maior, ao ver deles, era fazer com que os homens voltassem a ser "super-homens", com a herança genética supostamente herdada dos antepassados arianos e que estaria presente em seus genes, porém de forma adormecida. Assim seriam necessárias estranhas e inusitadas ligações como a sangue-solo (já explicada neste livro) para conseguir o acesso aos poderes psíquicos típicos dos arianos.

Assim sendo, o que seria mais lógico do que partir em busca das origens arianas? Se levarmos em consideração que os nazis herdaram grande parte de sua simbologia das terras orientais e que a

própria Helena Blavatski admitiria que seus conhecimentos vinham de antigos documentos encontrados no Tibete, por que não enviar um grupo com a missão de obter essas provas irrefutáveis? Era uma época, afinal, em que o culto estava na moda e organizações misticas eram criadas, em geral conectadas com membros da elite das SS.

Assim, surgiu a expedição alemã para o Tibete. Sua missão: encontrar as origens da raça ariana. Para conseguir esta finalidade, o líder da expedição, Ernst Schäfer, solicitou a Bruno Beger que fizesse várias medidas naquele local de crânios e tamanhos de narzies (entre eles se acreditava que até a tamanho do nariz judeu era diferente, o que provaria a degradação da raça).

Vale lembrar que esta não foi a única expedição organizada com finalidades esotéricas. Outras também foram patrocinadas, mas seus objetivos eram bem diferentes: trazer para o Führer objetos místicos detentores de grande poder ou que dessem dons especiais para aqueles que os usassem, como o Santo Graal (veremos mais sobre esta peça mágica no capítulo seguinte) e a Lança do Destino, a relíquia que, acredita-se, teria furado o lado de Jesus na cruz.

Vejamos, agora, o que sabemos sobre a expedição. O grupo foi inicialmente composto por cinco pesquisadores e vinte guardas SS selecionados, foi notado pela primeira vez quando estava sob o alcance das autoridades britânicas na Índia em 29 de setembro de 1939. Na mesma época também chegava ao país uma expedição japonesa, composta por agentes do exército Kwantung (unidade do exército imperial japonês) para pesquisar o país e fazer contato com os habitantes.

Dessa forma, revemos o autor de *Sete Anos no Tibete*, Heinrich Harrer, aqui como representante das SS e membro da unidade alpinista, que escalou a cordilheira Elbruz (cadeia de montanhas próximas ao mar Cáspio) e fincou uma bandeira de suástica no topo em 1942. Mesmo essa atividade, que foi negada por Harrer quando este foi desmascarado como ex-nazi, seria uma ordem de Himmler, que considerava aquelas montanhas como lugar sagrado para os "Deuses Arianos de cordo com antigos cultos persas".

A repercussão dessa expedição foi grande e havia ordens de altos funcionários do partido nazi para que seus membros também se ocupassem com a pesquisa de textos sânscritos e rúnicos, numa tentativa de conseguir pistas que levassem ao descobrimento dos poderes arianos tanto alardeados. Entre os que se interessavam pelos objetivos da expedição estavam nomes como Rudolph Hess, o cientista racista Vacher von Lapouge, Hans Horbiger (o criador da teoria do Gelo Eterno, já comentada) e o líder da Ahnenerbe, Dr. Wolfram Sievers.

Indícios históricos parecem apontar para um objetivo bem diferente do alegado pelos pesquisadores. De acordo com certos relatórios, essa expedição deveria incluir "pesquisas de paisagens, clima e geografia" daquele país, além de estabelecer contato com as autoridades locais para a instalação de um grupo representativo por lá. Porém os estudiosos do nazismo esotérico afirmam que eles seguiam um programa de pesquisa com alguns pontos pré-estabelecidos, entre eles:

- Obtenção de documentos e textos que falassem do Vajrayana (Caminho Diamante) e do conhecimento de poderes paranormais.
- Estabelecer maneiras de contatar o reino fantástico de Shamballa.
- Estabelecer ligações com os seguidores das religiões Bön (do meio budista, é a tradição espiritual tibetana mais antiga) e outras.
- Permitir que alguns membros das SS recebessem a cerimônia do Kalachakra Tantra (a prática de controle de energias interiores de cada ser humano para ajudar na iluminação espiritual). Contatar um certo Tulpa ou Tulku, um enviado do Tibete que seria uma encarnação especial para ajudar Hitler em sua função especial de "líder espiritual da causa ariana".

Resta-nos saber por que o contato com essas religiões tinha tanta importância para os membros da expedição. Aparentemente, os primeiros seguidores das linhas Bön (como também de uma outra, chamada Dugpa) eram conhecidos como “Mestres do Mundo” e possuíam supostos poderes de controle mental, controle das massas, magia negra e telepatia, entre outros dons. Teriam sido eles os criadores de termos como “subraças”, “super-homens” e “sexta raça principal”, entre outros. Notem os leitores que se tratam das mesmas palavras usadas pelos nazis em suas doutrinas como a do Gelo Eterno e que essas mesmas correntes tibetanas usavam a cruz gamada orientada para a esquerda.

PRODUTOS DA EXPEDIÇÃO

Os membros dessa expedição retornaram à Alemanha com um resumo completo do texto sagrado de *Kangyur*, uma coleção de textos clássicos escritos em sânscrito que remontam a pelo menos 2500 anos atrás e que ficaram registrados em 108 volumes. Além disso trouxeram exemplos de mandalas, muitos outros textos e um suposto documento onde o Dalai Lama reconhecia a Hitler como a rala ariana conquistara o mundo. Tais documentos foram guardados pela Ahnenerbe, enquanto outros eram conservados pelo próprio Hitler e por Himmler no bunker do Reichstag (ou seja, do Parlamento).

Outras fontes citam que a expedição também tinha por objetivo, além de contatar o Dalai Lama, visitar as cidades sagradas de Lhasa (região autônoma do Tibete) e Shigatse (a segunda maior daquele país). Mesmo com as dificuldades do tempo de guerra, o grupo conseguiu contatar as autoridades tibetanas. Há fotos da época que mostram Harrer, Schäfer e alguns outros colegas com as autoridades numa sala decorada com faixas pretas e brancas das SS, além de bandeiras do Tibete e nazis, com a suástica. Há outras que registram momentos como Schäfer no Palácio de Potala (principal residência do Dalai Lama), em Lhasa, e ainda outros membros da expedição em pesquisas nas montanhas tibetanas.

Há boatos recorrentes tanto em vários livros (como em *Archeologi di Himmler*, de Marco Zagni) quanto em páginas da Internet que tratam do assunto sobre cavaleiros SS tibetanos que teriam lutado juntamente com unidades estrangeiras SS no fronte leste durante a II Guerra. Essas mesmas fontes também falam sobre o fato dos russos terem encontrado alguns cadáveres de monges hindus e tibetanos mortos num bunker desenterrado das ruínas de instalações pertencentes à Ahnenerbe em Berlim.

Em agosto de 1939 Harrer aguardou ordens que viriam de Nagna Parbat, uma das mais altas montanhas da Índia, de onde viria um grupo para apanhar o seu. Depois disso os fatos começam a ficar confusos. O que aconteceu a Harrer, sobre o qual já falamos à respeito, é um dos poucos destinos de um membro dessa expedição perfeitamente documentado.

Para Goodrick-Clarke, entretanto, a simples presença da expedição na fabulosa terra do Tibete foi o suficiente para que elos ocultos surgissem. Há quem tivesse notado que Schäfer fez muitos contatos com vários lamas em diversos mosteiros, o que teria feito com que levasse parta a Alemanha "espécies 'arianas' de cavalos e de abelhas". Mais absurdo é uma versão que o pesquisador levanta e que diz:

"Diz-se que um certo Karo Nichi, o embaixador da Agharta tibetana em Berlim, guiou a expedição de Schäfer com o objetivo de levar equipamento de rádio para comunicação entre Berlim e Lhasa."

E acrescenta um pensamento que todos, a esta altura, já sabem:

"O duradouro fascínio dessas histórias de estranhas missões nazis a locais remotos permanece constante na literatura popular. Os projetos esotéricos de Himmler até mesmo apareceram nos filmes muito bem-sucedidos de Indiana Jones, do diretor Steven Spielberg."

Que as histórias são fascinantes, não há como negar. O problema maior para o leitor do século

XXI é crer que, em alguma parte do tempo, alguém possa ter obtido uma crença tão forte nesses mitos a ponto de gastar “recursos ilimitados” para conseguir uma prova concreta de uma raça que só existiu na imaginação doente dos nazistas e na esotérica dos teósofos.

CAPÍTULO 10
OTTO RAHN: OS CÁTAROS, OS TEMPLÁRIOS E O SANTO GRAAL

A maioria das figuras históricas ligadas ao movimento nazi não passa, hoje, de uma pálida lembrança da importância momentânea que tiveram em suas épocas. Fora o próprio Hitler, poucos são lembrados por terem uma atuação à parte do Führer ou das idéias então predominantes.

Uma exceção pode ser feita com o escritor e pesquisador Otto Rhan. Especialista em época medieval e membro das SS, este que seria uma das figuras mais fascinantes e ao mesmo tempo independentes do movimento nazi nasceu em 1904 em Michelstadt, no sudoeste da Alemanha.

Ainda hoje há muita especulação sobre as pesquisas que Rhan conduzia, principalmente devido às circunstâncias misteriosas que rodeiam sua morte, em 1939. O que se sabe de concreto é que ele tinha um grande fascínio em particular pelas lendas de Parsifal, do Santo Graal, Lohengrin (descrito como filho de Parsifal) e pela saga dos Nibelungos.

Enquanto freqüentava a Universidade de Geissen, na Alemanha, foi inspirado por seu professor, o barão Von Gall, ligado ao movimento herético chamado catarismo (sobre o qual falaremos mais para frente) e passou a se interessar pelo massacre ocorrido em Montsegur. Esse interesse era tanto que o pesquisador sempre teria afirmado que o assunto o havia cativado por completo.

Toda a extensão de seu trabalho pode ser encontrada em dois livros que ele escreveu sobre o assunto: *Cruzada Contra o Graal* (já editado pela Via Occidentalis) e *A Corte de Lúcifer na Europa*. Esses livros influenciaram vários autores modernos, dos quais um deles foi o francês Jean-Michel Angebert, autor de *Hitler e as Religiões da Suástica* (já editado em Portugal), especialista no estudo da história das religiões e nos problemas das sociedades contemporâneas.

Curiosamente, entretanto, os livros de Rhan nunca foram traduzidos para o inglês. E para os aficcionados pelo best-seller de Dan Brown, *O Código da Vinci*, é importante lembrar que uma das fontes do romance, o livro *O Sangue de Cristo e o Santo Graal* (de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln) cita seu nome numa pequena nota de rodapé que, mesmo assim, intriga ao leitor mais atento.

Isso porque Rahn aparece ligado a um tema que intriga as pessoas há séculos e que, recentemente voltou às atenções graças ao romance de Dan Brown, que é o mito do Santo Graal. Dentro da temática abordada por todo este livro, esta seria apenas mais uma lenda levada a sério pelos nazis que, com certeza, se empenharam em buscar o paradeiro de sua verdadeira forma, já que muitos afirmam que nem sempre o Graal seria a taça com o sangue de Cristo coletado. Angebert conta em seu livro:

"Em todas as literaturas se menciona um objeto com virtudes extraordinárias que, a partir de certa época, teria desaparecido misteriosamente. A interpretação simbólica do Graal, correntemente admitida, consiste em identificá-lo com a taça onde Jesus se serviu na última ceia e onde José de Arimatéia recolheu o sangue do Salvador, proveniente da ferida feita por uma lança

do centurião Longinus(...). Todavia, sem antecipar o tema, notemos que a perda do Graal (vaso sagrado do conhecimento) ou de um símbolo equivalente pode assimilar-se à perda da Tradição, com tudo o que isso implica de conhecimento espiritual."

Qual seria a importância dessa pesquisa de Rhan? Por que encontrar o Graal era tão importante? E por que ir atrás desta peça justamente entre as ruínas de um movimento religioso que viu seu ápice na região do Languedoc, no sul da França, entre os séculos XII e XIII?

Para tanto teremos que rever, rapidamente, alguns dos conceitos que envolvem este assunto. Mas antes devemos lembrar ao leitor que Rahn era considerado em sua época "um especialista de grande futuro" e que, como pode ser visto em seu livro sobre o assunto, afirmava que o Graal estava mesmo em Montesgur (que eqüivaleria ao Montsalvat ou Mont du Salut, conforme designações nas lendas do ciclo do Rei Arthur) e que os verdadeiros guardiões dessa peça seriam mesmo os cátaros. Em 1931 ele passou cerca de três meses na região e só voltou para lá em 1937, depois que *Cruzada Contra o Graal* foi editado. Uma terceira ida foi organizada, mas nunca aconteceu. Angebert conta que em 1945 corriam boatos de que Rahn tinha sido decapitado pelos nazis em um campo de concentração. Uma outra versão, levantada pelo escritor francês Marc Augier de Saint-Loup, é baseada em informações obtidas junto à autoridades da então República Federal da Alemanha, em Bonn. Rhan teria se suicidado com uma dose de cianureto "no cimo da montanha Kufstein, por motivos de ordem político-místicos e também por razões íntimas" provavelmente no mês de março de 1939. O motivo ninguém pode afirmar com certeza (nem mesmo Saint-Loup se atreveu a tanto), mas há quem especule que as verdadeiras naturezas de suas pesquisas o colocaram em contato com a "verdadeira nobreza humana", que ia contra os ideais vigentes nazis. Assim, pressionado por essas revelações, havia duas alternativas: ou ele seguia o movimento vigente ou se matava. E assim ele teria seguido os passos dos cátaros, a quem realmente admirava, e praticado a endura, uma espécie de suicídio místico, realizado por alguns albigenses que eram presos e torturados. Essa morte, de acordo com suas crenças, não de modo nenhum condenável, pois "abandonavam a vida por amor do ser".

OS TEMPLÁRIOS E OS CÁTAROS

Antes de continuarmos a falar sobre Otto Rhan é necessário lembrarmos um pouco sobre o movimento cátaro. Pela mitologia dos caçadores de tesouros o Santo Graal sempre estará ligado a dois grupos religiosos que têm sua existência comprovada historicamente: os Cavaleiros Templários e os Cátaros ou Albigenses.

Muito já foi falado sobre a história dos Templários, por isso não iremos repetir tudo o que se sabe sobre essa Ordem de Cavaleiros que é hoje um dos maiores mistérios ligados à igreja católica. Basta lembrarmos que eles são conhecidos por terem supostamente passado muitos anos acampados no Monte do Templo, em Jerusalém, e terem usado os chamados Estábulos de Salomão, onde teriam feito escavações e encontrado algo sob as ruínas. Alguns escritores acreditam que era o Santo Graal, outros a Arca da Aliança, e por aí vai.

Escritores como Dan Brown aproveitaram as várias lendas sobre estes históricos e trágicos personagens para se valer dos contos que dizem que os Templários teriam retirado o tesouro (seja ele o Graal, a Arca da Aliança ou outro qualquer) quando da queda da cidade de São João de Acre, na Palestina, capital dos cruzados por um século após a perda de Jerusalém nas mãos dos muçulmanos em 1291.

Da mesma maneira que se especulou a posse de tesouros (que jamais foram encontrados ou se sabe qualquer registro histórico que comprovasse sua existência) por parte dos Templários, outro grupo, o dos Cátaros, também foi tido como guardião e protetor de tesouros, incluindo o Santo Graal. Fontes históricas francesas sugerem (sem nenhuma prova) que o Santo Graal teria passado das mãos dos Templários para a dos Cátaros e que teria sido levado para local desconhecido quando do cerco de sua fortaleza Montségur, em 1224 (não é preciso ser historiador para ver que as datas deste acontecimento e da queda de Acre não batem, pois uma é antes da outra).

Mas o que sabemos hoje em dia sobre os Cátaros? Os arquivos da própria seita se perderam quando do processo da Igreja Católica contra eles (ou seja, foram queimados). O que se sabe, claro, vem dos processos católicos contra eles, registrados pela Inquisição que, historicamente, não eram bem o que se pode chamar de politicamente correta.

Foram estes que os erradicaram da região do sul da França conhecida como Languedoc por meio de uma cruzada, criada e orientada a mando do papa Inocêncio III. O fascínio de suas doutrinas, entretanto, chegou até os dias de hoje e gerou movimentos que estão em plena atividade na mesma região da França.

A palavra cátaro vem do grego katarós, que significa “puro”. Também ficaram conhecidos por albigenses, pois se concentrariam mais na cidade de Albi, tida como um dos grandes centros de influência herética no sul da França. Floresceram no século XII, um período em que, por causa das cruzadas e do constante fluxo de pessoas entre a Europa e a Terra Santa, os contatos entre Oriente e Ocidente eram tais que muitas idéias e filosofias foram trazidas de terras distantes e ganharam adeptos europeus. Era uma época em que as cruzadas estavam no auge e os mercadores traziam essas idéias junto com suas mercadorias. Uma delas, que deu origem ao catarismo, era o maniqueísmo.

O maniqueísmo é uma religião de origem persa, que deve o seu nome ao lendário Manés (ou Manion Manique, 215-276), da Babilônia, que teria vivido nos primeiros séculos da nossa era, talvez no século III. Mane, que se dizia “filho da luz”, seguia os ensinamentos de Zoroastro e defendia uma reforma religiosa que procurasse a transcendência e a libertação das ilusões da vida terrena e corpórea. Tinha um pensamento dualista, ou seja, para ele o mundo material era ruim, enquanto o espiritual era o bom. São dois reinos: o da luz, dominado por Deus (identificado como

Ormuzde ou Ahura Mazda) e o das trevas, domínio de Satã (Ahrimã ou Anrô Mainiu). O homem, preso por Satã, luta sem descanso para se libertar das trevas e readquirir a luz. Sua libertação só poderá acontecer mediante uma vida austera, passando por três selos ou mortificações: o selo da boca (jejum), o da mão (abstenção do trabalho) e o do ventre (castidade).

Um maniqueísmo teve como um de seus mais famosos discípulos Madek (do século VI), que afirmava que todo o mal do mundo era causado pelo desejo de posse de fortuna e mulheres. Por isso, pregava que estes mesmos itens deviam ser de posse comum, ou seja, de usufruto de todos.

Esta doutrina estendeu-se da África do Norte até a China e, embora fosse combatida tanto pela Igreja quanto pelos governos dos países onde entrava, prolongou-se até a Idade Média, quando ressurgiu com os cátaros. No século XII as pessoas viam a decadência do clero. A Igreja era uma potência, com seus padres e bispos vivendo no luxo e perdoando pecados em troca de dinheiro. Esse era o clima ideal para o surgimento de uma seita que se enraizou primeiramente no norte da Itália (graças aos intercâmbios culturais entre Veneza e o mundo bizantino) e, de lá, se espalhou para cidades como Milão, Lombardia e Florença, e depois para outros países como Alemanha (onde apareceu pela primeira vez a palavra cátaro, em 1163), Flandres, Inglaterra (onde são chamados de lolardos) e no sul da França. O medo das represálias da Igreja fez com que os cátaros mantivessem seus credos em silêncio.

Porém, a popularização do movimento atraiu tanta gente que os seguidores passaram a agir abertamente, já que dispunham da proteção de senhores feudais. Não demorou muito para o catarismo e outro movimento ligeiramente semelhante, chamado de valdensianismo (criado em Lion por Pedro Valdo em 1176) se tornassem as religiões predominantes do Languedoc.

O que os tornava tão perigosos para a Igreja? O principal motivo do conflito foi mesmo suas crenças, que iam de encontro com as de Roma. Por exemplo, enquanto os católicos viam a salvação obtida por meio do sofrimento físico de Jesus, para os cátaros a redenção não vinha de Sua morte, mas sim de sua vida. Para estes, o mundo físico é imperfeito, portanto não poderia ser criação de um Deus perfeito.

Rejeitavam toda a visão bíblica da criação, por isso chegavam, por extensão, a rejeitar todo o Antigo Testamento (de acordo com João Ribeiro Júnior, em seu livro *Pequena História das Heresias*, eles chegaram a reescrever o Novo Testamento e elaborar uma mitologia inteira a fim de substituir o Antigo Testamento). Para os cátaros, a humanidade tinha sido moldada pelo demônio. Para um cátaro alcançar a salvação era necessário conhecer o verdadeiro destino e origem da humanidade e só poderia obter isso por meio da renúncia do mundo satânico da carne e levando uma vida de abstinência e pobreza.

Assim, para os cátaros o homem, que foi criado por Deus (o lado bom) é prisioneiro da matéria. Esta, que foi criada por Satã (identificado como Javé), está presa ao mundo. O dualismo, herdado do maniqueísmo, é a luta da carne contra o espírito. Assim, para nos salvar, Jesus (que seria um anjo) teria se revestido de um "corpo aparente" (algo ilusório) para que pudesse transmitir-nos a maneira de obter essa libertação. A salvação, neste caso, seria "a libertação das parcelas de luz perdidas nas trevas do corpo". Acreditavam na reencarnação: se alguém falhasse nesta vida, teria uma próxima chance de conseguir seu intento. A cruz de Cristo, para eles, era um símbolo falso, pois não teria havido uma morte real (física), já que Jesus era um ser espiritual. Seu serviço eclesiástico era composto de uma leitura do evangelho, um breve sermão, uma bênção e a Oração do Senhor. Esse serviço podia ser feito em qualquer lugar.

Essa abordagem simples da liturgia teria, segundo alguns estudiosos, antecipado a simplicidade de seitas protestantes de épocas posteriores.

ORGANIZAÇÃO DA IGREJA CÁTARA

Pouco se sabe sobre como os cátaros se organizavam. O pouco que conseguiu chegar até nós dá uma idéia até certo ponto vaga, mas consistente. Tinha duas classes ou graus. A primeira, que englobava os leigos, era conhecida com o nome de crentes ou auditores. A segunda era composta pelos perfeitos ou eleitos, que enfrentavam um período de prova de dois anos.

Os crentes tinham regras para fazer seu jejum e não podiam comer carne, ovos ou leite. A principal obrigação desta casta era adorar e alimentar os perfeitos. Os crentes jamais poderiam aspirar ascender à casta dos perfeitos, considerados de alto nível. No leito de morte podiam receber o consolamentum (batismo espiritual), que combinava características de batismo, confirmação e ordenação. Caso não morresse, era colocado em regime de fome.

Os perfeitos tornavam-se membros desta casta depois do período anterior mencionado, no qual renunciavam a todos os bens terrenos e viviam comunalmente com outros da mesma classe. Evitavam as tentações da carne isolando-se completamente do convívio com o sexo oposto, além de fazer voto para nunca dormirem nus. Eram completamente contra a união sexual, pois perpetuava a vida e aprisionava mais um espírito no mundo espúrio material.

Praticavam o jejum absoluto três vezes por ano, condenavam o serviço militar e tinham o suicídio como ideal de santidade, sendo sua forma mais perfeita a endura, onde passavam fome até morrer.

Uma pessoa podia ingressar na igreja catar por meio de dois ritos de iniciação. O primeiro era a conveneza (palavra de origem ocitânia, a língua dos cátaros, que significa acordo ou pacto), um acordo onde o crente era consolado na hora da morte mesmo que não estivesse consciente e em condições de recitar o Pai-Nosso em voz alta. O segundo era o consolamentum, já citado, feito de forma espiritual, nunca com água que, como qualquer coisa material, é maldita. Era necessário passar por este para se tornar um perfeito.

O consolamentum acontecia em duas partes: o servitium era uma confissão geral feita pela assembléia; e o Pater Noster que era uma cerimônia onde o candidato prostrava-se diante do bispo-chefe e rogava para que este o abençoasse e intercedesse junto a Deus por ele enquanto renunciava à Igreja romana e à cruz traçada na cabeça na hora do batismo. Essa cerimônia terminava com a troca de beijos entre os presentes, chamada de paz.

Havia ainda dois outros sacramentos conhecidos: a Penitência e a Quebra Do Pão, uma espécie de comunhão, já que não acreditavam na material transubstanciação. Cada igreja cátara tinha um bispochefe, que era auxiliado por dois perfeitos, identificados como filius maior e filius minor, que também recebiam a denominação de bispos. Quando o chefe morria, o cargo era automaticamente passado para o filius maior.

O SANTO GRAAL

Madalena foi muito associada ao Graal, inclusive como sua guardiã, muito antes de elegerem José de Arimatéia, o guardião oficial. O mito moderno associou o Graal de tal forma à imagem do cálice que se tornou quase impossível dissociá-lo deste. Porém, é só esquecermos por um momento da versão Dan Brown e verificarmos como era este estranho e misterioso objeto que, para muitos estudiosos, não é certo de ter existido, mas admite que possui um valor simbólico e que pode representar a união mística (e não carnal) de Jesus e Madalena.

Como foi dito anteriormente, a idéia do Graal foi apresentado em várias narrativas principalmente medievais de várias formas: uma taça, um cálice, um caldeirão de abundância, uma relíquia ligada ao Sangue de Cristo, um copo, uma cuia, uma travessa de prata, um prato, uma pedra do céu (um meteoro), uma espada, uma lança, um peixe, um livro, o maná, uma cabeça decepada (eco dos templários?), ume mesa, um arpão, um pombo com uma hóstia no bico, um evangelho secreto, uma luz resplandecente, uma lança branca que sangra, entre outras. Por exemplo, para Chrétien de Troyes, um dos primeiros a contar a história da busca pelo Graal, *Le Conte Du Graal*, este é uma travessa que carrega uma única hóstia da Eucaristia. Em outra obra, *Queste Del Saint Graal*, é o prato onde Jesus comeu o cordeiro da Páscoa, que contém as hóstias. Em *Perlesvaus*, obra de autoria anônima, há pelo menos cinco formas diferentes do objeto.

Há, claro, a versão oficial para o Graal, segundo o Vaticano. Este estaria na Catedral de Valença, na Espanha. Porém o título do verdadeiro Graal tem seus concorrentes, em países tão diversos quanto suas formas. Há uma vasilha de madeira encontrada no País de Gales, um cálice de vidro em Gênova, na Itália, e até um vaso que estaria escondido dentro da famosa Coluna do Aprendiz, na Capela de Rosslyn, na Escócia. A famosa Capela, inclusive, é apontada pelo escritor Andrew Sinclair como um testemunho em pedra de possíveis feitos notáveis dos Templários, que teriam estado no Novo Continente (a América) anos antes de Cristóvão Colombo e para lá levado o Santo Graal para um esconderijo indeterminado. De fato, é possível ver na capela relevos que retratam o milho, planta desconhecida na Europa na época dos Templários.

Uma das versões mais curiosas sobre um candidato a Graal é descrita pela escritora Karen Ralls no livro *Os Templários e o Graal*. Ela conta sobre um cálice de vidro verde capturado na cidade de Cesaréia, na Terra Santa, por Guglielmo Embriaci, membro de uma poderosa família genovesa que se destacou nas cruzadas dos séculos XI e XII. O cálice foi entregue aos cuidados da Catedral de São Lourenço, de onde foi, anos mais tarde, levado para Paris por Napoleão Bonaparte. Porém, durante um exame científico, o cálice se quebrou em 11 pedaços, dos quais 10 foram devolvidos para Gênova em 1816. O Louvre, porém, reteve o décimo primeiro.

Na obra já citada do trio de escritores britânicos Baigent/Leigh/Lincoln, há provas, como a obra *Percival*, de Wolfram von Eschenbach, que descrevem o Graal não como um objeto, mas como uma experiência de algum tipo. Dizem eles:

"Existem poucas dúvidas de que, em um certo nível, o Graal é uma experiência de iniciação que, na terminologia moderna, seria descrita como transformação, ou estado alterado de consciência. Alternativamente, ela pode ser descrita como uma experiência gnóstica, mística, uma iluminação ou união com Deus."

Assim deixamos de ver o Graal como um objeto e passamos a encará-lo como algo não palpável,

algo reservado a apenas alguns iniciados. Seria daí que teria partido a idéia da identificação de Madalena como o Graal?

A própria palavra suscita especulações como a vista em *O Código da Vinci*, em que Santo Graal viria de Sang Raal que seria uma corruptela de Sangue Real. No mistério de Rennes-le-Chateau as imagens dos santos que estão dentro da Igreja de Maria Madalena (São **G**ermano, São **R**oque, Santo **A**ntônio de Pádua, Santo **A**ntônio Eremita e São **L**ucas) formam o nome do Graal.

DE VOLTA A OTTO RHAN

Rahn acreditava haver uma ligação direta entre a obra de Von Eschenbach, *Parsifal*, e os cátaros. Estes teriam colocado algumas pistas para a solução desse mistério dentro de uma caverna, mais especificamente na Gruta de Lombrives, no sul dos Pirineus (há até uma foto dele na gruta no livro de Angebert). Essa gruta, conhecida como "Catedral de Lombrives", foi o local onde, após a queda de Montsegur, um bispo Cátaro, um Perfeito chamado Amiel Aicard, tomou como sua moradia. Aicard teria recebido ordens para deixar a fortaleza sitiada durante a noite da rendição em 1244, levando consigo o "Tesouro dos Cátaros". Outro possível local de esconderijo do Graal teria sido o próprio castelo de Montsegur, onde ele também investigou.

Rahn acreditava também ser possível rastrear uma espécie de "descendência tradicional" que ligaria os cátaros aos druidas convertidos ao gnosticismo maniqueísta. Ele via nos restos da cultura encontrados em Montsegur fortes semelhanças com a cultura celta.

Todas essas idéias tornaram-se comuns e aceitas por aqueles que investigaram o passado cátaro e as relações entre estes e os Templários. Para muitos pesquisadores modernos foi Otto Rhan quem se tornou responsável pela complexidade mitológica que associa os Cátaros e Montsegur com o Santo Graal e seu mítico castelo.

Para Rhan os cátaros teriam sido os verdadeiros guardiões do Santo Graal e que, escondidos nos romances medievais sobre o assunto está a essência do catarismo. A Busca pelo Graal seria, então, uma representação simbólica da iniciação cátara e o Graal em si, um símbolo da Tradição Secreta dos Cátaros.

Foi no começo de 1929 que Rhan fez sua primeira aparição na região do Languedoc. Estabeleceu-se na vila de Lavelanet. Passou três meses explorando as ruínas de Montsegur bem como as grutas ao redor de lá.

Nigel Pennick, por sua vez, afirma que Rahn conhecia a "geografia sagrada" (linhas imaginárias que unem pontos importantes da paisagem do Languedoc) e que, por sua vez, obteve esse conhecimento de seus estudos sobre os Templários e os druidas. Graças a seus muitos encontros com os habitantes locais é que o pesquisador nazi reuniu suas informações sobre os cátaros.

Em 1931 Rahn fez explorações extensivas nas grutas da área sul de Montsegur, principalmente em Ornoloac (cujo registro fotográfico também se encontra no livro de Angebert) e Lombrives. Nessa época foi descrito pelos habitantes locais como "um eterno adolescente com uma paixão sobrehumana pelo Graal e pela Tradição Hermética". Nas grutas de Sabarthes ele encontrou câmeras nas quais as paredes estavam cobertas de símbolos característicos dos Templários, o que confirmava sua teoria de que os cavaleiros do templo e os cátaros tiveram ligações fortes no passado. Um desses desenhos, que mostrava uma lança, seria uma prova de que a lança que sangrava dos mitos arthurianos também era conhecida pelos que fizeram tais marcas.

Ao retornar para a Alemanha em setembro de 1932 e publicar *Cruzada Contra o Graal*, Rhan tornou públicas suas teorias de que "Não só os personagens de *Parsifal* eram moldados em pessoas reais como o próprio personagem-título seria um cátaro de Carcassone, uma das vítimas da Cruzada Albigense. O eremita Trevrizent seria o Bispo cátaro Guilhabert de Castres, o rei Anfortas, Raimundo-Rogerio de Foix e Montsegur, Montsalvage." Como este castelo era protegido, pela história, por uma fonte, Rahn também identificou a referência como sendo a fonte intermitente de Fontestorbes, localizada a alguns quilômetros do Pog (ou seja, do rochedo) onde fica o último bastião cátaro. Também afirmou que a floresta que ficava ao redor de Montsavage era chamada "Briciljan" e que o Bosque de Priscilien (que tem a mesma pronúncia) é próxima a Montsegur.

Mas os que seria o Graal? Para Rahn seriam várias pedras com inscrições rúnicas. Ele afirmava que havia uma esmeralda de 144 faces (ou 144 pedras incrustadas numa esmeralda) que teria pertencido à Coroa de Lúcifer, que simbolizada seu terceiro olho, e que caiu na terra, precisamente em Montsegur.

Foi pouco depois da publicação de sue livro que Heinrich Himmler se interessou por Rahn e o convenceu a se unir às SS. Inicialmente membro da Ahnenerbe, Rahn logo teve seus talentos reconhecidos por seus superiores e logo se tornou um membro das SS. Um amigo íntimo, Paul Ladame, sempre insistiu que ele se uniu porque não havia opção. Para ele, Otto era apenas um pesquisador sem nenhuma tendência a ser racista ou mesmo nazi. Assim, quando Himmler ofereceu-lhe um salário e liberdade de conduzir suas próprias pesquisas Rhan aceitou porque, caso contrário, teria sido preso.

Correm rumores de que Rahn teria fundado um círculo neocátaro dentro das SS. Em setembro de 1935 escreveu com grande excitação para seu chefe da Ahnenerbe sobre os lugares visitados em sua busca por tradições ligadas ao Graal na Alemanha e pediu sigilo completo sobre o assunto.

Mesmo com tanta liberdade entre os nazis, Rahn não escapou de ter um fim trágico. Alguns firmam que ele enfrentou problemas por ser um homossexual de origem judia, mas nenhuma prova disso jamais foi encontrada. Em carta a um amigo, entretanto, ele deixou escapar algumas pistas a respeito do que sentia sobre o rumo da Alemanha:

"Tenho muita pena de meu país. Há 14 dias estava em Munique. Dois dias depois preferi ir para as minhas montanhas. Impossível para um homem tolerante e liberal como eu viver na nação que meu país natal se tornou."